

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Adriano Beiras

**A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS SOBRE MASCULINIDADES E
PATERNIDADES EM CONTEXTOS POPULARES DE
FLORIANÓPOLIS**

FLORIANÓPOLIS

2007

Adriano Beiras

**A NEGOCIAÇÃO DE SENTIDOS SOBRE MASCULINIDADES E
PATERNIDADES EM CONTEXTOS POPULARES DE
FLORIANÓPOLIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Mara Coelho de Souza
Lago.

FLORIANÓPOLIS

2007

Adriano Beiras

A negociação de sentidos sobre masculinidades e paternidades em contextos populares de Florianópolis

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 15 de março de 2007.

Dr^a. Andréa Vieira Zanella
(Coordenadora PPGP/CFH/UFSC)

Dr^a, Mara Coelho de Souza Lago
(PPGP/UFSC-Orientadora)

Dr. Benedito Medrado-Dantas
(UFPE-Examinador)

Dr. Fernando Aguiar Brito de Souza
(PPGP/UFSC-Examinador)

Dr^a Maria Juracy Filgueiras Toneli
(PPGP/UFSC-Examinadora)

A Dilson e Mariana, meus pais.

AGRADECIMENTOS

À minha família, principalmente ao meu pai pelo apoio financeiro e confiança.

Aos meus queridos professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial a Prof^a. Dr^a. Maria Chalfin Coutinho, pela amizade e apoio, Prof^a. Dr^a. Maria Juracy Filgueiras Toneli, pelas grandes parcerias e amizade e ao prof. Dr. Fernando Aguiar, pelas valiosas contribuições psicanalíticas.

Aos amigos Maria Tereza, Raquel, Alexsandro, Michelli, Simone, Pablo e, em especial, a Márcia, grande amiga que, mesmo à distância, acompanhou cada passo da escrita, apresentando importantes contribuições, sempre acreditando em meu sucesso. Foi com o apoio intenso e carinhoso de todos estes amigos, e de outros que não menciono, que consegui realizar este trabalho.

Aos colegas das aulas de Diálogos de Teses que, com atenção, leram meus manuscritos e teceram preciosas sugestões. Agradeço também a toda a *Equipe Margens* (bolsistas, estagiários, colegas de mestrado e doutorado e professores), pela valiosa parceria, dicas acadêmicas, apoio, leituras e artigos conjuntos, os quais me proporcionaram a realização de um mestrado único, com enorme crescimento acadêmico.

À CAPES, pelo apoio financeiro, importante para a dedicação integral a este trabalho.

E para finalizar, a quem com muito carinho e respeito orientou este trabalho, tornando-se um feliz encontro em minha vida acadêmica, Prof^a. Dr^a. Mara Coelho de Souza Lago.

“Pesquisar é isso. É um itinerário, um caminho que trilhamos e com o qual aprendemos muito, não por acaso, mas por não podermos deixar de colocar em xeque ‘nossas verdades’ diante das descobertas reveladas, seja pela leitura de autores consagrados, seja pelos nossos informantes, que têm outras formas de marcar suas presenças no mundo. Eles também nos ensinam a olhar o outro, o diferente, com outras lentes e perspectivas. Por isso, não saímos de uma pesquisa do mesmo jeito que entramos porque, como pesquisadores, somos também atores sociais desse processo de elaboração” (Nadir Zago, 2003, p. 307 e 308)

BEIRAS, Adriano. **A Negociação de Sentidos sobre Masculinidades e Paternidades em Contextos Populares de Florianópolis**. Florianópolis, 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mara Coelho de Souza Lago

Defesa: 15/03/2007

RESUMO

Estudos sobre paternidades e masculinidades têm adquirido maior visibilidade na literatura científica brasileira nos últimos anos. No que se refere à paternidade, diversas pesquisas buscam compreender a interação entre pais e filhos no ambiente familiar, compreender seus sentidos, práticas e configurações. Com relação aos estudos de masculinidades, ocorreu uma significativa intensificação destas pesquisas nos anos 80 e 90, impulsionadas principalmente pelos estudos de gênero. Esta dissertação de mestrado se propôs investigar a negociação de sentidos sobre masculinidade e paternidade em contextos populares de Florianópolis, a partir de pesquisa exploratória. O trabalho de campo foi realizado através de entrevistas livres, inspiradas no modo etnográfico de pesquisar, com jovens homens e seus pais. A população pesquisada constituiu-se de cinco jovens, os pais de três deles, duas mães, o irmão de um e a companheira do pai de outro dos informantes. A concepção de sujeito e a orientação teórica da dissertação fundamenta-se no diálogo com a psicanálise freudo-laciana e com teóricos/as dos estudos de gênero, masculinidades e paternidades, com especial atenção à produção latino-americana, no que se refere aos dois últimos temas. As tensões entre diferentes práticas de ser pai e homem com a ruptura de um modelo ideal hegemônico e o fortalecimento de novas formas de expressão de paternidade e masculinidade, marcam as histórias dos sujeitos estudados, conforme seus relatos. Se um modelo hegemônico de masculinidade persiste e se ressignifica em alguns dos discursos analisados, já não o faz com exclusividade. Em meio à complexidade dos processos identificatórios e à constatação de uma história de rupturas e transformações, a paternidade, em suas práticas e sentidos, é reinventada. Os discursos sobre paternidade e masculinidade apontam para um momento de mudanças, onde o antigo e o novo convivem e se superpõem nos relatos dos entrevistados. As posições de pai e de homem dos sujeitos desta pesquisa encontram-se e desencontram-se na construção das subjetividades dos informantes, ampliando a arena de possibilidades de expressão de masculinidades e de exercícios de paternidade, evidenciando, em alguns casos, movimentos de mudanças. Os modos tradicionais de ser homem reinventam-se e mesclam-se a novos modelos de masculinidades. Neste campo de possibilidades de novas subjetivações, as mulheres tiveram fundamental participação, influenciando e definindo mudanças, sendo importante ressaltar o seu lugar na construção dos sentidos atribuídos à masculinidade e à paternidade, pelos jovens homens entrevistados e seus pais.

Palavras chaves: masculinidades, paternidades, gerações, discursos.

ABSTRACT

Studies on paternities and masculinities have acquired greater visibility in Brazilian scientific literature in the past few years. On the paternity matter, many researches seek to understand the interaction between parents and children in the family environment, to understand its meanings, employs and settings. On the studies of masculinities, a meaningful increase of these researches occurred in the 80's and 90's, stimulated mainly by the studies of gender. This Masters Thesis aims to investigate the negotiation of meanings of masculinities and paternities in low-income areas of Florianópolis, through an exploratory research. The field work was carried through free interviews, inspired in the ethnographic research model, with young men and their parents. The group interviewed consisted of five young men, both parents of three of them, mothers of the other two, the brother of one, and the companion of the father of another one. The conception of subject and the theoretical orientation of this dissertation were based on the dialogue between Freud-Lacanian psychoanalysis and the studies of gender, masculinities and paternities – with special attention to the Latin American production as for the last two themes. The tension in the exercise of being a father and a man, with the rupture of an ideal and hegemonic model and the strengthening of new ways to express paternity and masculinity, mark the histories of the studied subjects, as they related. If a hegemonic model of masculinity persists and it is resignified in some of the analyzed speeches, it does not happen with exclusiveness. Amid the complexity of the processes of identification and the verification of a history of ruptures and transformations, the paternity, in its practices and meanings, is reinvented. The speeches on paternity and masculinities point to a moment of changes, where the old and the new coexist and overlap in the accounts of the interviewed ones. The position of father and the position of man meet and fail to meet in the construction of the subjectivities of the informers, extending the possibilities for the expression of masculinities and paternity, evidencing, in some cases, movements of changes. The traditional ways of being a man get reinvented and mixed with new models of masculinities. In this field of possibilities for new subjectivations, women played an essential part, influencing and defining changes, being important to emphasize their place in the construction of meanings attributed to masculinity and paternity, for the young men interviewed and their parents.

Keywords: masculinities, paternities, generations, discourses.

Lista de Tabelas

Tabela 1 Quadro comparativo da pesquisa inicial em bases de dados.....	18
Tabela 2 Dissertações encontradas no banco de dados da CAPES.....	19
Tabela 3 Artigos encontrados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi) que tratam de masculinidade e feminilidade, sob a ótica da psicanálise.....	21
Tabela 4 Sobre os sujeitos entrevistados.....	39

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE TABELAS	ix
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PERCORRENDO O BANCO DE TESES DA CAPES E BIBLIOTECAS VIRTUAIS – ESTUDOS ACADÊMICOS SOBRE PATERNIDADES E MASCULINIDADES	17
2 OS CAMINHOS TEÓRICOS QUE ORIENTARAM ESTA TRAJETÓRIA	22
2.1 PATERNIDADES, MASCULINIDADES E PSICANÁLISE – UM CAMINHO POSSÍVEL	22
2.2 A POSIÇÃO MASCULINA NA CLÍNICA LACANIANA – APONTAMENTOS SOBRE O LUGAR DO PAI	28
2.3 JUVENTUDE E GERAÇÕES – ALGUMAS REFLEXÕES NORTEADORAS	32
3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DESTA JORNADA DISCURSIVA – DA TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR À DESCRIÇÃO DOS INFORMANTES E LOCAIS DE PESQUISA	35
3.1 AMBIENTES EM QUE OCORRERAM AS ENTREVISTAS.....	39
3.2 MARCO E SEUS FAMILIARES	40
3.2.1 <i>Marco – o jovem pai</i>	41
3.2.2 <i>O pai de Marco – Pedro</i>	41
3.2.3 <i>A companheira de Pedro – Tânia</i>	41
3.3 EDSON E SEUS PAIS	42
3.3.1 <i>Ambiente no qual ocorreram às entrevistas:</i>	42
3.3.2 <i>Edson</i>	43
3.3.3 <i>O pai de Edson – Paulo</i>	43
3.3.4 <i>A mãe de Edson – Marta</i>	43
3.4 OSWALDO E SUA FAMÍLIA	44
3.4.1 <i>Ambiente no qual ocorreram as entrevistas – o almoço em família</i>	44
3.4.2 <i>Oswaldo – o primeiro que saiu de casa</i>	45
3.4.3 <i>A mãe de Oswaldo – Clotilde</i>	45
3.4.4 <i>O pai de Oswaldo – Bartolomeu</i>	46
3.4.5 <i>O irmão de Oswaldo – Norberto</i>	46
3.5 ESTUDANDO UMA FRATRIA – LEONARDO E TARCÍSIO	47
3.5.1 <i>Sobre a família</i>	47
3.5.2 <i>Leonardo</i>	48
3.5.3 <i>Tarcísio</i>	48
4 AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE ORIENTAÇÃO FRANCESA	50
5 NAS VIVÊNCIAS, OS DISCURSOS: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS - DISCUTINDO E ANALISANDO O MATERIAL OBTIDO COM OS INFORMANTES	53
5.1 MARCO E SEUS FAMILIARES – EM SEUS DISCURSOS, ENCONTROS E DESENCONTROS	54
5.2 EDSON E SEUS PAIS – DAS PALAVRAS AUTORIZADAS ÀS ENTRELINHAS DO SILÊNCIO	68

5.3 OSWALDO E SUA FAMÍLIA.....	76
5.3.1 “Como é difícil falar do meu pai” (Oswaldo).....	76
5.3.2 “Eu sou homem, né cara!” (Norberto).....	83
5.3.3 “Simplesmente é so isso que eu tenho a dizer” – o dito e não dito nas entrelinhas	84
5.4 LEONARDO E TARCÍSIO – MUDANÇAS, REFERÊNCIAS, ACERTOS E ERROS, OS DESAFIOS DE SER HOMEM E DE SER PAI.....	89
5.4.1 Sobre masculinidades – características e atitudes de homens nos discursos de Leonardo e Tarcísio.....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	108
APÊNDICE A – ROTEIROS PARA ENTREVISTAS.....	115
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	119

1 Introdução

Desde que iniciei minha graduação em Psicologia, centro meu interesse em temas relacionados à família. Dentre estes, um em especial me chama atenção: a relação pai-filho, dentro de um enfoque de gênero¹. Considerando que venho de uma família com três irmãos e grande diferença de idade entre os filhos, minha curiosidade em compreender as construções do masculino dentro deste contexto cresceu a partir de aprofundamentos teóricos e de minha própria experiência de vida.

Durante a graduação, em atividades de pesquisa e extensão em um núcleo de estudos do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulado *Margens - Modos de vida, Família e Relações de Gênero*, iniciei minhas reflexões sobre questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva de jovens, gênero e paternidade. Nas leituras, no campo e no meu cotidiano acadêmico e familiar, comecei a me interessar cada vez mais pelos temas paternidades e masculinidades. Também em outras atividades profissionais que realizei, por exemplo, o Serviço de Mediação Familiar do Tribunal de Justiça do Estado de Santa Catarina, Comarca da Capital, onde atuei como Mediador Familiar, o tema paternidade sempre esteve presente, estimulando-me a ler sobre e despertando questionamentos.

Devido à minha diferença geracional², tanto com meus pais quanto com meus irmãos mais velhos, pude desde muito cedo observar as vivências de paternidade destes, as diferenças delas em comparação com as de meu próprio pai e tios e aos mandatos de masculinidades implícitos no meu meio familiar. Meu interesse nestes temas aumentou quando passei a observar, em conversas com amigos, seus relatos e questionamentos sobre masculinidades, a relação pai-filho, os sentidos atribuídos a ela e suas transformações na atualidade. A visão psicanalítica muitas vezes orientava minhas reflexões, a partir de meus aprendizados e leituras durante a graduação em Psicologia.

Reportagens em jornais, em revistas e na televisão falando sobre masculinidade, sobre o que chamavam de “crise do masculino” ou sobre a emergência de um suposto “novo pai” e “novo homem” tornaram-se cada vez mais frequentes. Edições especiais de revistas de

¹ Gênero entendido aqui como “os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” (BUTLER, 2003, p. 24), como um produto histórico que organiza práticas sociais (CONNEL, 1997). Butler o define como uma realização performativa, a qual é “instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2003, p. 200).

² O termo geração será melhor discutido adiante, no capítulo *Juventude e gerações - reflexões norteadoras*.

circulação nacional como *Veja*, *Época* e *Isto É*, direcionadas ao público masculino e na maioria das vezes com reportagens com excesso de propagandas de produtos para este público, chamavam-me a atenção e continuaram a circular inclusive durante o meu processo de escrita desta dissertação.

Naquelas reportagens, temas tais como vaidade masculina, cuidados com o corpo, separação conjugal, exercício da paternidade, impotência, sexualidade e diferenças entre os sexos eram trabalhados de forma superficial, com excesso de conselhos, como manuais de auto-ajuda, estímulo ao consumo de remédios para impotência, queda de cabelo e produtos de beleza. Nestas revistas, a vaidade masculina era estimulada como pretexto para a venda de produtos a este setor da população. Quanto à paternidade, a imagem de um “novo pai” foi surgindo também na mídia, refletindo novas formas de relações com os filhos. Cada vez mais, os homens são chamados a participar da criação dos filhos e a desempenhar diferentes funções no cuidado destes, havendo um maior estímulo à demonstrações de carinho e afeto.

Diante de todo este contexto, que demonstra a atualidade destes temas e a importância de discussões acadêmicas a respeito dos mesmos, discussões já anteriormente incentivadas nas Conferências Internacionais de População e Desenvolvimento, organizadas pela ONU e realizadas em Cairo (1994) e Beijing (1995), interessei-me em explorar estas temáticas a partir de um enfoque interdisciplinar, considerando minha trajetória nos estudos de gênero, masculinidades e meu percurso na psicanálise.

Tanto a temática paternidade quanto a masculinidade têm adquirido maior visibilidade na literatura científica brasileira nos últimos anos³. No campo das masculinidades, a partir de um rastreamento geral da literatura, é possível perceber que muitos dos estudos buscam compreender as angústias dos homens contemporâneos e como muitos valores atribuídos a eles estão relacionados à constituição de suas subjetividades (ADRIÃO, 2005). No que se refere à paternidade, diversas pesquisas (LEWIS & O'BRIEN, 1987, TRINDADE, 1991; LAMB, 1996; LYRA, 1998; LYRA & MEDRADO, 1999, 2000; TONELI et al., 2006a, 2006b) procuram entender a interação entre pais e filhos no ambiente familiar, compreender os seus sentidos, práticas e configurações.

Refletindo sobre o percurso histórico dos estudos feministas, é possível afirmar que houve, nos anos 80 e 90, uma significativa intensificação de pesquisas relacionadas à questão das masculinidades. Este aumento se deve, em certa medida, tanto ao movimento feminista, quanto ao movimento gay, que nas últimas décadas têm promovido diversas e importantes

³ Ver adiante pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES e na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-PSI).

discussões e reivindicações, contemplando esta temática. Este tema, anteriormente pouco questionado academicamente, aparece como merecedor de reflexões teórico-científicas principalmente com o desenvolvimento dos estudos de gênero - refletindo as transformações ocorridas na sociedade a partir dos movimentos feministas (HEILBORN & CARRARA, 1998; ADRIÃO, 2005).

Considerando os estudos de Robert Connell (1995), Michael S. Kimmell (1997) e Miguel Vale de Almeida (1995 e 1996), entre outros, observa-se que existe um consenso entre estes autores com relação a existência de um modelo de masculinidade idealizado e hegemônico, o qual muitos homens buscam alcançar. Este seria um modelo que corresponderia ao homem branco, ocidental, da classe dominante, provedor, heterossexual, forte e viril. Humberto A. Paniagua (2000), em um estudo sobre o modelo masculino tradicional realizado no Chile com camadas médias e populares, percebeu que as sociedades geralmente exigem que os homens passem por provas que atestem sua masculinidade, sendo que esta aparece como uma qualidade muito desejada e difícil de ser alcançada.

No entanto, Connell (1995, p.189) também afirma que “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social”. Este autor, em estudos mais recentes, relativiza o conceito de masculinidade hegemônica, afirmando que a masculinidade é necessariamente uma construção social, raramente existindo apenas uma masculinidade na sociedade, o que justifica o uso deste termo no plural. Segundo ele, diferentes masculinidades são produzidas ao mesmo tempo, diante de um complexo processo que envolve uma negociação ativa em relações sociais múltiplas (CONNELL, 2000). Este autor nos auxilia a entender este conceito, afirmando que não podemos ver a masculinidade como um objeto isolado e sim como um aspecto de uma estrutura bem maior. O conceito está relacionado a diversas categorias tais como: trabalho, estrato social, família, sexualidade, homofobia, globalização, corporeidade, entre outras. Acredita ainda, que a construção das masculinidades deve ser pensada como um projeto tanto coletivo como individual.

Considerando gênero como um produto histórico, de acordo com Connell (1995, p. 190) “toda a cultura tem uma definição da conduta e dos sentimentos apropriados para os homens”. Em consequência, homens jovens são estimulados a agir e a sentir a partir desta conduta, de forma a se distanciarem de comportamentos caracterizados como femininos. Para Connell (1995), o conceito de masculinidade é necessariamente relacional, ou seja, ele só existe em contraste com a feminilidade. Em consequência, segundo o autor, uma sociedade que não tratasse as mulheres e os homens como portadores de tipos característicos polarizados não teria um conceito de masculinidade da maneira que temos na sociedade euro-americana.

Com relação à paternidade, de acordo com Benno de Keijzer (2000), existe uma diversidade de formas de exercício da mesma e distintas significações sobre ela ao longo do ciclo de vida de um homem e de seus filhos e filhas, o que justifica o uso do termo no plural. Igualmente, Norma Fuller (2000) diz que os significados de paternidade são múltiplos, heterogêneos e algumas vezes até contraditórios, tanto no que se refere ao âmbito social quanto à vivência de cada sujeito. José Olavarría (2000) aponta que o próprio pai do sujeito torna-se o referencial do que é ser pai, seja para imitá-lo, seja para diferenciar-se deste. Segundo ele, esta mesma vivência acontecerá com os filhos que serão observados como modelos de paternidade no futuro.

Um aspecto que chama atenção sobre os temas escolhidos para meu estudo é o geracional. Nos últimos anos, como retrata Mirian Goldenberg (2000), passou a ser valorizado e incentivado o direito do pai de acompanhar mais de perto o crescimento dos filhos e demonstrar afeição (referindo-se principalmente à expressão física de afeto e carinho), comportamentos que anteriormente eram atribuídos especialmente à mãe. Já Mara V. Vigoya (2000) acredita que os pais da atualidade procuram se distanciar do modelo paterno anterior encontrando, no entanto, dificuldades neste processo devido às contradições suscitadas entre um desejo de abertura e de expressão espontânea da afetividade e o temor de ver diminuído seu prestígio como homens, visto que a maior expressão de afetos tradicionalmente foi atribuída às mulheres.

Olavarría (2000), em seus estudos, afirma que muitos homens vivenciam uma tensão que se produz entre a expressão de afetos aos/pelos filhos, no que se refere à intensidade e ao momento, e a autoridade que acreditam dever exercer. Segundo o autor, observa-se nos pais mais jovens uma necessidade maior de expressar seus sentimentos aos filhos, beijando-os, tocando-os fisicamente e fazendo carinho. Entretanto, estes pais em alguns momentos sentem que devem manter certa distância e estabelecer limites. A interferência na expressão dos afetos estaria, para este autor, em alguma medida relacionada ao exercício da autoridade.

Nos estudos de Vigoya (2000), em uma investigação preliminar sobre a construção da masculinidade nos setores médios em duas cidades, representando duas culturas regionais colombianas, surgiu como tema dominante a questão do pai. A pesquisadora relata que foi marcante o contraste entre uma suposta ausência do pai na socialização dos filhos e a forte presença dele nos relatos dos seus entrevistados.

De acordo com Paniagua (2000), ao mesmo tempo em que o jovem homem recebe mensagens explícitas da sociedade sobre as atribuições de gênero e seu lugar correspondente

no mundo, pesam os ensinamentos da mãe e do pai, donde provém o modelo masculino mais próximo. “A partir de sus palabras y sus gestos, de sus acciones y sobre todo, de sus omisiones, el niño asimila la complementación de lo femenino y masculino en un sistema de afirmaciones y negaciones que irán ‘masculinizando’ su subjetividad” (PANIAGUA, 2000, p. 205)⁴.

Em seus estudos com homens na cidade de Lima (Peru), Fuller (1997) destaca que a figura do pai tem uma grande influência durante o período de socialização infantil e é este quem transmite aos filhos os valores e conhecimentos necessários para que os mesmos possam se apropriar simbolicamente do mundo externo e da esfera pública.

A partir do contato com estas pesquisas e de meu convívio cotidiano, interessei-me em investigar o lugar, as implicações da relação pai-filho na construção da masculinidade dos sujeitos a serem pesquisados e os sentidos atribuídos por eles a esta relação. “Sentido” é aqui entendido como sendo “uma relação determinada do sujeito – afetada pela língua – com a história” (ORLANDI, 1999, p.47) e “determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (idem, p. 42).

Nesta pesquisa procurei centralizar a investigação em figuras masculinas e nos discursos sobre paternidade e masculinidade. No entanto, não desconsidere a importância de outros membros da família na construção das masculinidades dos sujeitos entrevistados. Acredito serem a mãe e, conforme a configuração da família, também os avós, figuras de grande relevância na medida em que estes últimos, segundo Paniagua (2000), trazem os mitos fundamentais do caráter familiar e, junto destes, os principais traços do modelo masculino tradicional. Assim busquei responder às seguintes questões: *Quais os sentidos que homens de diferentes gerações atribuem aos vínculos pai-filho? Quais as relações que estabelecem entre estes sentidos e a construção de suas masculinidades?*

⁴ “A partir de suas palavras e seus gestos, de suas ações e sobretudo, de suas omissões, a criança assimila a complementação do feminino e masculino em um sistema de afirmações e negações que irão ‘masculinizando’ sua subjetividade (PANIAGUA, 2000, p. 205, tradução minha).

1.1 Percorrendo o banco de teses da CAPES⁵ e bibliotecas virtuais – estudos acadêmicos sobre paternidades e masculinidades

Procurando realizar um rastreamento inicial da produção científica sobre paternidade e masculinidades, realizei uma consulta à base eletrônica de teses e dissertações da CAPES⁶, nos meses de maio/ junho/julho de 2005. Foi possível perceber que estudos sobre paternidade (542 pesquisas) ainda são reduzidos, se comparados ao número de pesquisas relacionadas à maternidade (3122 pesquisas). Tentando comparar o descritor *masculinidade* com o descritor *feminilidade*, não foi possível fazer esta mesma analogia, devido a este primeiro aparecer na base de dados como sinônimo de sexo masculino, sem um enfoque de gênero. Cruzando os descritores *relação pai e filho* e *masculino*, foram encontradas 21 pesquisas; já com os descritores paternidade e masculinidade foram encontradas 81 pesquisas. Nos estudos de paternidade, a psicanálise pode ser considerada como uma importante ferramenta teórica para a reflexão sobre o tema, principalmente na leitura lacaniana de Freud. Isto pode ser afirmado, ao lermos a obra destes autores e considerarmos a importância que tanto Freud quanto Lacan atribuem ao pai nos momentos de organização psíquica de cada sujeito. A partir deste entendimento, segui a pesquisa em base de dados utilizando os descritores *masculinidade* e *psicanálise*. Com estes marcadores foram encontradas 31 pesquisas (teses/dissertações). No entanto, cruzando os descritores *masculinidade*, *paternidade*, *psicanálise* foram encontradas apenas 3 pesquisas. Contudo, é importante ressaltar que a produção psicanalítica ainda enfrenta algumas resistências de inserção no contexto universitário, além de ocorrer tradicionalmente em outros circuitos, tais como centros de formação e associações de psicanalistas, onde muitos outros trabalhos podem ser encontrados.

Em consulta à base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde, área Psicologia (BVS-PSI)⁷ cruzando os descritores *paternidade* e *masculinidade*, foram encontrados apenas dois artigos científicos, relacionados à saúde sexual e reprodutiva. Já com o descritor *masculinidades* foram encontrados seis artigos - número reduzido se comparado com o descritor *feminilidade*, que permitiu a localização de 136 artigos científicos. É importante ressaltar que muitos dos estudos relacionados às mulheres não utilizam este termo, possibilitando a relativização deste dado que pode ser ainda mais expressivo. Comparando os descritores *paternidade* e *maternidade* foram encontrados 54 artigos relacionados ao primeiro e 69 relacionados ao segundo. Com relação aos descritores *masculinidade* e *psicanálise* foi

⁵ CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

⁶ Disponível no endereço eletrônico <http://www.capes.gov.br>

⁷ Disponível no endereço eletrônico <http://www.bvs-psi.org.br>

possível localizar 12 artigos. Juntando os descritores *paternidade* ou *relação pai-filho* a estes dois últimos, não foi encontrado nenhum artigo.

Tabelas dos resultados iniciais da pesquisa em bibliotecas virtuais e banco de teses

Tabela 1 Quadro comparativo da pesquisa inicial em bases de dados:

Descritores	Base de teses CAPES	Base de dados BVS-PSI
Maternidade	3122 pesquisas	69 artigos
Paternidade	542 pesquisas	54 artigos
Relação pai-filho e masculino	21 pesquisas	-----
Paternidade e masculinidades	81 pesquisas	2 artigos
Masculinidade e Psicanálise	31 pesquisas	12 artigos
Masculinidade/Paternidade/Psicanálise	3 pesquisas	-----
Masculinidade	-----	6 artigos
Feminilidade	-----	136 artigos

Fonte: Banco de teses – CAPES e BVS-PSI (www.periodicos.capes.gov.br e <http://www.bvs-psi.org.br>)

Na seqüência, apresento alguns títulos de dissertações encontradas no banco de dados da CAPES, as quais penso que poderiam ter sido de utilidade para a realização desta pesquisa. No entanto, não tive acesso a todos.

Tabela 2 Dissertações encontradas no banco de dados da CAPES

Autor	Título	Universidade / Área	Ano	Tipo de Pesquisa
Lilian Adeodato Carvalho	Reflexões sobre o Pai - Um Estudo sobre a Construção da Paternidade na História de Vida e no Desenvolvimento do Sujeito	Universidade de São Paulo – Psicologia Clínica	1990	Dissertação
Ana Maria Stingel	A Construção do Papel Paterno	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Psicologia (Psicologia Clínica)	1991	Dissertação
Maria Thereza Toledo	A diferença sexual na Psicanálise: entre o destino e a construção	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Psicologia (Psicologia Clínica)	1997	Dissertação
Eduardo Steindorf Saraiva	Paternidade e Masculinidade: Tradição, Herança e Reinvenção	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Educação	1998	Dissertação
Ana Cristina Barbosa Pinheiro de Souza	A paternidade na psicanálise: do menino interditado ao pai interditor	Universidade Federal do Rio de Janeiro – Teoria Psicanalítica	1998	Dissertação
Rubens Ferreira do Nascimento	POBRE PAI: a construção da identidade em homens pais pobres urbanos	Universidade Federal de Minas Gerais – Psicologia	2000	Dissertação
Marcela Cruz de Castro Decourt	Para Além do Pai Está o Homem: A Função Paterna de Freud a Lacan	Universidade Federal do Rio de Janeiro – Teoria Psicanalítica	2000	Dissertação
Ramona Edith Bergottini Palieraqui.	A Função Paterna: Problemática da Contemporaneidade	Universidade Federal do Rio de Janeiro – Psicologia	2001	Dissertação
Maria Helena Coelho Martinho	O Que é um Pai? Do Papel do Pai à Função Lógica do Pai	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Psicanálise	2002	Dissertação
Ulisses Herrera Chaves	O Exercício da Paternidade: a Paternidade com Filhos Adolescentes do Sexo Masculino nas Camadas Médias	Universidade de São Paulo/ Ribeirão Preto – Psicologia	2002	Dissertação
Gracia Maria Fenelon	Comunicação em Família: Autoridade e Amor Mediados Pelas Funções Materna, Paterna e Fraternal	Universidade Católica de Goiás – Psicologia	2002	Dissertação
Ercília Gama de Oliveira	Da metáfora do pai à metonímia do gozo	Universidade Federal de Minas Gerais – Psicologia	2003	Dissertação

Fonte: Banco de teses – CAPES (www.periodicos.capes.gov.br)

As pesquisas encontradas que foram elaboradas utilizando a psicanálise como fundamento teórico, em sua maioria estudam aspectos relacionados à paternidade ou às diferenças sexuais separadamente e se baseiam principalmente na leitura lacaniana da psicanálise, enfatizando questões teóricas ou clínicas. Pode-se perceber que a produção

psicanalítica nos cursos de pós-graduação, concentra-se principalmente no Rio de Janeiro. Ainda são poucas as produções psicanalíticas que realizam conversações com outras áreas, embora existam algumas na antropologia e na educação. As pesquisas que relacionam paternidade e masculinidade referem-se principalmente ao âmbito da saúde sexual e reprodutiva, notadamente à paternidade de jovens, embora seu número ainda seja muito menor, se comparada à maternidade juvenil.

Nesta pesquisa na base de teses da CAPES, duas dissertações me chamaram atenção, a saber: a de Lilian Adeodato Carvalho (1990) e a de Marcela Cruz de Castro Decourt (2000). A primeira procura refletir sobre a construção da paternidade investigando as representações de pai em uma perspectiva que a autora chama de “evolucionista” das relações avô-pai-filho. Foram entrevistadas cinco famílias. Em sua revisão de literatura, a autora comparou a relação mãe-filho e pai e a função do pai partindo da etologia e da psicanálise. Concluiu que certos aspectos do padrão “antigo” permanecem na família atual, enquanto que outros sofreram um processo de transformação. Apresentou também, a partir da análise das representações dos pais, a existência de categorias intrínsecas à paternidade. Já a segunda dissertação procura percorrer o caminho de Freud a Lacan, com respeito à lei do pai, refletindo sobre o declínio da função paterna na contemporaneidade e seus efeitos na clínica psicanalítica.

Em adicional, as dissertações de Márcia Longhi (2001), intitulada “Ser homem, pobre e pai” e de Pedro Nascimento (1999), sob o título “‘Ser homem ou nada’: Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE”, ambas apresentadas ao Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, a de Margareth Arilha (1999), intitulada “Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução”, apresentada ao Mestrado em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a de Sandra Unbehaum (2000), intitulada “Experiência Masculina da Paternidade nos Anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias”, defendida no Mestrado em Sociologia da Universidade de São Paulo, encontradas no acervo bibliográfico do núcleo *Margens* (UFSC), também foram de grande importância para esta pesquisa.

A seguir, apresento alguns artigos que são importantes para refletir sobre a produção científica dos temas desta dissertação, encontrados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi), principalmente na *Revista Brasileira de Psicanálise*, uma das poucas indexadas da área. Estes artigos tratam de masculinidade e feminilidade sob a ótica da psicanálise.

Tabela 3 Artigos encontrados na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi) que tratam de masculinidade e feminilidade, sob a ótica da psicanálise

Autor	Título	Revista	Ano
PEREIRA, J. O	Breve estudo sobre a interação feminilidade-masculinidade	Revista Brasileira de Psicanálise	1987
MATOS, Jose de.	O masculino em questão.	Revista Brasileira de Psicanálise	1996
CECCARELLI, Paulo Roberto.	A construção da masculinidade	Percurso	1997
MALTZ, Rute Stein	Bases psíquicas primitivas da masculinidade e da feminilidade.	Revista de Psicanálise	1998.
PERSON, Ethel	Alguns mistérios sobre gênero: repensando identificações masculinas em mulheres heterossexuais.	Revista de Psicanálise	1998
EIZIRIK, Claudio Laks.	Masculinidade e feminilidade na virada do milênio: uma breve reflexão psicanalítica	Revista de Psicanálise	1998.
SANDLER, P. C.	Uma teoria sobre o exercício de feminilidade – masculinidade (conforme apreendida durante uma sessão de psicanálise).	Revista Brasileira de Psicanálise	1999

Fonte: Banco de dados –BVS-PSI (<http://www.bvs-psi.org.br>)

2 Os caminhos teóricos que orientaram esta trajetória

2.1 Paternidades, Masculinidades e Psicanálise – um caminho possível

Acreditando que masculinidades são produzidas em diferentes contextos, nesta dissertação de mestrado procuro refletir sobre a construção da masculinidade no âmbito familiar, enfatizando a participação em especial do pai e também da mãe neste processo. Estaria a imagem do pai e de homem mudando no decorrer das últimas décadas? E o que acarretaria estas mudanças?

A pesquisa inicial realizada sobre paternidade e masculinidade, seja na literatura ou no banco de teses e bibliotecas virtuais, sugere o referencial psicanalítico como próprio para o entendimento destes temas, evidenciando sua importância para o estudo proposto nesta dissertação. Este entendimento foi reforçado pelo trabalho de Connell (1994), um dos autores mais citados nos estudos sobre masculinidades, que procurou traçar um perfil histórico do entendimento da psicanálise sobre masculinidade, em seu artigo intitulado “*Psychoanalysis on Masculinity*”. Neste artigo, o autor enfatiza, em cada corrente entendida por ele como psicanalítica ou derivada da psicanálise, um aspecto considerado importante para compreender a construção da masculinidade, procurando evidenciar as posições paradoxais existentes entre estas correntes sobre a discussão de masculinidades, explorando a idéia central de cada posição teórica a respeito do tema. Segundo ele, as pesquisas em psicanálise têm promovido relevantes documentos sobre os diversos caminhos que a construção de masculinidades pode tomar em uma ou em diversas sociedades. Connell (1994) ressalta ainda que a idéia de múltiplas masculinidades, comum nos estudos sociais recentes, encontra um significado particular e algumas evidências fortes na psicanálise. É neste sentido que enfatizo o auxílio da psicanálise para explorar os temas propostos nesta pesquisa, de forma a estabelecer diálogos com as(os) teóricas(os) dos estudos de gênero.

Connell, lendo casos clínicos de Freud (Pequeno Hans e Homem dos Lobos), destaca pontos relacionados aos estudos de masculinidade. Afirma que Freud desenvolveu um primeiro mapa para o desenvolvimento das reflexões sobre masculinidades. Este mapa, que foi atualizado e redesenhado até o fim de sua vida, estaria relacionado ao desenvolvimento psicosssexual e ao complexo de Édipo. Segundo Connell, a teoria psicanalítica clássica marca a construção da masculinidade a partir do que chama a “entrada do Édipo” na obra de Freud.

Essa ênfase no complexo de Édipo foi também ressaltada por Lacan. Assim, Connell resume seu entendimento:

Freud's idea about the importance of castration anxiety, Adler's argument about overcompensation, Jung's suggestions about the gender dynamics of marriages, Horney's and Dinnerstein's arguments about the importance of boys's fear of the mother, the Frankfurt school's ideas about the impact of family power structure and societal alienation, Chodorow's ideas about emotional separation, Lacanian arguments about the oedipal ordering of symbolization, are all useful lines of thought. To treat one of them as the *a priori* framework for a theory of masculinity would be to misuse psychonalysis (in a way unfortunately typical of its applications in the social sciences)⁸ (CONNELL, 1994, p.34).

Vemos que o autor mistura, sob a rubrica de psicanálise, diferentes leituras da teoria freudiana e até aquelas que se diferenciaram do campo da psicanálise, ou concepções filosóficas que a consideram, mas não se reivindicam como psicanalistas. Contudo, ele ressalta a complexidade e variedade de contribuições possíveis aos estudos de masculinidades, a partir das concepções de Freud e do que ele classifica como derivações da teoria psicanalítica. Os estudos de Connell (1994), no artigo citado, enfatizam a importância das contribuições de Lacan para o entendimento das temáticas propostas neste projeto, considerando a ênfase dada por este autor ao pai simbólico e às identificações, no que se refere à construção da masculinidade nos meninos.

De extrema importância para esta pesquisa se mostra o trabalho apresentado por Jacques Lacan em “Complexos Familiares” (1984[1938]), onde ressalta que a família possui um papel significativo na transmissão da Cultura, pois é na família que as tradições, a manutenção dos ritos e costumes, a aquisição da língua e a repressão de pulsões acontecem. É no meio familiar, nas identificações parentais, que se desenvolvem os processos fundamentais da organização psíquica do sujeito e a transmissão de estruturas de comportamentos e representações. Quanto a este aspecto Françoise Hurstel (1999), psicanalista francesa que se fundamenta em Lacan, aponta que:

⁸ A idéia de Freud sobre a importância da angústia de castração, o argumento de Adler sobre a supercompensação, a sugestão de Jung sobre a dinâmica de gênero em casamentos, os argumentos de Horney e Dinnerstein sobre a importância do medo da mãe no menino, as idéias da escola de Frankfurt sobre o impacto da estrutura de poder familiar e alienação social, as idéias de Chodorow sobre separação emocional, argumentos lacanianos sobre a ordem edípica de simbolização, são todas linhas úteis de pensamento. Tratar uma destas como a estrutura *a priori* para uma teoria da masculinidade seria usar erroneamente a psicanálise (de uma maneira infelizmente típica de suas aplicações em ciências sociais) (CONNELL, 1994, p.34, tradução minha).

... nas famílias, o que se transmite, de geração em geração, não são os “fatos objetivos”, são os relatos, as lendas familiares, as anedotas cheias de paixão e ideal, próprias aos “fulanos”. É por meio destes “romances” que uma criança “aprende” seu lugar simbólico (de quem é filho, filha, sobrinho etc.) no seio da família. Quer dizer, a qual geração pertence, qual é seu sexo. É por meio das identificações com tal ou tal figura situada precisamente em sua genealogia que são constituídas as ancoragens de sua identidade. São processos de natureza próxima, que podemos encontrar na maneira como se elaboram as relações dos grupos sociais no texto que lhes é comum, o das leis (HURSTEL, 1999, p.121).

Lacan (1984[1938]), como Freud, enfatiza a importância de diversos complexos familiares, com destaque para o complexo de Édipo, demonstrando que estes são estruturantes e organizadores do desenvolvimento psíquico. Afirma que o complexo de Édipo marca todos os níveis do psiquismo, operando através de um conflito triangular no sujeito, sendo considerado um conceito nuclear na concepção freudiana de estruturação do psiquismo. Lacan em “Os Complexos Familiares”, ressalta o “declínio social da imago do pai”, afirmando que este declínio é também a “crise psicológica” que forma a essência da “grande neurose contemporânea”, para ressaltar a importância do pai como referência, quando afirma que “o papel da imago do pai se deixa perceber de maneira surpreendente na formação da maioria dos grandes homens” (LACAN, 1984 [1938], p. 59).

É importante destacar aqui a diferenciação que Lacan faz, em seus estudos posteriores (Seminário 5, nos anos de 1957/58), dos conceitos de pai real, imaginário e simbólico. O pai que intervém no complexo de Édipo é o pai fantasiado pela criança, ou seja, o pai imaginário. O pai simbólico é representado a partir do discurso da mãe, atuando como mediador entre o desejo da mãe e o do filho.

Enfatizando a importância da função do pai no complexo de Édipo, Joel Dor (1991, p. 43), psicanalista lacaniano, lembra que “a edificação do Pai simbólico a partir do Pai real constitui a própria dinâmica que regula o curso da dialética edipiana e, com ela, todas as conseqüências psíquicas que dela dependem”. A noção de pai, desta forma, não estaria necessariamente encarnada em um sujeito-pai real e sim corresponderia a uma entidade simbólica, ordenadora de uma função. Este autor afirma que a entidade paterna depende de uma representação simbólica, sendo que esta função encontra-se aberta a todo “agente diplomático” da realidade próximo ao desejo da mãe. Desta forma, quanto mais o genitor for capaz de legitimar este título de “embaixador privilegiado”, mais ele se aproximará desta função. Portanto, a dimensão de um Pai simbólico transcende a necessidade de um homem real assumir esta função, sendo que “o papel simbólico do pai é sustentado, antes de mais nada, pela atribuição imaginária do objeto fálico” (DOR, 1991, p. 19), ou seja, basta que haja

um terceiro, que seja um mediador entre o desejo da mãe e o do filho, para que esta função seja legalizada e estruturada.

É neste sentido que o trabalho que Lacan desenvolve a partir de 1955, no qual elabora uma teoria estrutural da função paterna, apresenta uma sólida base para a distinção imagem/função. Esta teoria forneceu, naquele momento, novos fundamentos para se refletir sobre a paternidade, redefinindo a maneira de pensar a paternidade em suas características contemporâneas⁹.

No seminário 5 (“As Formações do Inconsciente”), nos anos de 1957 e 1958, Lacan (1999) afirma a existência da operação simbólica chamada “Metáfora do Nome do Pai” - operação na qual a criança substitui o significante do desejo da mãe pelo significante Nome-do-pai. Afirma que uma metáfora é um “significante que surge no lugar de outro significante” (LACAN, 1999 [1958], p.180). Continuando, ele coloca que o pai é “um significante que substitui um outro significante”, sendo que “a função do pai no complexo de Édipo é ser um significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno.” (idem). Desta forma, de acordo com Lacan, todo o homem em posição de pai é constituído pela metáfora paterna e chamado, no contexto edipiano, a assumir diversas funções para a criança que está na posição de “filho”. Uma destas funções é a de “sustentador da lei”, sendo ele o representante da mesma.

Em seus seminários de 1957/1958, Lacan (1999) discorre, durante duas sessões intituladas “A metáfora Paterna”, sobre a existência de três tempos no complexo de Édipo, em que o pai é operante em cada um desses momentos. O primeiro tempo seria o da eficiência de um significante, o nome do pai, ou seja, de um pai simbólico que aparece por meio da relação com a mãe. Neste primeiro momento do Édipo, a relação da criança com a mãe é de pura dependência. Segundo Lacan (1999, p. 199) “o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe”. Este primeiro momento termina com a operação da “metáfora paterna”. Esta operação lingüística permite ao ser humano passar de uma posição em que o indivíduo estaria submetido ao capricho do Outro (a mãe ou seu substituto), para uma posição de sujeito desejante.

O segundo tempo seria o momento de um pai que se origina dos efeitos da inscrição do sujeito na ordem da Lei. É neste momento do Édipo que o pai atua privando a criança de ser o objeto de desejo da mãe, sendo que o desejo de ambos passa a depender do desejo do

⁹ Lacan, em seus últimos seminários (período do ensino de Lacan classificado por Jacques-Alain Miller como último ensino), muda sua concepção sobre a paternidade, sobre a função paterna, trazendo outros elementos e discussões para a questão, reavaliando sua própria teoria. Estes aspectos serão apontados adiante, na sequência deste capítulo.

pai, do Outro, ou seja, da lei paterna. Neste período, o pai passa a ser visto como o “sustentador da lei”, estando na posição de representá-la para o sujeito. Este seria um período de desdobramento da metáfora paterna, caracterizado por efeitos imaginários no sujeito, induzidos pela transferência ao pai da onipotência atribuída a princípio à mãe. O pai, neste período do Édipo, é visto como “interditor e privador”, constituindo para a criança a figura de um pai ideal, fantasiado, ou seja, um ser infalível e não marcado pela castração¹⁰, um interditor absoluto.

Já o terceiro tempo é aquele em que o pai vem estabelecer, no “real de sua fala”, de sua presença, o imaginário do “pai ideal” e o simbólico da Lei. Esse pai, estabelecendo em si o real, o imaginário e o simbólico da paternidade, poderia ser chamado de “realidade paterna” para um filho. A saída do complexo de Édipo depende desta etapa. Segundo Lacan, neste estágio o pai é visto como aquele que pode dar à mãe o que ela deseja, pois ele o possui, ou seja, “ele se revela como aquele que tem” (LACAN, 1999, p. 200). É neste momento que a identificação com a instância paterna acontece e em que o pai se afirma como aquele que é o suporte da lei. De acordo com Lacan:

No terceiro tempo, portanto, o pai intervém como real e potente. Esse tempo se sucede à privação ou à castração que incide sobre a mãe, a mãe imaginada, no nível do sujeito, em sua própria posição imaginária, a dele, de dependência. É por intervir como aquele que tem o falo¹¹ que o pai é internalizado no sujeito como Ideal, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina (LACAN, 1999, p.201).

Lacan, nestes seminários, propõe que falemos de “*imago*”¹² do pai”, neste terceiro estágio do Édipo. No seu livro “Complexos Familiares”, já em 1938, Lacan afirmava que a *imago* do pai, dominando e polarizando as formas mais perfeitas do ideal do eu, indicaria o

¹⁰ O termo *castração* é empregado pela psicanálise para designar uma experiência psíquica complexa, inconscientemente vivida pela criança e decisiva para seus posicionamentos posteriores, referentes a masculinidades e feminilidades. Está relacionado ao momento em que a criança, com certa angústia, reconhece a diferença anatômica entre os sexos. Este termo não se refere estritamente à eliminação ou amputação efetiva do órgão sexual e sim a uma ameaça imaginária vivida pela criança. Diz respeito a todo o tipo de interpretação que a criança oferece para explicar a diferença anatômica entre os sexos e que é renovada durante a vida do sujeito, representando a limitação ao gozo e o ingresso do sujeito no mundo simbólico (ALBANO, LEVIT & GARDNER, 2005). Para um aprofundamento sobre os significados e o uso deste termo em psicanálise, ver capítulo I do livro de Juan- David Nasio, *Lições sobre os 7 conceitos Cruciais da Psicanálise* (1997).

¹¹ O termo *falo* é utilizado na psicanálise para designar o órgão sexual masculino no seu sentido simbólico. Para Lacan, este termo é entendido como o significante da falta, de uma falta simbólica que é constituinte do sujeitos. A lógica fálico-castrado organiza masculinidades e feminilidades, não em termos de diferenças anatômicas e sim como posições de sujeito, de como homens e mulheres se relacionam com o falo, como operador simbólico da falta. (ALBANO, LEVIT & GARDNER, 2005). Para um aprofundamento sobre os significados e o uso deste termo em psicanálise, conferir Nasio (1997), entre outros autores.

¹² O termo *imago*, na psicanálise, é compreendido como uma representação infantil e inconsciente, que passa a ser um modelo imutável, e que orienta a conduta de um sujeito e a maneira como o mesmo apreende o outro. Esta representação é elaborada nas primeiras relações intersubjetivas reais e também fantasísticas com o meio familiar. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001)

ideal viril no menino, sendo que “é, com efeito, em virtude de uma identificação do sujeito com a imago do progenitor do mesmo sexo que o supereu e o ideal do eu podem revelar à experiência traços conformes às particularidades dessa imago” (LACAN, 1984 [1938], p.52).

Joel Dor (1991) em seu livro “O pai e sua função na psicanálise” afirma ser a função paterna um “epicentro crucial” na estruturação psíquica de um sujeito. Evidencia que a noção do pai no campo psicanalítico tem uma conotação bem particular, distanciando-se da visão de um “agente comum da paternidade”, intervindo no campo conceitual da psicanálise como um “operador simbólico a-histórico”.

A partir destas leituras, sou levado a conceber a função do pai no desenvolvimento da criança e na construção da masculinidade do filho como primordial. Em reforço trago Hurstel (1999), que em seu livro sobre a paternidade afirma a existência de duas vias principais de estudo sobre o tema, a saber: aquelas que utilizam como ponto de partida o grupo ou a coletividade e argumentam ser o pai uma instituição em significativa transformação; e aqueles estudos que utilizam como ponto de partida o indivíduo, visto como um “ser psíquico” dotado de estruturas em atividade. Ambas as vertentes enfatizam a importância do pai no desenvolvimento psíquico da criança.

Os estudos sobre a paternidade, segundo Hurstel (1999), constituem-se como um campo conceitual complexo para ser descrito, organizado e hierarquizado, considerando sua importância constituinte para o sujeito. Esta autora procurou traçar o movimento histórico que divide o pai em múltiplas realidades. Propondo-se a descrever, organizar e hierarquizar os registros da paternidade através de pesquisas alcançando homens em diferentes contextos (homens que sofreram êxodos rurais no interior da França, indo trabalhar em fábricas e habitar contextos urbanos; pais em uniões livres; e aqueles homens em contextos de paternidades múltiplas, no caso de diferentes composições familiares), a autora, com fundamento na teoria freudo-lacanianiana sobre a função paterna, historiciza a paternidade na mídia nas décadas de 70, 80 e 90, evidenciando suas transformações e traçando um perfil histórico sobre a paternidade, desde o pai feudal até os dias atuais, destacando as transformações no decorrer dos anos. Segundo a autora:

O pai como função simbólica encontra sua eficiência e sua lógica no campo de uma subjetividade estruturada pela linguagem. O que Freud chama de “Complexo de Édipo” dá conta dessa estrutura do sujeito e da função do pai nesse contexto. O pai como instituição jurídica, social, familiar e cultural encontra sua eficiência no campo social e histórico. *Os pais* designados pela instituição e “adeptos” da função estão envolvidos na história ao mesmo tempo em que a constroem. Participam da eficaz colocação em ação da

função na medida em que, ao representá-la, se submetem a ela (HURSTEL, 1999, p. 61).

Hurstel (1999, p.159) afirma que o filho é identificado com uma imago do pai, como “uma representação complexa que orienta a forma pela qual o sujeito apreende outrem ou ele mesmo”. A autora aponta que “essa imagem tem uma função central, a de guia. Constitui o ideal do filho e lhe indica como se conduzir como pai, e também como homem. Ideal que o homem deseja realizar transmitindo o que o pai lhe deu” (HURSTEL, 1999, p.159). E para que haja uma função paterna, segundo Hurstel, entram em ação três necessidades, a saber:

- a de uma encenação social da lei do interdito do incesto pela instituição legal da paternidade, prevendo de antemão um pai para cada criança;
- a de uma transmissão desta lei no contexto familiar, no seio das relações intersubjetivas e interpessoais marcadas pela paixão e pelo imaginário, permitindo a inscrição da criança nas categorias da filiação;
- enfim, a de um trabalho psíquico específico para os homens – aqueles que assumem instituição, função e procriação – pelo qual se opera, na ordem das gerações, a passagem do lugar de filho de seu pai ao de pai de seu filho (HURSTEL, 1999, p.65).

Assim a autora, ao procurar responder como nos tornamos pais, como da posição de filhos passamos à posição de pais e mães, conclui que ocorreu um declínio social da imagem do pai, uma fragilização da transmissão da Lei por estes sujeitos, demonstrando que o tema passa por mudanças marcantes, explicitando a existência na atualidade de paternidades múltiplas, em situações complexas.

2.2 A posição masculina na clínica lacaniana – apontamentos sobre o lugar do Pai

Reflexões sobre masculino e feminino nos estudos de Lacan ganharam espaço principalmente entre os seminários 18 e 21, em discussões sobre a diferença sexual. No entanto, é no seminário 20 que ele desenvolve uma teoria de sexuação. Apesar de partir de Freud, Lacan vai muito além. Ele desenvolve uma nova metáfora da diferença sexual, uma nova topologia que vai além da dialética de ativo e passivo, de ter e ser. Segundo o autor, homens e mulheres são definidos de forma diferente com relação à linguagem, ou seja, à ordem simbólica. Nestas breves reflexões, que comecei a elaborar para uma Jornada da Escola

Brasileira de Psicanálise¹³ – Sessão de Santa Catarina, sob a orientação da psicanalista Eneida Medeiros Santos, procurei explorar brevemente a parte masculina da sexualização, conforme proposta por Lacan, buscando relacionar a participação do Pai neste processo, que se refere aos temas desta dissertação.

Dentro da perspectiva psicanalítica lacaniana, os sexos são definidos separada e diferentemente e os parceiros não são simétricos e nem sobrepostos. Masculinidade e feminilidade, sob esta perspectiva, seriam definidas como tipos diferenciados de se relacionar com a ordem simbólica, de ser dividido pela linguagem. Na teoria de sexualização de Lacan (1985), em seu seminário 20, as posições masculina e feminina não dependem necessariamente da constituição biológica ou genética do sujeito¹⁴. Neste raciocínio, independentemente de estrutura genético-biológica masculina ou feminina, no nível psíquico pode haver homens na posição feminina e mulheres na masculina. Portanto, neste texto, os termos *homem* e *mulher*, de acordo com a psicanálise lacaniana, sempre estarão se referindo a estas posições.

Em seu estudo sobre o “sujeito lacaniano”, Bruce Fink (1998) procura apontar diferenças entre as posições¹⁵ masculinas e femininas. A “função fálica”, função que institui a falta no sujeito, que o aliena na linguagem, desempenha, segundo o autor, um lugar primordial na definição destas posições. Ela está relacionada tanto à posição masculina quanto à feminina, apresentando-se de forma muito mais atuante na primeira, que é completamente determinada por ela e pelo domínio do significante. O falo é, de alguma forma, o significante do homem, uma vez que a função fálica o define integralmente, diferente da posição feminina onde esta função não atua de forma absoluta. Portanto, enquanto os sujeitos localizados na posição masculina estariam limitados ao gozo fálico, aqueles na posição feminina experienciam tanto este gozo, quanto outro tipo, chamado por Lacan de gozo do Outro, segundo aponta Fink (1998). Para entender esta diferenciação de gozo fálico e gozo feminino, torna-se imprescindível compreender o que Lacan entende como gozo.

¹³ Jornada realizada em dezembro de 2006, em Florianópolis, na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) – Sessão de Santa Catarina, como requisito para o fechamento do primeiro ano do curso de teoria psicanalítica, da qual participo, ministrado por esta instituição.

¹⁴ Não estou dizendo neste texto que os aspectos biológico e genético não são importantes e sim que não são exclusivamente determinantes nesta questão. A maneira que homens e mulheres são definidos na teoria lacaniana não tem relação direta com a biologia. Segundo Fink (1998), isto seria uma explicação para a existência de histéricos masculinos e obsessivas compulsivas femininas, em termos biológicos de sexualização, visto que este autor considera, lendo os textos de Freud e Lacan, a histeria como uma estrutura feminina e a neurose obsessiva como masculina. Existem interpretações diversas quanto a esta questão.

¹⁵ Este autor utiliza o termo *estrutura masculina*. No entanto, neste texto, prefiro utilizar *posição masculina*, por acreditar ser mais adequado para o entendimento deste conceito enfatizando sua mobilidade no sujeito, visto que *estrutura* remete a algo mais fixo.

O termo gozo, para além do seu significado popular e cotidiano, tornou-se um conceito de grande importância na obra de Jacques Lacan. Apesar de inicialmente ter sido conceituado como tudo o que diz respeito à distribuição do prazer no corpo e ligado ao prazer sexual, de acordo com Roudinesco & Plon (1998), este conceito implica uma idéia de transgressão da lei, desafio e submissão. Lacan faz diferença entre prazer e gozo, referindo-se a este último como sendo “uma tentativa permanente de ultrapassar os limites do princípio de prazer” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.300). Com o desenvolvimento de sua obra, Lacan passa a entender gozo no âmbito da teoria da identidade sexual, a partir das fórmulas de sexuação, fazendo distinção entre gozo fálico e gozo feminino. O gozo absoluto seria aquele representado pelo pai originário, o “pai freudiano” da horda primitiva, o qual não está submetido à castração. O gozo fálico é entendido como um gozo limitado, submetido à castração, constituindo a identidade sexual daqueles sujeitos alocados na posição masculina. Já o gozo feminino é entendido como um gozo diferente, sem limites, em função da relação diferente das mulheres com o pai originário. Este gozo é entendido como um “gozo suplementar”, incognoscível, indizível e desvinculado de qualquer referência biológica ou anatômica (ROUDINESCO & PLON, 1998).

O limite da função fálica é o pai, a função paterna. Portanto, a formação da posição masculina (como totalidade, universalidade definido pela função fálica) implica necessariamente a existência do pai. Sem o pai, o homem não seria nada, estaria sem forma. É ele quem vai marcar o limite da masculinidade de um homem. No entanto, faz-se importante destacar que Lacan não se refere aqui a um pai qualquer. Este pai está associado ao pai originário, como já destacado acima, aquele apresentado por Freud em *Totem e Tabu*, o pai da horda primitiva, o qual não foi submetido à castração e supostamente controla cada mulher solteira de seu meio. A ele a função fálica não se aplica, não está sujeito à lei, já que ele é a própria lei. Sabemos que este pai não existe, visto que estaria fora da castração simbólica, portanto fora também da linguagem, é um pai mítico. No entanto, ele existe dentro de nossa ordem simbólica na qualidade de um nome. Ou ainda, segundo Colette Soler (2005), mais que um nome, é uma questão de desejo, estando este pai preso a uma das modalidades da causa do desejo masculino.

Este “pai freudiano”, instituidor do tabu do incesto, limita o homem ao registro do simbólico, ou seja, instaura nele o simbólico e o desejo, tornando-se o ponto de ancoragem da neurose. Este limite, o qual institui a ordem simbólica, é dado pelo *Não* do pai. Desta forma, o sujeito da posição masculina torna-se completamente determinado pela castração simbólica. Portanto, todos aqueles sujeitos que são homens para a psicanálise lacaniana, lembrando que

não me refiro aqui a aspectos biológicos, são castrados. A castração tem relação com o fato de que em um dado momento do desenvolvimento psíquico do sujeito este é forçado a renunciar a algum gozo. Relaciona-se a perda, falta, limite. Esta renúncia refere-se ao modo de gozo e não ao pênis, como pode vir a ser interpretado por alguns leitores da obra freudiana. Portanto, esta noção de castração aplica-se tanto para sujeitos na posição masculina, quanto para aqueles na posição feminina (FINK, 1998).

No entanto, apesar de os sujeitos na posição masculina serem castrados, ocorre uma contradição, ou seja, um ideal de não castrado, de não conhecer qualquer limite, que insiste em existir nos sujeitos que estão nesta posição. Quanto a este aspecto, é possível fazer uma analogia com os estudos de masculinidade no campo de gênero, quando diversos autores da área (CONNELL, 1995; VALE DE ALMEIDA 1995, entre outros), sociólogos e antropólogos, apontam para a existência de uma masculinidade idealizada, que todo o homem busca alcançar. Em termos psicanalíticos, este ideal estaria relacionado à masculinidade deste grande Pai, um modelo de homem a ser alcançado, mas nunca equiparado pelo filho. Com relação a ser castrado, podemos relacionar ao apontamento de Humberto A. Paniagua (2000) quanto à permanente necessidade de comprovação da masculinidade, que nunca é fixa, ou palpável, exigindo sempre reafirmação. É importante ressaltar que estes autores também se referem a uma masculinidade não necessariamente colada no sexo masculino, em termos biológicos ou genéticos.

Fabián Schejtman (2006), ao relacionar a sexuação e os nomes do pai, em seu texto para o “*Scilicet des Nons du Père*”¹⁶ (Scilicet dos Nomes do Pai), afirma que o declínio da “*imagem paterna*” proposta anteriormente por Lacan deveria ser abordada a partir das fórmulas de sexuação, “em termos de queda, - quando não de fragmento - da função de exceção do pai e, certamente, posta na conta dos efeitos dos ‘discursos’ da ciência e do capitalismo globalizado, ou hiper moderno” (SCHEJTMAN, 2006, p. 160). Por outro lado, Soler aponta ainda que:

A função paterna ampliada tem como efeito nodular os sexos entre si (o par homem-mulher) e as gerações entre si (o par pais-filhos), mas também nodular entre si os dois casais do sexo e da geração, ainda que a civilização contemporânea trabalhe no sentido de desuni-los cada vez mais. Assim, vemos seu alcance socializante – e essa foi uma tese constante em Lacan –, estando todo o problema em saber se esse é um sintoma em vias de

¹⁶ Utilizei nesta dissertação, a versão desta obra traduzida para o português pela Escola Brasileira de Psicanálise (EBP). Trata-se de uma publicação da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), de textos preparatórios para o Congresso de Roma, sobre o tema “Nomes do Pai”, realizado entre os dias 13 e 17 de julho de 2006.

regressão, se pode manter-se além do “declínio do paternalismo” e se pode ser substituído (SOLER, 2005, p.180).

Valeria aqui uma discussão mais aprofundada sobre o pai no registro do real, sobre a forclusão do Nome-do-pai e seu retorno no real e também sobre a pluralização do Nome-do-pai, aspectos estes relacionados ao que Jacques-Alain Miller chama de último ensino de Lacan, pensando que relação estes aspectos teriam com a formação da posição masculina da sexuação. Nesta concepção, o pai estaria débil, não sendo mais o pai da interdição (o pai freudiano). Este pai seria aquele que vem nomear os modos de gozo e não mais o desejo, que articula gozo e desejo (DELGADO, 2006). Esta maneira de ver a questão merece uma exploração mais aprofundada e longa e exige um maior domínio da teoria lacaniana.

Dado que meus estudos sobre esta teoria ainda são iniciais, estando em andamento nos cursos sobre a teoria lacaniana que realizo na Escola Brasileira de Psicanálise, e também pelo fato de não ter me proposto a realizar uma pesquisa documental sobre psicanálise, restrinjo minhas reflexões a estas páginas. Nesta dissertação, em que desenvolvo uma investigação empírica, entrevistando sujeitos para refletir sobre os sentidos que atribuem à masculinidade e à paternidade, estou limitado, inclusive pelo tempo. Tive a intenção de situar os temas masculinidade e paternidade no ensino de Lacan, de forma a fundamentar melhor os caminhos escolhidos para esta dissertação, lembrando da complexidade destas questões na psicanálise lacaniana, em especial no seu último ensino, que pretendo aprofundar em outro momento de meu percurso acadêmico.

2.3 Juventude e gerações – algumas reflexões norteadoras

A compreensão dos termos geração e juventude mostrou-se de grande importância nesta pesquisa, considerando sua complexidade de definição e problematização. Dificuldades e confusões na aplicação destes termos são apontadas por diversos sociólogos e historiadores que refletem sobre problemas de definição e os perigos de banalização e generalizações dos conceitos (MANNHEIM,1982 [1952]; SIRINELLI, 1996; GROppo, 2000), questionando a periodização cronológica da vida humana em etapas, tão ligadas às psicologias do desenvolvimento e às ciências médicas e biológicas.

Karl Mannheim (1982[1952]), um dos sociólogos que se dedicou a esta questão, ressaltou o fato de as gerações se encontrarem em um estado de interação constante e, portanto, apresentarem-se como um guia imprescindível para se compreender a estrutura de

movimentos sociais e intelectuais. Para ele, a existência de gerações está relacionada a um ritmo biológico da vida humana, ou seja, fatores de vida e morte, períodos limitados de vida e envelhecimento. Afirma que os sujeitos pertencentes a uma mesma geração são dotados de uma situação comum, de um recorte histórico do processo social. Desta maneira, o dinamismo da sociedade torna-se proporcionalmente maior na medida em que problemas de gerações mais jovens se refletem sobre as mais velhas.

O autor define geração como um “fato coletivo”, uma forma de situação social, uma vivência social criada a partir de um fundamento natural. Segundo ele, os membros de uma determinada geração estão “similarmente situados”, ou seja, experienciam os mesmos acontecimentos e dados, estão expostos a uma mesma fase do processo coletivo. Nas palavras de Mannheim “... falaremos de uma *geração enquanto uma realidade* apenas onde é criado um vínculo concreto entre os membros de uma geração, através da exposição deles aos sintomas sociais e intelectuais de um processo de desestabilização dinâmica” (MANNHEIM, 1982, [1952], p.86). Ele trabalha com o conceito de “unidade de geração”, que define como sendo uma potencialidade de cada momento histórico particular e de cada situação social, com grandes semelhanças dos fatos que constituem a consciência de seus membros, os quais participam de um destino comum. Outro fator apontado por Mannheim para definir este termo é a necessidade de se nascer dentro de uma mesma região histórica e cultural, ou seja, sujeitos de uma mesma idade pertencem a uma unidade de geração apenas quando participam de correntes sociais e intelectuais características de sua idade e período.

Jean-François Sirinelli (1996), historiador, tratando a questão dentro da disciplina e como tema muito central para a História, afirma que a geração no sentido “biológico” é aparentemente um fato natural. No entanto, aponta que é também um fato cultural, o qual é moldado por acontecimentos e muitas vezes proveniente da auto-representação e auto-proclamação, ou seja, de um sentimento de pertencimento a uma faixa etária com uma significativa identidade diferencial. Alerta também que a geração é “uma reconstrução do historiador que classifica e rotula” (SIRINELLI, 1996, p. 133). Porém, salienta que a geração é ao mesmo tempo um objeto de história e um instrumento de análise, sendo considerada uma peça essencial, de “engrenagem do tempo”, cuja importância pode variar de acordo com os setores estudados e os períodos abordados.

Em uma pesquisa sobre homens e gerações em diversos contextos em Pernambuco, Parry Scott, Renato M. Athias, & Márcia R. Longhi (2005) afirmam que homens sempre são diferentes no tempo e espaço, assim como de geração para geração. Estes autores acreditam que eventos e processos internacionais, nacionais ou regionais, marcam trajetórias históricas e

têm repercussões diversificadas nas formas de adultos e jovens se apresentarem como masculinos. Desta maneira, refletem que a idéia de socialização para a masculinidade, quando pensada sob o ponto de vista de gerações de pais e filhos, abrange atividades de produção, reprodução, distribuição e transmissão relacionadas a grupos domésticos, o que é confirmado nas falas e práticas de seus sujeitos sobre temas diversos.

Em nossa sociedade, de acordo com o que afirma Luís A. Groppo (2000), as experiências sociais vivenciadas pela juventude de uma determinada geração são muito diferentes daquelas vividas por adultos quando estes também eram jovens. Este autor entende a juventude como uma categoria social, como uma realidade social importante para o entendimento das relações sociais e suas transformações. Acredita que devemos combinar as categorias juventude e geração com outras categorias sociais, para torná-las mais inteligíveis. Segundo ele, pensar a juventude como uma representação sócio-cultural, uma situação social, significa pensar neste conceito como mais do que uma faixa etária ou uma “classe de idade” de limites etários restritos. Nas palavras do autor: “a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPO, 2000, p. 8).

Aponta também que muitas definições de juventude caem em uma perspectiva bastante fisiológica, psicológica ou culturalista. De acordo com o autor o termo juventude trata “não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas.” (GROPPO, 2000, p. 8). Segundo ele, a juventude é vivida na modernidade com muita heterogeneidade na realidade cotidiana, em consequência de sua combinação com outras situações sociais, tais como as de camada ou estrato social e também por diferenças culturais, nacionais e de localidade, assim como por diferenças de etnia e gênero. Desta maneira, parti destas reflexões para refletir sobre juventude e gerações em consonância com os temas paternidade e masculinidade nas famílias estudadas nesta dissertação.

3 Os caminhos metodológicos desta jornada discursiva – da trajetória do pesquisador à descrição dos informantes e locais de pesquisa

Minhas experiências como pesquisador tiveram início ao fim de minha graduação em Psicologia em 2004, na área de direitos sexuais e reprodutivos de jovens, participando de programas de pesquisa e extensão universitária. Foi neste período que participei de um projeto de âmbito nacional, coordenado por Jorge Lyra, coordenador do Instituto Papai, ONG de Recife, no Estado de Pernambuco (PE), o qual pretendia construir outros olhares sobre os direitos sexuais e reprodutivos de jovens. Nesta pesquisa, que contemplava as cinco regiões do Brasil, fui membro da equipe responsável pela região sul, a qual foi coordenada pela prof.^a Dra. Maria Juracy F. Toneli, do núcleo de Pesquisas *Margens* (Modos de Vida, Família e Relações de Gênero) da UFSC.

Na seqüência daquele projeto surgiram outros em âmbito nacional, durante 2005 e 2006 (anos em que eu cursava o Mestrado em Psicologia), em parceria com o Instituto Papai e outras universidades brasileiras, abrangendo assuntos tais como: a inserção de homens nos serviços de saúde¹⁷ e sobre instituições que oferecem assistência a homens autores de violência¹⁸. A participação nessas pesquisas, tanto antes, quanto durante o período em que eu

¹⁷ O projeto de pesquisa financiado pelo Ministério de Saúde do Brasil, intitulado “*Homens nos Serviços Públicos de Saúde - Rompendo barreiras culturais, institucionais e individuais Recife, Florianópolis e São Paulo*”, tem como objetivo principal promover a inserção de homens nos programas de saúde reprodutiva/saúde integral de hospitais de referência em três capitais brasileiras: Recife, São Paulo e Florianópolis, por meio da capacitação de profissionais, elaboração de estratégias de comunicação, embasadas em pesquisa-diagnóstico e avaliação visando contribuir para a sociedade brasileira. A proposta é que essa experiência possa servir de modelo para outras experiências congêneres e para o próprio Ministério da Saúde/ Área da Saúde da Mulher através da sistematização desta iniciativa em um dossiê e da articulação política junto ao Ministério, o UNFPA e ao movimento de mulheres e de juventude, de forma que a inserção dos homens em programas de saúde tenha na experiência do presente projeto uma contribuição importante na construção de políticas de gênero. Este objetivo está em consonância com tratados internacionais em direitos humanos, dos quais o Brasil é signatário, e a atual plataforma feminista brasileira, na medida em que busca contribuir para implementação de políticas públicas que visem envolver os homens em questões relativas à sexualidade e à reprodução, com vistas a garantir e ampliar o exercício dos direitos sexuais e direitos reprodutivos de mulheres e de homens. (Fonte: INSTITUTO PAPAÍ. *Homens nos Serviços Públicos de Saúde - Rompendo barreiras culturais, institucionais e individuais Recife, Florianópolis e São Paulo*. Projeto de pesquisa. Recife, 2004. 17 p.)

¹⁸ Projeto de pesquisa intitulado “*Violência Sexual e Saúde Mental: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência sexual*”, tendo os objetivos de 1) desenvolver uma análise das atuais propostas de ação voltadas ao atendimento a homens autores de violência sexual contra mulheres e 2) implementar uma experiência piloto de atendimento a agressores. A partir dessas duas ações pretende delinear uma proposta de atendimento psicossocial, inspirada, por um lado, nas atuais diretrizes do governo brasileiro para redução da violência contra as mulheres e por outro, nas atuais políticas públicas brasileiras em saúde mental, a partir de uma perspectiva crítica. Esta é uma iniciativa conjunta do Núcleo de Pesquisa MARGENS - Modos de Vida, Família e Relações de Gênero do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, do grupo de pesquisa Representações, Práticas socioculturais e Processos de Exclusão do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, do Núcleo de Pesquisa em Gênero e Masculinidades (GEMA) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco e da ONG Instituto PAPAÍ (Recife). Com apoios da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, do Ministério da Saúde e do CNPq, entre outras organizações, esses grupos vêm desenvolvendo diferentes atividades voltadas para a investigação, intervenção e ensino, direcionadas à equidade de gênero em torno de diversas problemáticas: saúde e direitos sexuais e reprodutivos, violência e discriminações de gênero, paternidades e masculinidades, processos de exclusão/inclusão, bem como ações articuladas com instituições de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Espírito Santo, entre outros estados brasileiros que integram a Rede de Homens pela Equidade de Gênero - RHEG. Neste projeto, fui responsável pelo campo de pesquisa realizado na Ciudad del México e também no Rio de Janeiro, realizando entrevistas e visitas às instituições alocadas nestas cidades, que trabalham com grupos

cursava o Mestrado em Psicologia, proporcionou-me experiência na realização de entrevistas semi-estruturadas e na análise de conteúdo, além de ter me permitido entrar em contato com uma variada literatura científica na área de masculinidades, violência e direitos sexuais e reprodutivos.

Ao entrar no programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC em 2005, minha trajetória inicial como pesquisador sofreu mudanças. Nos caminhos percorridos para a construção desta pesquisa passei a estudar o método etnográfico, o qual me pareceu mais adequado para a realização das entrevistas com os sujeitos desta dissertação. Cheguei a esta conclusão inspirado, dentre outras leituras, nas palavras de Cláudia Fonseca (1999), quando ressalta que a etnografia tem como ponto de partida a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, dando ênfase ao seu cotidiano e às subjetividades envolvidas.

No entanto, como salienta Zago (2003, p 293), “o trabalho de campo dificilmente vai se desenrolar conforme planejado e desse modo está sujeito a sofrer um processo de constante construção”. Neste sentido, cada passo dado gerava em mim, ora um entusiasmo pelas empolgantes descobertas do campo, ora desânimo pelas dificuldades que surgiam.

Desvencilhar-me de minhas práticas anteriores de fazer pesquisa, mais atento ao roteiro elaborado com categorias pré-estabelecidas, embora não rígido, foi um processo difícil tornando a realização da pesquisa de campo para esta dissertação menos segura para mim, pela forma como eu estava realizando as perguntas nas primeiras entrevistas e pelas reações dos sujeitos entrevistados. Acabava por me apoiar no roteiro, embora tivesse a intenção de deixar a entrevista mais livre, aos moldes do método etnográfico. Estes impasses me trouxeram questionamentos, os quais eu tentava registrar em meu diário de campo. Importante ressaltar que com as discussões e reflexões levadas às reuniões de orientação da pesquisa, aos poucos, estas dificuldades foram sendo re-significadas.

Atento ao que ensina Geraldo Romanelli (1998) em seu artigo sobre a entrevista antropológica, passei a entender a entrevista como uma relação diádica, a qual desenvolve uma forma de sociabilidade específica. Este autor apresenta sua concepção de entrevista como sendo um "processo de construção de dados" realizado sobre experiências múltiplas e expresso pela linguagem, de forma a constituir um produto cultural. Ressalta a importância da observação atenta a tudo o que ocorre em uma entrevista, para posterior análise. Esta nova forma de ver a entrevista permitiu-me avaliar melhor o conjunto de questões que podiam

e atendimentos a homens autores de violência. (Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Núcleo de Pesquisas Margens. Modos de Vida, Família e Relações de Gênero. *Violência Sexual e Saúde Mental: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência sexual*. Projeto de Pesquisa. Florianópolis, 2006. 12 p.)

surgir neste processo, principalmente quando o tema provocava sentimentos e emoções intensas, tanto nos entrevistados como no entrevistador. Pesquisar mais de um membro da mesma família e, na maioria dos encontros, em seu contexto familiar, representou um grande aprendizado, visto que minha experiência anterior estava resumida a trabalhos com jovens e grupos em outros ambientes institucionais.

Portanto, nesta pesquisa realizei entrevistas livres inspiradas na etnografia e também entrevistas mais concentradas em um roteiro pré-estabelecido¹⁹ (ambas acompanhadas de registros em um diário de campo). Assim ocorreu, como já foi relatado, devido à minha dificuldade, em alguns momentos, de me desvencilhar da prática de entrevistas semi-estruturadas, que eu continuava a realizar nos outros projetos do Núcleo de Pesquisas *Margens*, da UFSC.

Os sujeitos desta pesquisa foram homens jovens de camadas populares, pais ou não, assim como alguns de seus familiares (seus próprios pais e irmãos), refletindo sobre a construção de masculinidades e sobre a criação de seus filhos. Meus contatos se deram a partir de minhas incursões pelos morros da cidade de Florianópolis (Maciço do Morro da Cruz²⁰), iniciadas nas pesquisas do Núcleo *Margens* da UFSC e em meus momentos de entretenimento carnavalesco, como participante dos desfiles das escolas de samba. Durante os meses que antecedem o carnaval, costumava frequentar os ensaios nas quadras das escolas de samba desta região, onde fiz amigos e conheci alguns dos informantes desta pesquisa. A maioria deles me foi apresentada posteriormente, por estes conhecidos dos ensaios.

Nesta dissertação limitei a pesquisa a sujeitos de camadas populares, influenciado pelos projetos de pesquisa e extensão universitária dos quais participei anteriormente, realizados e que priorizavam o trabalho com estas camadas da população. Este recorte me possibilitou uma análise mais atenta e cuidadosa de questões e características específicas das camadas populares com relação aos temas estudados. É relevante pontuar que alguns dos sujeitos entrevistados possuíam renda equivalente a profissionais de camadas médias. No entanto eram oriundos das camadas populares, frequentando ou morando na comunidade em questão, participando, portanto, do cotidiano dos sujeitos desta camada da população.

Em complemento, minha pesquisa foi enriquecida por diversas conversas com amigos homens, conhecidos da universidade e da região onde moro. Diálogos que me trouxeram questionamentos e me inspiraram em diversos momentos. Destes contatos surgiram informantes e registros em meu diário de campo. Era muito interessante ouvir estes homens

¹⁹ Para maiores detalhes sobre os roteiros, ver apêndice A.

²⁰ A caracterização desta região será feita adiante, na medida em que descrevo os ambientes onde a pesquisa foi realizada.

questionando mandatos de masculinidade, relatando seus encontros com a afetividade, os cuidados com o corpo, o carinho com filhos e filhas como pais e também a intensa angústia de alguns, no seu processo de construção do que era ser um homem.

Chamou minha atenção a diferença de comportamentos entre gerações de pais. Os mais velhos eram marcados pela racionalidade, a resistência à afetividade e o distanciamento nos contatos, enquanto o mesmo cotidiano trazia maior expressão de carinho pelos filhos por parte dos pais mais jovens. Isto tudo me incitava a querer ler mais sobre os temas masculinidade e paternidade e sobre o psiquismo humano. Dúvidas e descobertas trouxeram à tona minha própria construção do que é ser homem e de minhas referências familiares sobre o ser pai e ser masculino.

A seguir, farei a apresentação dos entrevistados, assim como procurarei dar um panorama do ambiente onde as entrevistas ocorreram. Considerando que a intenção desta pesquisa não foi a de produzir dados quantitativos e sim um material que permitisse produzir uma análise das falas destes sujeitos, as entrevistas não foram numerosas. Adiante, a tabela com os sujeitos entrevistados:

Tabela 4 Sobre os sujeitos entrevistados

Nome²¹	Idade	Escolaridade	Profissão	Local de Origem	Forma de Contato
<u>Marco</u>	23	2º Grau	Auxiliar de Trânsito	Florianópolis –SC	Amigo em comum – escola de samba
Pedro Marco)	45	2º Grau	Servidor Público Federal	Florianópolis – SC	Amigo em comum – escola de samba
Tania (companheira de Pedro)	32	2º Grau com Técnico em Enfermagem	Enfermeira	Vacaria- RS	Amigo em comum – escola de samba
<u>Edson</u>	18	Cursando ensino médio	Estudante	Florianópolis – SC	Amigo em comum – escola de samba
Paulo (pai de Edson)	Na faixa dos 50 anos	Não informa	Militar – Cabo da Polícia	Nao informa	Amigo em comum – escola de samba
Marta (Mãe de Edson)	Na faixa dos 50 anos	Não informa	Dona de Casa	Não informa	Amigo em comum – escola de samba
<u>Oswaldo</u>	30	2º Grau com Técnico em Enfermagem	Enfermeiro	Florianópolis – SC	Amigo em comum – escola de samba
Clotilde (mãe de Oswaldo)	57	Ensino primário incompleto	Dona de casa (trabalhava como faxineira)	Florianópolis – SC	Através de Oswaldo
Bartolomeu (pai de Oswaldo e Norberto)	60	Relatou ser analfabeto, apesar de afirmar em outro trecho da entrevista que estudou, quanto esteve num abrigo para menores.	Desempregado-músico	Florianópolis – SC	Através de Oswaldo
Norberto (irmão de Oswaldo)	24	Sétima série do ensino fundamental	Desempregado	Florianópolis	Através de Oswaldo
<u>Leonardo</u>	27	Ensino fundamental	Zelador	Santa Rosa / RS	Contato direto pelo trabalho dele
<u>Tarcísio</u>	24	Segundo grau incompleto	Vigia	Santa Rosa / RS	Contato direto pelo trabalho dele

3.1 Ambientes em que ocorreram as entrevistas

Fui apresentado aos meus primeiros entrevistados por um amigo em comum que trabalhava nas atividades da escola de samba da região. Esse amigo me levou até esta comunidade, localizada no morro do Mocotó (região também conhecida como Prainha, nas proximidades do centro da capital), apresentando-me a seus conhecidos.

Os morros da região central de Florianópolis são caracterizados, em geral, por moradias de camadas populares, constituindo, de acordo com Lago (1996), um dos redutos de resistência desta população à dinâmica do processo de urbanização da cidade. Estes morros tornaram-se locais de moradia da população mais carente, pelas dificuldades de acesso,

²¹ Considerando as questões éticas de um estudo científico, todos os nomes utilizados para identificar os informantes nesta dissertação são fictícios.

expandindo-se ao redor da região central e do Morro da Cruz²². O chamado Maciço Central do Morro da Cruz possui manchas de habitações das elites e das camadas médias florianopolitanas, próximas aos acessos das estações de TV, assim como conserva também muitos locais habitados por populações de baixa renda.

O morro do Mocotó é localizado próximo ao mar, no entanto, a população desta região já não vive mais das atividades de pesca. Com a urbanização da capital, nativos e moradores mais carentes foram sendo cada vez mais deslocados para as regiões mais altas do morro e para as periferias da cidade, na medida em que foram construídas ruas e rodovias para melhorar o tráfego na região central. Além disso, boa parte destas regiões passaram a ser procuradas, pela proximidade do centro da cidade, para moradias de camadas médias da população e pelo setor imobiliário, para a construção de prédios e estabelecimentos comerciais (LAGO, 1996).

Uma medida da prefeitura, procurando reaproximar parte desta população que tinha acesso ao mar na região central e em outros locais da cidade (principalmente pescadores artesanais), promoveu a construção de ranchos²³ para barcos de pesca em frente ao mar. A comunidade do Morro do Mocotó foi contemplada por este projeto, beneficiando antigos pescadores e nativos da região, que haviam perdido o acesso ao mar. Nestes locais alguns moradores desta e de outras regiões deixam seus barcos e costumam passar seus tempos de folga, durante os fins de semana com amigos. Foi num destes ranchos que fui apresentado aos meus primeiros informantes, a alguns metros da região do morro, após uma visita à comunidade.

3.2 Marco e seus familiares

Marco, seu pai e amigos estavam passando a tarde de domingo com amigos nos ranchos de pesca. Dentro do rancho do pai de Marco havia uma pequena cozinha com geladeira, televisão e uma rede de descanso. Passamos o dia todo juntos neste local. Marco ajudava seu pai com o barco de pesca.

Foi possível notar, a despeito da afirmação de um dos entrevistados, que aquele era um dos principais momentos e locais de socialização entre o dois homens entrevistados (pai e

²² A autora relata, não obstante, como muitos destes espaços vão sendo tomados de seus habitantes originais pela população de renda mais elevada, no processo de valorização imobiliária dos espaços próximos ao centro da cidade e que oferecem paisagens atrativas ou disponibilizam equipamentos urbanos, como é o caso do Morro da Cruz, com as estações de TV da capital.

²³ Construções a beira-mar, onde são guardados os barcos e apetrechos de pesca de pescadores artesanais.

filho), depois da escola de samba. Foi interessante observar a diferença dos discursos destes informantes, mostrando diferentes percepções do mesmo contexto e suas idealizações a respeito de paternidade e masculinidade.

3.2.1 Marco – o jovem pai

Marco é um jovem de 23 anos, natural de Florianópolis e pai de um menino de 5 anos de idade. Seu filho vive com a mãe e os avós maternos. Marco vive com sua avó, na região da Prainha, no morro do Mocotó. Tem segundo grau completo e trabalha como auxiliar de trânsito (Zona Azul, serviço municipal de controle de estacionamentos nas ruas). Na comunidade onde vive existe uma escola de samba, da qual Marco participa nos períodos de carnaval, assim como seu pai. Marco mora e sempre viveu com sua avó paterna. Seus pais viviam nas proximidades até se separarem, há alguns anos. Este momento foi caracterizado por Marco como difícil e ele relata ter sofrido calado. Comenta que o contato com seu pai se reduziu com a separação. A mãe de Marco atualmente está com outro companheiro e a única irmã de Marco, mais nova que ele, vive com a mãe, em outro local da cidade, não identificado por Marco durante a entrevista.

3.2.2 O pai de Marco – Pedro

Pedro, pai de Marco, é natural de Florianópolis. Tem 45 anos, segundo grau completo e é servidor público federal. Também atua na escola de samba nos períodos de carnaval. Vive sozinho na região continental da capital e tem uma namorada já há alguns anos. A família de Pedro é afro-descendente²⁴, à exceção de sua companheira.

3.2.3 A companheira de Pedro – Tânia

Tânia, companheira de Pedro, é natural de Vacaria, no Rio Grande do Sul, mas vive em Florianópolis há 15 anos, na região continental da capital. Tem 32 anos e segundo grau completo, com curso técnico em Enfermagem. Na época em que foi entrevistada, estava cursando a faculdade de Enfermagem e trabalhando como enfermeira. Afirma estar com Pedro há mais de dois anos. Não são casados oficialmente, mas têm uma união estável.

Apesar de passar muito tempo na casa de Pedro, não mora com ele e acredita ter uma boa relação com Pedro e seu filho. Comenta que a filha de Pedro tem bastante ciúmes dela. Os pais de Tânia são comerciantes e casados há aproximadamente 40 anos. Tiveram cinco filhos, destes dois são homens e três são mulheres. De acordo com a informante, todos vivem com companheiros(as). Tânia é a exceção quanto a este aspecto, entre seus irmãos.

3.3 Edson e seus pais

3.3.1 Ambiente no qual ocorreram às entrevistas:

Edson e seus pais foram entrevistados no mesmo dia em que Marco e seus familiares. Fui apresentado a eles pelo mesmo amigo que me levou a família de Marco. O pai de Edson, Paulo, é vizinho de "rancho" de Pedro (pai de Marco). Embora Edson e seus pais vivam em outro município da região metropolitana de Florianópolis (Palhoça), Paulo é responsável pela organização de um bloco de samba, no período de carnaval, com membros da comunidade do morro do Mocotó, região da Prainha, no Maciço do Morro da Cruz. Sua esposa também participa das atividades da escola de samba desta comunidade. São todos de pele branca e a procedência étnica da família não foi informada, visto que este tema não foi abordado durante a entrevista.

No dia da entrevista, Paulo (o pai de Edson) passou o dia todo no seu rancho em frente ao mar, bebendo cerveja. Não interagiu com nenhum dos vizinhos, apenas observava e bebia. Seu rancho era similar ao de Pedro, apenas possuindo um pouco mais de mobília. No fim da tarde chegaram no rancho sua mulher, que estava em uma procissão católica no centro da cidade e dois de seus filhos, Edson e o caçula. À noite, meu contato me apresentou à esposa de Paulo, que trabalhava com ele e com o pessoal do morro nas atividades da escola de samba. Foi por intermédio dela que fui apresentado a Paulo (seu marido) e Edson (seu filho), como pesquisador da universidade.

Paulo, muito desconfiado ao ter observado que entrevistei Marco e seus familiares em separado, insistiu que se eu fosse entrevistar sua família teria que ser juntos, pois não tinham segredos. Ao iniciarem as entrevistas, sua esposa sugeriu que eu os entrevistasse dentro do "rancho", enquanto todos os outros estavam em frente ao mesmo à beira do mar. Edson foi o

²⁴ Prefiro utilizar este termo, no lugar do termo negro ou preto, considerando ser mais ético e adequado para caracterizar esta população, embora saiba da existência de discussões e opiniões diversas sobre estas categorias.

primeiro a ser entrevistado. Em seguida foi sua mãe e seu pai.

Durante as entrevistas Paulo circulava, entrando e saindo do rancho várias vezes e observando a entrevista de sua esposa e de seu filho, intervindo em alguns momentos. Sua entrevista foi realizada em conjunto com a de sua esposa, a partir do momento em que ele começou a interagir na conversação iniciada com Marta. Foram entrevistas muito breves, pouco diziam além de adjetivos que qualificavam a vivência familiar como muito boa, “*nota 10*”. Os pais, principalmente a mãe, procuravam enfatizar como eles eram bons na criação de seus filhos, criando um ambiente de respeito e união.

3.3.2 Edson

Edson tem 18 anos, é o segundo filho do casal Marta e Paulo. Na época da entrevista cursava o ensino médio. Natural de Florianópolis, não trabalhava, apenas estudava. Edson pouco falou em sua entrevista, respondendo as perguntas de maneira muito breve. Dizia que não sabia o que dizer, que não vinha nada em sua cabeça. Seu pai esteve todo o tempo circulando por perto durante a conversação e seu irmão mais novo, de 12 anos, também esteve presente, participando da entrevista em alguns breves momentos.

3.3.3 O pai de Edson – Paulo

Paulo é militar, cabo da polícia há 27 anos. Em sua entrevista, não informou seu local de origem e nem o grau de escolaridade. Não informou sua idade, mas aparenta estar na faixa dos 50 anos. Um dos amigos em comum da família de Marco contou que ele pouco fala com as pessoas, exceto quanto bebe um pouco. Organiza um bloco de carnaval ligado à comunidade onde vive Marco, no morro do Mocotó. É visto por alguns moradores desta comunidade como alguém rígido e fechado. Sua mãe era cozinheira e o criou sozinha, sem a presença de seu pai. Não relata muitos detalhes de sua família de origem. Sua entrevista foi realizada juntamente com a da esposa.

3.3.4 A mãe de Edson – Marta

Esposa de Paulo, Marta aparenta estar na faixa de 50 anos também. Não informou seu

local de origem e nem o grau de escolaridade. Bastante falante, contou que sua família é muito unida, que é “*nota 10*²⁵”. É Mãe de três filhos homens, com idades de 12, 18 e 23 anos. Casada há 24 anos com Paulo, Marta atua nas atividades da escola de samba e é pensionista da Aeronáutica, visto que seu pai, já falecido, era tenente desta força militar. Relatou que sua mãe também já faleceu e que tem cinco irmãs, das quais três trabalham em instituições públicas.

3.4 Oswaldo e sua família

3.4.1 Ambiente no qual ocorreram as entrevistas – o almoço em família

A entrevista com Oswaldo foi realizada no apartamento onde mora, nas proximidades da Universidade Federal de Santa Catarina, em dia posterior à visita ao local onde vive a sua família. Seu prédio está localizado em uma região de camadas médias, habitada em sua maioria por estudantes da universidade. Por telefone, combinei com Oswaldo, com quem eu tive contato anterior nos ensaios da escola de samba, visitar a sua família em um domingo.

Eu o encontrei nas proximidades da universidade e seguimos de ônibus até o bairro Agrônômica, local de camadas médias, onde paramos perto do shopping Beira-Mar, para então seguirmos caminhando até a área onde vive sua família próximo aquela região, nas cercanias do Morro da Cruz, nas partes mais altas do morro. Com o intenso aumento do processo de urbanização da ilha, a população de camadas populares desta região, que constitui o Maciço do Morro da Cruz, foi sendo cada vez mais empurrada para as partes mais altas do morro (LAGO, 1996). A família de Oswaldo, segundo eles relatam, foi uma das primeiras a povoar a região mais alta deste morro. Contaram como tudo mudou neste local nos últimos anos, tendo ocorrido um aumento da violência e a banalização do tráfico de drogas.

Após uma longa subida, chegando lá em cima do morro, já dava para avistar garotas jovens na rua conversando, garotos sentados no meio fio e os moradores, todos muito familiarizados uns com os outros, cumprimentando-se. Ao subirmos, Oswaldo me explicou a diferença entre morar no morro e morar em uma favela. Segundo ele, no morro as casas são separadas por terrenos, o que não acontece nas favelas, onde as casas estão todas juntas, de uma maneira bem mais improvisada e precária. Achei interessante sua observação. Seguindo,

²⁵ Utilizo o formato de fonte *italico* para destacar todas as falas dos informantes ao longo do texto ou citadas em separado e, em consequência, diferenciar das citações literais de outros autores estudados nesta dissertação.

na eminência de chegarmos na casa de sua mãe, conhecidos de Oswaldo começaram a surgir, cumprimentando-o.

A vista lá de cima do morro era muito bonita. Era possível ver parte da Beira-Mar, os prédios contrastavam com as casas simples do morro. Subimos uma rua estreitinha e viramos à direita para chegarmos à casa de madeira, pintada de branco, cercada por muros. Era uma casa de quatro cômodos (dois quartos, sala, banheiro e um quarto improvisado na sala, separado pelos móveis e uma cortina). Da janela da cozinha era possível ver o mar ao longe e os prédios da Avenida Beira-Mar. A madeira comida pelo cupim me lembrava a casa de meus pais em minha infância. A madeira velha embaixo da casa e o barro no chão também. Ao lado de fora da casa, já estavam o irmão mais novo do Oswaldo e sua mãe que nos receberam com muita hospitalidade. Estavam presentes também a companheira do irmão mais novo de Oswaldo, com seus três filhos (de uma união anterior à relação que tem hoje com o rapaz) e o outro irmão de Oswaldo, que estava dormindo. Após algumas horas chegaram amigos de Oswaldo e uma vizinha. Todos na casa falavam muito alto, quase gritando, e riam bastante. Domingo era sempre dia de festa, o som ficava ligado, tocando samba, pagode e também funk.

3.4.2 Oswaldo – o primeiro que saiu de casa

Oswaldo tem 30 anos e é natural de Florianópolis. Tem segundo grau completo, é técnico de Enfermagem, e foi o primeiro a sair de casa. Atua como enfermeiro em um hospital psiquiátrico. Na época da entrevista dividia um apartamento nas proximidades da universidade. Também é afro-descendente, e dentre os seus irmãos é o mais bem sucedido financeiramente. Samba muito bem e todos os anos desfila nas escolas de samba da ilha, em alas coreografadas. Relaciona-se sexualmente com homens e aparentemente sua família não sabe nada sobre isso, não tendo mencionado nada sobre a questão.

3.4.3 A mãe de Oswaldo – Clotilde

A mãe de Oswaldo, dona Clotilde é uma senhora branca, já com seus 57 anos, natural da Região Metropolitana de Florianópolis. É analfabeta e criou seus filhos fazendo faxina e passando roupa. Clotilde tinha dificuldades para falar e para ouvir devido a um derrame que havia tido há alguns anos atrás, mas nada que prejudicasse demais a comunicação. Por causa

do derrame não trabalha mais e, em consequência, seus filhos ajudam no sustento da casa. Nem sempre era possível entender suas falas, embora ela procurasse responder como podia.

Clotilde contou sobre sua família, comentou que seu marido não estava naquele momento, que devia estar bebendo lá para baixo do morro e logo voltaria. Relatou que tem um bom casamento, um bom relacionamento com seu companheiro, que ele já teve problemas com o álcool, mas que agora era mais tranquilo. Contou também que ele está desempregado, fazendo apenas alguns “bicos” ocasionalmente. Tiveram seis filhos, dois destes morreram (um antes de nascer e outro logo ao nascer), todos homens. Na época da entrevista, somente um dos filhos morava com o casal. Outro deles mora a alguns metros dali, mas frequentemente estava na casa dos pais.

3.4.4 O pai de Oswaldo – Bartolomeu

Bartolomeu não estava presente quando cheguei em sua casa. Chegou perto do almoço e passou a tarde com a família também. Natural da Região Metropolitana de Florianópolis, Bartolomeu está na faixa dos 60 anos. Relata ser analfabeto, embora em outro momento da entrevista afirme ter tido algum estudo quando morava em um abrigo para menores. No dia da visita à sua casa, estava desempregado, apresentando-se como músico. Quando era jovem, serviu o exército. Ao sair, trabalhou como pedreiro e também no comércio, onde atuou por 15 anos. Relatou que devido à idade não teve mais oportunidades de emprego, dependendo, na época da entrevista, do apoio financeiro de seus filhos, e de amigos que o ajudavam. Sobre sua família de origem, Bartolomeu comentou que sua mãe trabalhava de lavadeira e teve muita dificuldade para criá-lo. Seu pai se separou dela e ele então foi criado num abrigo de menores. A princípio, parecia de pouca conversa. Quanto Oswaldo me apresentou como um amigo psicólogo que estava lá para fazer uma entrevista com ele, ele disse rapidamente “*Entrevista pra psicólogo? Mas eu não tô louco, não!*” Então Oswaldo explicou meu trabalho como pesquisador e ele aceitou gentilmente ser entrevistado.

3.4.5 O irmão de Oswaldo – Norberto

Norberto é o irmão mais novo de Oswaldo e o primeiro dentre eles que se tornou pai, motivo pelo qual procurei entrevistá-lo também. Tem 24 anos e é natural de Florianópolis.

Quando o entrevistei estava desempregado. cursou apenas até a sétima série do ensino fundamental, quando desistiu de estudar. Comentou que tentou voltar, não conseguiu e começou a trabalhar. Norberto mostrou-se bastante brincalhão, falante e com jeito malandro. A princípio parecia bravo e de pouca conversa, mas na realidade demonstrou ser bastante educado e gentil. Norberto disse em tom de brincadeira durante a manhã que eu não poderia perguntar nada pra ele que ele não quisesse ou não pudesse responder, se não eu ia “*levar bala*”, pois ele era “*bandido*.” Norberto foi pai pela primeira vez aos 14 anos e depois aos 16. Já foi casado três vezes. No momento da entrevista relatou não ter contato com os filhos, nada falando sobre eles. Diz que quando se separou, pagava pensão, mas sua ex-mulher o impedia de ver os filhos, então parou de pagar e de ter contato com eles. Contou que vivia com uma outra mulher, mais velha que ele (perto de 40 anos) e com seus enteados, três filhos da união estável anterior de sua companheira (um garoto de 16, uma garota de 13 e um menino de 6). Todos estavam lá na casa da mãe de Norberto no dia em que eu os visitei. Estão juntos há quatro meses.

3.5 Estudando uma fratria – Leonardo e Tarcísio

3.5.1 Sobre a família

As entrevistas de Leonardo e Tarcísio ocorreram no local de trabalho de ambos, um condomínio nas proximidades da Universidade Federal de Santa Catarina. O interesse em entrevistá-los surgiu a partir de contatos iniciais no próprio local de trabalho destes informantes, visto que o condomínio onde trabalhavam era próximo à minha residência. Nestas conversas que antecederam a entrevista, Tarcísio relatou suas aventuras, falou sobre seu estilo e filosofia de vida e sobre sua relação com a família de origem e com as mulheres. Leonardo falou sobre a criação de suas filhas e sobre a sua família de origem. A partir destas conversações iniciais, convidei-os para participarem da pesquisa.

Ambos vieram do Rio Grande do Sul em períodos diferentes. Procurarei descrever a seguir suas famílias e o ambiente onde vivem. Segundo relataram, o pai, com 61 anos de idade, mora em um município da Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul com sua esposa, de 56 anos, que sempre se dedicou ao lar. Tarcísio relatou que seu pai teve diversas ocupações profissionais, como trabalho na roça e motorista de ônibus, entre

outras. Atualmente é funcionário de uma empresa. O casal teve 4 filhos: dois homens e duas mulheres. Uma das filhas vive em Lages (Santa Catarina) e a outra na mesma cidade dos pais. Leonardo mora em Florianópolis, no morro da Serrinha, próximo à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este morro é caracterizado por ser uma área de moradia de população de camadas populares (localizado próximo ao bairro Carvoeira) e também faz parte das comunidades do Maciço do Morro da Cruz. Neste local, casas simples no alto do morro se mesclam com os prédios e residências de camadas médias localizadas no pé do morro, ao redor da UFSC. Leonardo trabalhava em um destes prédios. Morava neste morro com sua companheira e três filhos, duas meninas e um menino. A mais velha era filha apenas de sua mulher, e o menino nascera um dia antes de eu entrevistá-lo.

Tarcísio, seu irmão mais novo, veio para Florianópolis acerca de um ano da data da entrevista e morou por algum tempo próximo a Leonardo. No entanto, por problemas de ameaças, segundo ele, mudou-se para o norte da Ilha. Após alguns outros empregos, passou a trabalhar no mesmo prédio que seu irmão. Solteiro, tem uma filha que nunca viu, pois segundo informa, os pais da mãe o impediram.

3.5.2 Leonardo

Leonardo tinha 27 anos quando o entrevistei. Coursou até a oitava série do ensino fundamental. É o filho homem mais velho de sua família de origem. Natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, veio para Florianópolis há três anos atrás. Um rapaz loiro, muito educado e responsável que trabalha como zelador de um condomínio de prédios nos arredores da universidade. Anteriormente trabalhou como porteiro e vigia no mesmo condomínio e em outros prédios residenciais. Casado há oito anos, tem três filhos, como já foi mencionado. Sua esposa trabalhava como doméstica, no entanto, na época da entrevista estava de licença de gestação, pois havia dado à luz ao terceiro filho do casal, um menino. Na entrevista Leonardo comentou sobre sua família, sua relação com seu pai, seu irmão e com suas filhas. Comentou também sobre sua expectativa em ter um filho homem.

3.5.3 Tarcísio

Na época da entrevista, Tarcísio relatou que em seus documentos tinha 24 anos, no entanto diz ser mais velho que isso. Diferente de seu irmão, Tarcísio é moreno e de cabelos

escuros. É também natural de Santa Rosa, Rio Grande do Sul. Quanto ao grau de escolaridade relata ter cursado até o ensino médio, embora seu irmão afirme que ele cursou apenas até a sétima série do ensino fundamental. Tarcísio trabalhava como vigia noturno de um prédio nas proximidades da universidade, o mesmo onde trabalhava seu irmão. Começou como porteiro diurno, mudando para o período noturno pouco tempo depois. Já havia tido diversos outros empregos, mas acabava saindo por problemas de relacionamento e rebeldia. Era solteiro e, segundo seu irmão Leonardo, muito mulherengo. Tarcísio afirmou e demonstrou ser um rapaz muito vaidoso. Diz ser impulsivo e rebelde, mas que tem amadurecido muito e hoje pensa mais em suas atitudes. Por desentendimentos com vizinhos na região onde morava (Morro da Serrinha, mesmo local onde morava seu irmão), mudou-se para o norte da ilha e estava andando armado. Algumas semanas depois da entrevista foi preso em uma cidade do interior do Estado. Detalhes sobre os motivos da prisão não foram revelados pelo irmão, apenas que a família ficou muito abalada com a notícia. Meses após a entrevista, continuava preso, esperando julgamento judicial.

4 As contribuições da análise do discurso de orientação francesa

Jacques Lacan (1985), em seu seminário 20, ressalta ser somente a partir do discurso que podemos refletir sobre o lugar de cada sujeito. Sua afirmação me levou a compreender a importância de trabalharmos a partir dos discursos quando buscamos estudar a construção de masculinidades e feminilidades. Na psicanálise freudo-lacanianana, o sujeito se constitui na linguagem e é através desta que ele se inscreve no simbólico.

Para a análise do material discursivo obtido através das entrevistas, utilizei as concepções de Michel Pêcheux, autor da linha francesa da análise do discurso. Esta escolha está relacionada ao fato do autor se fundamentar nas concepções da psicanálise, afirmando a necessidade de uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica, para se proceder a análise do discurso. (LEITE, 1994). Este autor utiliza a psicanálise como uma das afiliações teóricas que fundamentam sua teoria de discurso.

Neste sentido, os ensinamentos aprendidos na disciplina Análise do Discurso, ministrada pelo Prof. Dr. Pedro de Souza, no programa de pós-graduação em Lingüística, foram considerados como uma importante ferramenta de auxílio na interpretação do material obtido no trabalho de campo. Sem a intenção de realizar uma análise do discurso nos moldes propostos pela lingüística, utilizei-a como instrumento de análise para buscar os sentidos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa sobre os temas paternidade e masculinidade, procurando dialogar com a literatura existente sobre estas temáticas, com as(os) teóricas(os) dos estudos de gênero e, em alguns momentos, trazendo concepções da psicanálise sobre questões referentes à paternidade e às diferenças sexuais, focadas na masculinidade.

Segundo Eni Orlandi (1999), uma das principais pesquisadoras de e sobre este instrumento de análise no Brasil, divulgadora da obra de Michel Pêcheux, a análise do discurso de linha francesa procura entender a língua fazendo sentido. Esta maneira de analisar o material discursivo busca compreender a forma como uma experiência é contada, em outras palavras, entender porque algo foi dito desta ou de outra maneira, indo além do conteúdo lingüístico dos discursos.

Para a análise do discurso o que importa é como os sujeitos dão sentidos aos acontecimentos e ações de suas vidas, quais os recursos lingüísticos e culturais a que recorrem, entre outros aspectos. Em consequência, esta forma de análise pede uma reflexão mais aprofundada e atenta sobre as falas dos entrevistados, exigindo uma minuciosa atenção a pequenas sutilezas, ao contexto situacional, à organização discursiva, entre outros detalhes. Segundo esta autora:

Para Pêcheux, o discurso é efeito de sentidos entre locutores. Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela sua inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (ORLANDI, 1995, p. 20).

Como as técnicas de análise em pesquisa, em geral, especialmente no que diz respeito às pesquisas qualitativas, a análise do discurso é interpretativa. Um analista do discurso busca entender que gestos de interpretação desenvolvem determinada discursividade, ou seja, ele procura compreender que gestos de interpretação constituem os sentidos e os sujeitos em suas posições (ORLANDI, 1996). Estes sentidos nunca estão soltos e sim ligados a “dispositivos ideológicos”. Os sentidos são determinados ideologicamente, ou seja, “ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 46). Além disso, é importante salientar que, segundo Nina Leite (1994), a ideologia sofre o mesmo tipo de determinação causal que o inconsciente sendo, em consequência, também estruturada e pensada como uma linguagem. Para Orlandi (1999), a ideologia não é concebida como um conjunto de representações, visão de mundo ou como ocultação da realidade, mas sim como um efeito da relação necessária do sujeito como a língua e também com a história, tornando possível o compartilhamento do sentido. A ideologia intervém como um modo de funcionamento imaginário, sendo através dela que o sujeito se constitui e inaugura a discursividade.

Vale ressaltar que o sujeito discursivo, a partir desta forma de análise, é pensado como uma “posição”, um “lugar” que alguém ocupa para ser um sujeito. Desta forma, poderíamos dizer que as palavras têm sentidos diferenciados de acordo com as posições dos sujeitos que as utilizam. É a partir destas posições que o sentido é compartilhado, influenciado pelas ideologias nas quais estão inscritas (ORLANDI, 1999).

Na análise do material coletado para a pesquisa desta dissertação, as posições que estiveram em jogo no processo discursivo foram às de *pai* e de *homem*, presentes nos discursos dos informantes, de forma a elucidar seus encontros e desencontros. Desta forma, a análise de discurso foi utilizada para contemplar o material discursivo obtido, de maneira a procurar identificar os sentidos atribuídos às temáticas estudadas, a partir destas posições de sujeito, buscando interpretações possíveis para dar sentido àqueles discursos.

A análise do discurso procura evidenciar como um discurso funciona produzindo um sentido. Para isso, de acordo com Orlandi (1999, p.59), esta análise propõe a construção de

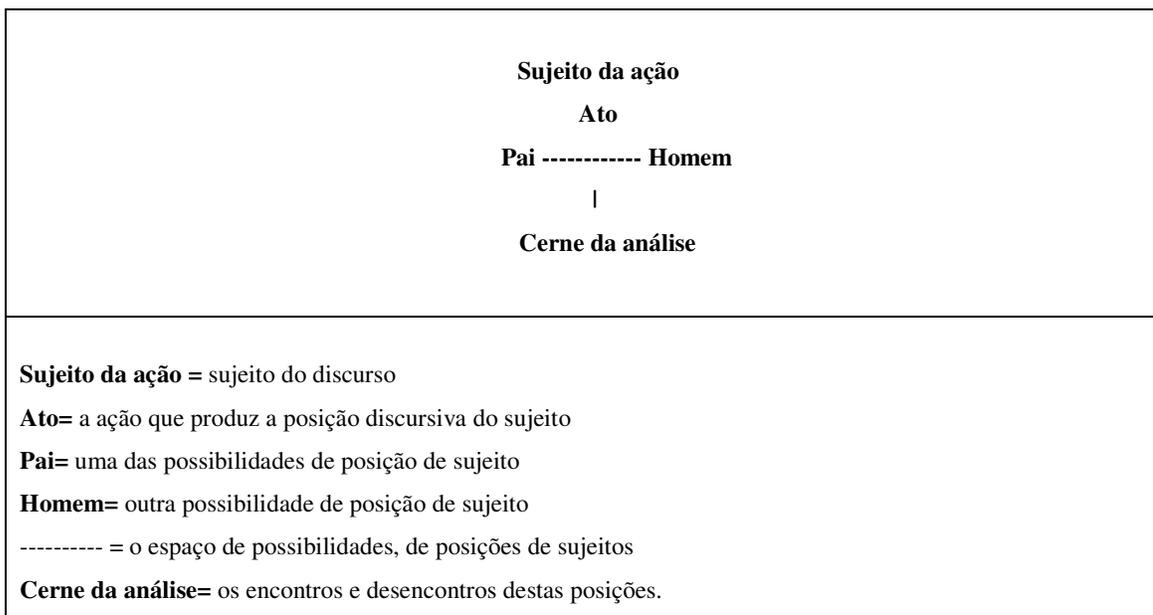
um dispositivo de interpretação, o qual procura “colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras”.

De acordo com esta autora, o analista do discurso estuda o modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e as diferentes leituras que constituem os sentidos do material a ser analisado. Orlandi (1999, p 60) aponta ainda que “o dispositivo, a escuta discursiva, deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória”.

Foi com esse olhar e sob a influência de autores dos estudos de gênero, de masculinidades e da teoria psicanalítica freudo-lacaniana, que me debrucei sobre o material densamente transcrito das entrevistas e sobre meu diário de campo, para buscar possíveis interpretações do material obtido na pesquisa e refletir sobre a construção das masculinidades e paternidades entre os sujeitos entrevistados. Estes entendimentos orientaram minha escuta e análise das transcrições das entrevistas, para que eu pudesse ter um olhar crítico e de estranhamento aos contextos e ao que diziam os sujeitos pesquisados. Faz-se importante ressaltar que os sentidos atribuídos às temáticas estudadas, contidos no material analisado, dos discursos dos informantes, surgiram na relação diádica da entrevista, a partir do jogo de interpretação presente nesta relação. São as interpretações de interpretação (GEERTZ, 1989). Passaram, portanto, também pela relação que estabeleci com os informantes e pelos sentidos que eu atribuo aos temas pesquisados e àqueles que eu atribuí à relação estabelecida no encontro com os sujeitos entrevistados. Em consequência, as interpretações discutidas aqui constituem apenas um dos campos de possibilidades do jogo discursivo, onde o pesquisador está implicado, em suas posições de sujeito e nas ideologias e significações que o constituem/iram.

5 Nas vivências, os discursos: mudanças e permanências - discutindo e analisando o material obtido com os informantes

A principal questão que permeia a análise do material apresentado (o cerne da análise), embora não seja a única devido a complexidade do jogo discursivo, refere-se a pensar a construção do campo de possibilidades, do que é ser pai ou ser homem, procurando discernir, no ato deste jogo discursivo, onde ser pai e ser homem se encontram e desencontram. Resta saber até que ponto o ser homem pode levar à “mudez” de ser pai, ou vice-versa. Baseando-me na análise do discurso de linha francesa (ORLANDI, 1999), a questão aqui não seria ver quem é o quê nos discursos estudados, e sim analisar a construção desse espaço, dentro de um campo de possibilidades. É preciso pensar como estes dois sujeitos de discurso (pai ou homem) se relacionam e estão pautados por “dispositivos ideológicos” (ORLANDI, 1996) que determinam estas posições. Sobre esta questão, abaixo um esquema elucidativo²⁶:



De acordo com estes princípios norteadores, segue a análise do jogo de relações discursivas, possibilitadas pelo material obtido nesta pesquisa de campo:

²⁶ Quanto à elaboração destas reflexões, eu gostaria de agradecer as contribuições preciosas do doutorando em Psicologia pela UFSC, Mário Resende, que ajudou-me a clarear estas questões.

5.1 Marco e seus Familiares – em seus discursos, encontros e desencontros

O discurso de Marco, em comparação com o de seu pai e o de sua madrasta, apresenta diferenças marcantes. Foi possível perceber que os informantes desta família têm diversas maneiras de perceber a mesma relação, o que certamente está ligado às experiências subjetivas de cada um. As vivências nas famílias de origem surgem como principal referência para a construção dos sentidos dados à paternidade e à masculinidade.

Apesar de Marco acreditar que tem pouco contato com o pai, sua madrasta vê companheirismo nesta relação pai/filho, acreditando ser seu marido um pai bastante presente, sendo parceiro e amigo, conversando sobre diversos assuntos com o rapaz. Acrescenta que a relação com seu próprio pai foi muito difícil, por ele ser pouco amigável e distante, não lhe dando apoio. Por estas questões, Tânia guarda muitas mágoas de seu pai e, em contrapartida, admira a relação que presencia entre Marco e Pedro.

Em contrapartida, Marco reclama do reduzido contato que tem com seu pai, afirmando que muito do que aprendeu, foi na rua, com amigos e experiências vividas. Segundo ele:

M²⁷. Meu pai... assim... como eu tenho pouco contato com ele... a relação... eu acho normal... o pouco tempo que a gente...

A. O que é normal?

M. Normal pra mim é e a gente vivendo assim.. (...) uma vez uma pescaria, futebol, escola de samba e o contato profissional e raramente, eu sou funcionário dele na escola de samba... então, é raramente, eu acho que... muitas coisas que eu sei da minha vida, eu aprendi na rua, acho que faltou isso dele, sentar comigo e conversar... “olha sim.... o caminho é este... fazer isto.. fazer aquilo”. Então... faltou muito diálogo entre eu e ele, quando eu era mais novo... então... tudo que eu agradeço a Deus hoje eu aprendi na rua, com os amigos... vivendo... analisando as coisas e vivendo e fui aprendendo... (Marco)

Seu discurso levou-me a refletir sobre o uso da palavra “*normal*” ao caracterizar sua relação com o pai. Marco a caracteriza como distanciada, de pouco diálogo. A palavra “*normal*”, se usarmos sinônimos tirados de qualquer um dos principais dicionários de língua portuguesa, poderia ser trocada por “comum”, por “ordinário”, ou ainda “corriqueiro”, “banal” ou “trivial”. O uso dessa palavra, neste contexto, pode indicar uma certa naturalização deste distanciamento paterno, desta falta de diálogo entre pai e filho denunciada

²⁷ Utilizarei nos trechos transcritos dos discursos dos informantes, quando necessário, as iniciais dos nomes fictícios e do pesquisador para identificar as falas de cada sujeito, nas frases apresentadas para análise.

por Marco, sendo esta característica colocada como corriqueira, freqüente, comum. Isto pode nos remeter a resquícios de um modelo patriarcal de paternidade, onde o pai tem a função de colocar limites e educar através de atitudes, sendo o diálogo mais comum com a mãe.

No trecho a seguir Marcos relata sobre a preponderância da presença de sua mãe em sua vida, em comparação com seu pai, apesar de ter sido criado e sempre ter vivido com seus avós:

...na minha vida eu sempre tive mais presença da minha mãe do que do meu pai, minha mãe, meu pai minha vó e meu vô. Meu pai... pouco presente... minha mãe que estava mais ali do meu lado dando apoio, ela tava ali do meu lado, entendeu? Então ela esteve mais presente do que ele (Marco).

Por outro lado, Marco comenta que com seu filho quer ser diferente, estar presente. Diz-se muito brincalhão. No entanto, demonstra ter dificuldades de contato com seu filho, por não ter boas relações com sua ex-sogra e com a ex-companheira. Acredita que este distanciamento que há entre ele e seu pai tem se repetido com seu filho, embora ele esteja tentando mudar isto.

M. Tipo assim... eu não tive muito contato com meu pai, assim de sentar e conversar .. então... a mesma coisa está acontecendo entre eu e meu filho... (...) o contato é pouco. O que aconteceu comigo e com meu pai está acontecendo com meu filho, mas estou fazendo de tudo para poder dar um..... não acontecer o que aconteceu comigo e com meu pai.

A. O quê?

M. Um afastamento, o pouco convívio que eu tive com ele, pouca conversa, o pai tem que estar mais do lado do filho, pro que vier, isto aí é o mínimo que eu posso fazer... ficar do lado de meu filho.. fazer de tudo por ele.. (Marco)

Marco questiona a falta de contato e diálogo com seu pai, buscando ser diferente com seu filho. Mas evidencia uma imagem de um pai ideal que, segundo ele, deve ser mais afetivo, carinhoso e estar mais presente. Percebe-se, nas entrevistas realizadas com os sujeitos desta família, a presença deste discurso de idealização do pai que, comparado ao que os informantes relatam da prática, parece não acontecer efetivamente. Um exemplo disso está nesta frase do pai de Marco:

*Olha... o pai é aquele que... assim.. convive o dia-a-dia com o filho, que realmente quando orienta, quando briga mas é uma briga pra orientar, pra não pegar outro caminho...né?
...vem sempre contribuindo para o futuro, ajudando nas horas que é preciso, então este é o verdadeiro pai, nunca virar as costas pro filho, né? Nas horas boas e nas horas ruins sempre conversando, orientando, então este é o verdadeiro pai. (Pedro)*

O informante Pedro, pai de Marco, afirma dar atenção ao seu filho, cobrar no momento adequado, proporcionando um bom convívio, embora seu filho formule um discurso diverso sobre sua relação com seu pai. Segue o trecho do discurso de Pedro: *Eu dou atenção para meus filhos no dia-a-dia, né... momento que é pra cobrar eu cobro, momento pra dar....(...) eu dou... mas a gente tem um convívio legal, tanto que meu filho está aqui comigo hoje.*

Embora acredite que seu pai é pouco presente, Marco carrega o mesmo conceito de paternidade que seu pai, fato demonstrado quando afirma que *“o pai tem que estar mais do lado do filho , pro que vier , isto aí é o mínimo que eu posso fazer... ficar do lado de meu filho... fazer de tudo por ele.”*

Estes trechos dos discursos destes informantes incitam a refletir sobre como a paternidade pode ser construída entre gerações de uma família, uma paternidade idealizada, a qual se busca alcançar. Quanto à relação estabelecida com este pai, no passar dos anos torna-se uma referência de paternidade a ser seguida, ou não. Muitos dos aspectos vividos com seu próprio pai se repetem, outros são banidos, buscando a diferenciação.

Mas o que seria este “verdadeiro” pai, este “que não vira as costas para o filho” e que “faz de tudo por ele”? Que sentido teria este “tudo por ele”, colocado no discurso deste informante? Este pai “verdadeiro” parece estar relacionado a um pai de discurso, ou seja, a um pai idealizado, um dever-ser pai, que não corresponde necessariamente à realidade, segundo outras falas dos informantes. É possível perceber no discurso de Pedro e de Marco, a presença de mudanças mais expressivas, quanto ao exercício da paternidade, no plano das idéias do que na prática cotidiana. A esta mesma conclusão chega Sandra Unbehaum (2000), ao pesquisar sobre a experiência masculina de paternidade nos anos 1990, com homens de camadas médias de São Paulo. Esta autora, em sua dissertação de mestrado em Sociologia na Universidade de São Paulo (USP), entrevistou homens de escolaridade de nível superior, profissionais qualificados residentes na cidade de São Paulo, casados e com filhos com idades até 10 anos. Em sua pesquisa, a autora estava interessada em verificar se diante de tantas mudanças socioculturais nas últimas décadas, a experiência masculina de paternidade também

se alterava.

Sandra Unbehaum (2000) discute o quanto as mudanças de comportamento na experiência de ser pai apareceram de forma mais expressiva no discurso de seus sujeitos (marcados principalmente pela influência da mídia em suas vidas), do que na vida cotidiana destes. Este aspecto, que na pesquisa referida, marca os sujeitos homens de camadas médias da sociedade paulista entrevistados pela autora, está, em minha interpretação, presente nos discursos de Marco e seus familiares, atingindo também, portanto, alguns sujeitos de camadas populares de Florianópolis.

Outra reflexão possível refere-se ao fato de que as atitudes de um pai parecem estar perpassadas pelas crenças e características que dada sociedade atribui ao ser homem. Neste sentido, determinadas características atribuídas tradicionalmente ao homem nos últimos anos já não expressam necessariamente o conceito de pai ideal. Mas como era e como é este pai ideal? Que transformações vem sofrendo ao longo do tempo? Em minha interpretação, percebo nos discursos dos informantes aqui apresentados, a existência de dois modelos de paternidade, a saber: 1) o *modelo de pai ideal nas gerações anteriores*, cujas principais características seriam: ser “cabeça de casal”, termo juridicamente legitimado²⁸ no sentido de ser responsável legal por toda a família, o que equivaleria a dizer: fixar domicílio, ter a mulher a ele subordinada, responder em juízo, ou fora dele, pelos atos civis da família, prover o sustento da família, impor limites, ser a parte mais forte; proteger sua família dos perigos, dentre outras atribuições; 2) o *modelo de pai ideal contemporâneo* que tem por atribuições: participar, efetivamente da criação e dos cuidados com os filhos, acarinhar, expondo sua sensibilidade sem medos, dialogar, fazer-se próximo, acessível.

Dito isto, é possível concluir que algumas das funções anteriores atribuídas ao pai ainda estão presentes, muitas vezes até intensamente, nos jovens homens, dando forma à masculinidade. No entanto, foram suprimidas algumas das atribuições tradicionais e com a igualdade de direitos entre homens e mulheres constitucionalmente proclamada e conquistada com os movimentos feministas, outras tarefas foram dadas ao homem na função de pai. Faz-se importante ressaltar que o novo modelo econômico que levou as mulheres ao campo de trabalho e, portanto, a partilharem despesas e contribuírem para o orçamento familiar, influenciou na criação do padrão de homem e pai da atualidade. Mas estas novas características, muitas vezes ainda entram em conflito com os mandatos tradicionais de masculinidade, dificultando

²⁸ Ressalto que aqui sigo influenciado pelas minhas incursões no Direito, a partir de discussões com amigos graduados nesta área (refiro-me principalmente a Dr.a Márcia I. M. Couto, juíza aposentada, uma grande amiga com a qual realizei intensas discussões sobre esta pesquisa) ou ainda a partir de meus estudos em Psicologia Jurídica, principalmente relacionados à minha prática em Mediação Familiar, onde eu tive contato direto com advogados da área de Direito de Família.

as mudanças na prática, embora já estejam bastante presentes no discurso. Em minha experiência com mediação familiar, pude observar como as separandas muitas vezes alegavam como falhas do marido o fato de estes, em muitos casos, não cumprirem com mandatos tradicionais de masculinidade (não darem conta do provimento, por exemplo), usando este aspecto como argumento durante o processo de separação. Assim, apesar de dividir com as mulheres o sustento da casa, os homens ainda continuam a ser considerados os principais responsáveis pela manutenção das famílias.

Portanto, se a expressão de afeto e carinho é negada como característica masculina, principalmente se for direcionada a outro homem, de que forma um pai pode mostrar-se carinhoso e afetivo com seu filho? De que forma ele pode se fazer mais presente na relação? Como pode mostrar-se atencioso? Se o diálogo é atribuído à mulher e ao homem, a atitude e a ação, como pode um homem estabelecer diálogo com seu filho? Que tipos de diálogos são possíveis? Como educar um filho?

Estes questionamentos não significam que um homem não possa assumir características diferenciadas, ou usualmente atribuídas às mulheres na relação com seus filhos, apenas representam as dificuldades enfrentadas por muitos homens, na tentativa de conciliar a força de um modelo tradicional de masculinidade com o que se espera de um pai nos últimos anos. De acordo com o que aponta Eleonor Faur (2005), pesquisadora argentina, pode-se pensar a época atual como um período de mudanças nas relações de gênero e nas definições do que são masculinidades e feminilidades. Esta autora sinaliza que o ritmo de mudança se faz diferente de sociedade para sociedade, e entre diferentes camadas sociais numa mesma sociedade (ouso acrescentar, também por diferenças étnicas). Desta forma, segundo ela, diversos podem ser os sentidos atribuídos ao gênero por grupos aparentemente homogêneos. Os discursos da primeira família pesquisada, como poderá ser visto nos próximos trechos da análise, põem em cheque os valores masculinos patriarcais, ao mesmo tempo que permitem a coexistência de diversos padrões de masculinidades provindos de outras épocas, e transmitidos de geração a geração.

Marco sente a morte de seu avô paterno como um “*momento difícil*”, passado por sua família e por ele principalmente. Comenta “*a primeira ‘abalação’ foi a perda de meu avô, que era um alicerce de toda a família*”. Via seu avô como um modelo forte, para ele, de força e poder na família, sentido que se consegue abstrair de suas palavras: “*um alicerce*”. Pode-se substituir o termo por *sustentação*, por *base*. Estas palavras remetem a um modelo patriarcal onde o homem, além de deter o pátrio poder, é referência da família, é aquele que a provê e lhe dá segurança, sendo admirado e respeitado por estas razões. Esse modelo que, comparado

aos que apresentarei sobre as outras famílias analisadas nesta pesquisa, parece ser o que melhor se adequa às gerações anteriores, vem sendo relativizado por um crescente número de homens de gerações mais recentes, embora para muitos outros ainda persista como um ideal. Uma outra marca das falas sobre masculinidade é “não ser vulnerável”, “não demonstrar sofrimento”. Isto é manifestado no discurso de Marco, quando diz que “*sofreu calado*” a separação dos pais:

...olha.... isso aí foi um momento bastante difícil da minha vida. Eu passei calado, sofri calado. Vivia de aparências... acabei fazendo um bucado(sic) de coisa errada.. e isso aí... até hoje... agora estou me acostumando, a vida, meu pai vivendo com a mulher , minha mãe vivendo...(Marco)

A expressão “*Vivia de aparências*”, em minha interpretação, traz em seu bojo a rejeição ao sensível que existe em muitos homens, que não conseguem mostrar seus sentimentos, sua dor, sem se sentirem desmerecidos, menores ou ainda, femininos e fracos. Pensando em padrões hegemônicos e tradicionais de masculinidade (CONNELL,1995, KIMMEL,1997 E VALE DE ALMEIDA 1995 E 1996), Marco, para ser forte, potente e viril, não poderia se permitir chorar, emocionar-se, expor sua dor, suas fraquezas; assim, precisa sofrer em silêncio, vestido em sua masculinidade, sem poder pedir ajuda, impedido de experienciar seu drama, na ilusão de não demonstrar sua vulnerabilidade. O afeto e a emoção ainda são reprimidos, inadmitidos como características masculinas, embora exista uma busca de maior expressão de afeto entre pais e filhos mais jovens, estes que, em muitos casos, acabam por buscar outros referenciais fora do ambiente familiar, em seus processos de subjetivação.

Sim, o homem muitas vezes tem dificuldades de expressar seus sentimentos e sua vulnerabilidade, mas ressalto aqui o perigo de se cair em um discurso vitimatório ao desenvolver esta análise, discurso este que tem sido frequentemente divulgado em revistas, jornais e livros de auto-ajuda. Seriam agora os homens as vítimas e não as mulheres? Não é esta a idéia. Ver o homem como vítima, seria cair em um discurso que, de acordo com o sociólogo Pedro de Oliveira (1998), estaria somente recolhendo explicações para as mazelas da condição humana, sem questionar a fundo esta posição e as relações de poder nela implicadas, ou seja, podem-se questionar os “fardos” da masculinidade sem abrir mão de seus privilégios. Mas esta discussão pode ir além se pensarmos que existe um temor da quebra do discurso dicotômico e polarizado, o afirmar que os homens são vítimas, pode criar rupturas no discurso radical maniqueísta, segundo o qual as mulheres são vítimas e os homens, sempre os

algozes. Diante destes aspectos, ainda sim gostaria de ressaltar aqui, na fala de Marco, a dificuldade de expressar as emoções como um importante aspecto de seu discurso sobre sua masculinidade sem, no entanto, cair numa simplificação da condição de ser homem.

Nos trechos da entrevista da companheira de Pedro (Tânia), a relação de Marco e seu pai é vista de fora e aqui se descortina a participação do pai na construção da masculinidade do filho. Tânia afirma que Marco, além dos traços físicos, herdou algumas características machistas de seu pai, Pedro, como as maneiras de se expressar, entre outras. No entanto, diz que apesar de manter algumas atitudes iguais às de seu pai, estas parecem ser um pouco mais modernas, mais ambivalentes, relativizando um pouco mais algumas questões. Referindo-se a este aspecto, a própria informante enfatiza o momento cambiante dos sentidos dados à masculinidade, ao dizer:

Então hoje em dia mudou completamente porque os homens conseguiram se liberar e poder usufruir dessas que a vida tem aí pra dar! (...) É viver a vida! ... Viver esta vida que está aí, viver da melhor maneira possível, poder usar uma roupa diferente, poder botar uma calça colada, poder botar uma blusa rosa, que era coisa de mulher, quem disse? (Tânia)

A amizade é enfatizada pelos informantes como uma característica importante nas relações entre Pedro e Márcio. Tânia dá especial enfoque a este aspecto, pautando-se na relação pouco amigável que teve com seu próprio pai e as conseqüências disto para sua vida. Pedro afirma ser amigo de seu filho (embora este último não o veja exatamente dessa forma):

...é uma relação... o Marco e eu hoje não é como pai é meu amigo, não é nem meu filho é meu amigo, a gente se dá super bem, na hora que tem que cobrar eu cobro, entendeu? No momento em que ele tem que me chamar a atenção em algumas coisas eu aceito, tem algumas coisas que não, mas somos amigos, somos amigos, é... somos pais, filhos e amigos. (Pedro)

Foi interessante observar que tanto Pedro como Marco demonstram compreender a masculinidade em contraste com a feminilidade (CONNELL, 1995; KIMMEL, 1997) e intensamente ligada à sexualidade e à virilidade. Nas discussões sobre masculinidade, a homossexualidade é trazida por eles como contraste.

A. E o que é masculino, o que é masculinidade?

M. Masculinidade?

A. Como você vê isso hoje?

M. Olha... Eu sou um homem assim que não tem preconceito com os outros

tipos de sexo, entendeu? (...) é cara aí que gosta de mulher, homem com homem, tem gente que já não tem um respeito, perde o respeito todo, homem com homem, eu respeito a vontade dos outros. Então eu, como homem eu... Show de bola, entendeu?(Marco)

Para Marco a homossexualidade está mais relacionada com o feminino, com a afetividade, com a forma de expressar afeto. No entanto, afirma não ter preconceitos, ter amigos gays e admirar o afeto e a atenção que estas pessoas demonstram em suas relações:

...mas eu acho que este tipo de pessoa, uma pessoa que tem relacionamento no mesmo sexo assim, homem com homem, acho que são bem mais carinhosos, mais atenciosos. Gente que eu conheço, amigo assim, pessoas...() com os filhos. Com... até com a própria... com o próprio ser humano assim... entendeu? Acho que eles têm modo se de comportar diferente, é bem assim legal deste jeito. (Marco)

Marco declara respeitar a vontade dos outros, mas coloca a homossexualidade como *um outro tipo de sexo*, demonstrando claramente seu estranhamento e, mais, sua necessidade de aceitação. Entre o discurso e o que ele entende sobre o assunto há um abismo. Verifica-se aqui a tentativa de Marco de conceitualizar a homossexualidade, de dar sentido a esta diferente expressão de sexualidade, caracterizando-a como “*um outro tipo de sexo*”. Busca assim dar um lugar a ela e respeitá-la. Isto me faz pensar na dificuldade de integrá-la como mais um aspecto que pode caracterizar um homem, a dificuldade de entender a homossexualidade como algo característico de alguém também masculino ou algo pertencente ao homem, tendo que colocá-la em uma outra posição, um outro sexo e assim poder respeitá-la ou não. Em outro trecho Marco afirma:

Eu sou bem legal com este tipo de sexo. Tem gente que pensa que eu tenho... que eu sou completamente diferente.. tem gente que pensa que eu sou ignorante, folgado... não sei, acho que é o meu jeito, entendeu... mas quando a pessoa acaba me conhecendo muda completamente o modo de pensar... e eu sou brincalhão, ... posso odiar aquela pessoa mas eu tenho coração bom, sempre acabo ajudando a pessoa que não gosta de mim... eu sou um pessoa boa de coração. (Marco)

Marco começa sua fala referindo a homossexualidade como um outro tipo de sexo, segue falando de respeito, de que pessoas pensam que ele é diferente, que não respeita, e termina dizendo que quando as pessoas o conhecem melhor, percebem como ele é uma pessoa de bom coração, que ajuda quem não gosta dele. Vemos que este tema despertou em Marco sentimentos como: bondade e respeito, entre outros. “*Tem gente que pensa que eu sou*

ignorante, folgado (...), mas quando a pessoa acaba me conhecendo muda completamente o modo de pensar” - este trecho pode denotar, em minha interpretação, a dificuldade de Marco em mostrar estes sentimentos de bondade e respeito a pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo sexo, entre seus amigos e familiares, apontando para suas possíveis dificuldades de aceitação, embora afirme respeitá-las. Não estou dizendo que Marco seja preconceituoso, o que gostaria de ressaltar é o quando pode ser difícil para ele, expressar seus sentimentos de respeito, embora consiga na medida em que aprofunda suas relações, como afirmou. Até que ponto um homem pode ser bondoso e respeitar um homossexual? Que dificuldades enfrenta? Como pode fazer diferente?

“*Acabo ajudando a pessoa que não gosta de mim*”, como o pensamento de Marco, muito similar a uma associação livre, pode chegar a esta frase, relacionada àquela em que ele diz ter um bom coração? Poderia esta frase estar relacionada com injustiça, incompreensão? Estes parecem ser sentimentos implícitos na fala de Marco, ressaltando como as pessoas podem não compreender seu comportamento de início, achar que ele é “ignorante”, assim como muitos também não compreendem de início o comportamento de um homossexual. Seu discurso demonstra também a dificuldade de se falar sobre homossexualidade, já que seria, para um homem, algo tão perto do feminino, de que tanto buscam se diferenciar para serem homens. E, curiosamente, bondade também é associada ao feminino em nossa sociedade, o que pode ter contribuído para a associação de Marco deste sentimento com relação à homossexualidade.

Ao discutir masculinidade, o pai de Marco também lembra da homossexualidade. É importante ressaltar que nenhuma pergunta sobre este tema foi feita aos informantes. Pedro diz:

Isso está crescendo muito em Florianópolis. Isso não quer dizer que os homens hoje não têm poder de fogo mais isso vem do ser humano, acho que a gente tem que respeitar, cada ser humano, isso aí eu digo assim que não é... é uma doença né, já vem do próprio ser humano e a gente não tem como mudar... (Pedro)

O uso da palavra “*isso*” nos revela o quanto é difícil para um homem como Pedro, significar a homossexualidade. “*Isso*” que está tão à parte do que deve ser um homem e ao mesmo tempo tão perto, na sua concepção, que na mesma frase significa a homossexualidade como “*doença*” e como algo inerente ao “*próprio ser humano*”. Pedro parece confuso, conclusão que se pode tirar a partir da contradição destas duas definições.

Considerando que para a maioria dos homens, a homossexualidade é associada ao feminino²⁹ e que, segundo Kimmel (1997), o medo de ver-se como um afeminado domina as definições culturais de virilidade, a homossexualidade torna-se uma grande ameaça e um diferenciador da masculinidade. Principalmente se considerarmos o fato de que a masculinidade não é fixa, tendo que ser sempre comprovada pelos pares do mesmo sexo, estando sempre presente o medo de não corresponder ao que se espera de um homem, de acordo com o modelo hegemônico e tradicional. Segundo o autor citado:

...ser hombre significa no ser como las mujeres. Esta noción de antifemineidad está en el corazón de las concepciones contemporáneas e históricas de la virilidad, de tal forma que la masculinidad se define más por lo que uno no es, que por lo que se es³⁰ (KIMMEL, 1997, p. 52).

Sendo os homossexuais vistos como homens femininos, homens que fogem dos mandatos sociais das diferenças entre os sexos, passam a ser vistos como contrastantes, como “desviantes” do que deveria ser um homem no discurso destes informantes. Portanto, o tema homossexualidade torna-se parte da definição do que é masculinidade por diferenciação (“*um outro tipo de sexo*”), quase que justificando o surgimento deste tema tanto no discurso de Pedro, quanto no de Marco, ao serem questionados sobre o que era masculinidade ou sobre características masculinas.

É conveniente observar que, nas discussões sobre masculinidade, a homossexualidade não foi discutida na entrevista com a madrasta de Marco. Esta, ao ser questionada sobre masculinidade, estranha a pergunta a princípio para, ao final, declarar que a masculinidade mudou muito nos tempos atuais. Assim se expressa:

Em relação à masculinidade, de o homem se achar ... eu sou o tal, eu sou o machão, eu sou o não sei o quê, ou eu... né? Mudou bastante também, hoje em dia as pessoas respeitam, um respeita o outro. (...) ...os homens que são mais bravos, mais fechados, que eu digo enrustido, que são mais liberais, eles estão se aperfeiçoando, se modernizando... Isso é legal, porque eu acho que masculinidade não existe! É a pessoa ou é da pessoa e não tem... existia há muito tempo e vai existir, vai ser eterno, esta história de masculinidades, mas com uma cabeça mais aberta agora. (Tânia)

²⁹ Embora saibamos que esta relação é falha, se considerarmos as diversas expressões de homossexualidades, muitas vezes exacerbando características masculinas e de virilidade.

³⁰ “Ser homem significa não ser como as mulheres. Esta noção de antifemineidade está no coração das concepções contemporâneas e históricas da virilidade, de tal maneira que a masculinidade se define mais pelo que ela não é, do que pelo que ela é” (KIMMEL, 1997, p. 52, tradução minha).

Tânia adota um discurso, a seu ver, moderno e aponta para uma masculinidade aperfeiçoada e flexível, diferenciada de outros tempos onde se impunha, segundo ela, uma auto-afirmação exacerbada dos homens (“*o homem se achar*”). Aponta como características clássicas de homens ser mais fechado e bravo, características estas que remetem a um modelo tradicional de masculinidade. Uma afirmação de Tânia merece reflexão: “*eu acho que masculinidade não existe*”. Este trecho demonstra a lacuna, a vacância entre o que pensa serem valores masculinos modernos e aqueles que conhecia como uma construção histórica deste conceito. Mostra o quando a masculinidade pode ser vista como uma categoria vazia, preenchida por cada sujeito, de acordo com sua posição e influenciada por diversos mandatos sócio-culturais, a partir de determinados modelos.

A informante relaciona o termo masculinidade a homens que se auto-afirmam, vangloriam-se de sua posição de macho, afirmando-se como mais poderosos pela heterossexualidade, ou ainda usando a violência como força e potência. Fracos, precisam parecer fortes, sensíveis, precisam se mostrar viris, ou seja, precisam reafirmar características de uma masculinidade idealizada, hegemônica, tão difícil de ser alcançada que, como ela mesma afirma, parece não existir, caracterizando-se como modelos ideais de ser. Em termos psicanalíticos poderíamos associar esta masculinidade àquela presente no Pai edipiano, aquele pai que não é castrado, que é poderoso e temido por todos. Esta posição está fora do plano simbólico, sendo impossível de ser alcançada, mas intensamente buscada. Isto justificaria a forte necessidade de comprovação de muitos homens quanto a características masculinas, já que somos todos seres castrados, segundo a psicanálise freudo-lacanianiana.

Tânia aponta também, em sua fala, para uma mudança nos discursos de masculinidade, acreditando que os homens estão se “*modernizando*” e que estão mais “*liberais*”. Quanto a este aspecto, Rafael Montesinos (2002) aponta a existência, nas novas gerações, de um aprofundamento do questionamento das características de uma masculinidade tradicional fundada na “*valentia*”, que deveria ser comprovada até pela violência. Para isso, fundamenta-se em estudos sociológicos que buscam compreender as mudanças sociais e culturais e avaliar suas conseqüências na formação de identidades masculinas. Em conseqüência, outras maneiras de ser homem ganham espaço, mesclando características historicamente atribuídas a homens com algumas ligadas tradicionalmente às mulheres. Fala-se cada vez mais nos últimos anos, e principalmente nos meios midiáticos, da construção de um homem com autorização para ser sensível e externar sua sensibilidade. Admitir demonstrar características tradicionalmente atribuídas ao feminino, pode tornar claras diferentes opções de vida, possibilitar escolhas entre homossexualidade ou heterossexualidade, sem que a isto se associe

necessariamente às qualidades de macho ou fêmea, embora ainda exista um grande temor da “feminização” por parte de muitos homens.

Quanto à diferenciação de atividades masculinas e femininas, Marco enfatiza diferenças físicas, de força, vendo o homem como mais habilitado para realizar determinadas tarefas em função disso. Ou seja, dá maior ênfase ao plano biológico das diferenças. No entanto, ele vai além para constatar que poucas são, na atualidade, as tarefas que poderiam ser atribuídas, com exclusividade, a este ou aquele sexo:

...olha tem muitas coisas que, coisas de homem mas que mulher também pode fazer mas tem coisa assim que o homem tem mais facilidade, trabalho pesado, tem coisa assim, trabalho pesado, que é só pra homem... e esse negócio assim ah.. dirigir, tem mulher também que dirige bem melhor que homem, tem mulher aqui que.. trabalho estas coisas que a mulher sabe mais que o homem.. então... hoje em dia tem bem poucas coisas que são só pra homem, entendeu? (Marco)

Já o pai de Marco, quando questionado sobre características masculinas, relaciona-as a aspectos evidenciados como significativos para um pai em uma família, tais como educação dos filhos, responsabilidade e o prover:

eu acho que eu sou um grande homem porque eu nunca deixei faltar nada para minha família, pra minha ex-esposa, para os meus dois filhos e continuo fazendo, então eu acho que isso pra mim é o verdadeiro homem e responsabilidade, né? Isso é importante.(Pedro)

Um “*grande homem*” seria para Pedro aquele que sustenta sua família, que não deixa nada faltar para ela, que é responsável. Este é o “*verdadeiro*” homem, segundo o informante. A palavra “*verdadeiro*” aponta para uma associação de “uma” masculinidade dita “*verdadeira*”, em detrimento de outras supostamente “falsas”. Liga a masculinidade ao provimento, e poder-se-ia complementar, à figura de um homem heterossexual, pai responsável, “alicerce” da família, usando as palavras de Marco ao referir-se a seu avô. E como seria o “falso” homem? Aquele que não contempla estas características? Seria então o homem que não provê, que não tem poder, que divide responsabilidades no meio familiar?

A fala do informante Pedro lembra o conceito de masculinidade hegemônica de Connell (1995), Kimmell (1997) e Vale de Almeida (1995 e 1996), assinalada no início desta dissertação. O modelo de referência de masculinidade deste informante contempla a exaltação do homem forte, viril, além de provedor e responsável. Estes parâmetros também foram indicados no estudo do antropólogo Pedro F. G. do Nascimento (1999), em sua dissertação de

mestrado em Antropologia Cultural, em Recife. Em sua pesquisa de cunho etnográfico, o autor procurou estudar como os indivíduos de uma comunidade de camadas populares da região Nordeste do Brasil atualizam, em seu dia-a-dia, a experiência de serem homens, pautados num modelo hegemônico de masculinidade. Ressalta que a vigência de formas diversas de vivenciar a masculinidade é inegável, no entanto, percebe em seu estudo a existência de variadas estratégias para atualizar este modelo hegemônico em espaços de sociabilidade masculina. Expressões como “não deixar faltar as coisas em casa”, ou “cumprir com as obrigações” surgiram nas falas dos sujeitos pesquisados por este autor, de forma recorrente. Estas expressões se repetem na ênfase dada por Pedro ao “*verdadeiro*” homem, responsável e provedor, que bem sabe suprir sua família..

Na seqüência, o trabalho e a crença de que o homem pensa mais em sexo, são enfatizados por Pedro como características masculinas, conforme mostra sua fala neste trecho da entrevista:

O homem sempre tem o lado dele, aquele lado do trabalho, aquele lado do trabalho e o lado sexo né? E eu gosto muito de sexo (...) ...é uma característica masculina até.. por que acho que isso já vem de família , que meu pai teve 22 filhos. (Pedro)

A importância dada ao trabalho como passo fundamental no caminho de um homem adulto é enfatizada por José Olavarría (2001), sociólogo chileno. Segundo ele, o trabalho traz para um homem respeitabilidade social. Em suas pesquisas, Olavarría assinala que para os homens os recursos de poder e auto-estima estão sustentados, em grande escala, no trabalho. Este é caracterizado como a atividade principal de um homem, constituindo-o e valorizando-o. Esta importância se relaciona com a convicção de muitos homens (e mulheres), de que devem ser provedores, “responsáveis” pelo sustento da família, como diria o informante Pedro.

A outra característica masculina ressaltada por Pedro, como já apontei acima, foi o gosto pelo sexo. Segundo ele, este é um diferencial dos homens de sua família, transmitido por herança para as novas gerações. Confirma isto, ressaltando que seu filho é mulherengo, que já teve várias namoradas, tendo puxado “o sangue da família”. A quantidade de filhos é colocada como prova de masculinidade, de afirmação do que é ser homem e muito homem(!).

Então ele teve 22 filhos porque ele gostava de fazer sexo todos os dias, e não é diferente, todos os nossos irmãos são assim, aquela coisa tarada, aquela coisa de estar com a mulher de beijar, de acariciar... (Pedro)

A. Você acha que isso passou pro Marco também?

P. O Marco tem, ele tem o sangue da família... tem tem, tem, sim... eu não tive a quantidade de namoradas que ele tem hoje, né? Mas acho até por ele ser assim um menino atencioso e carinhoso, não é agressivo, então ele, as meninas realmente acabam se apegando a ele e tal, mas... o Marco tem a característica da família e já puxou o pai.

A. (risos) Do seu lado... É, então você acha que é um pouco diferente hoje?

P. É, eu né... quando o homem gosta, quando ele tem aquela coisa...aquele tesão, aquela vontade de ... nunca vai deixar de gostar...

P. então eu acho que não é... tem que ver vários casos, não pode julgar... Às vezes a mulher e o homem na cama que vai dizer se realmente ele tem poder de fogo ou não. (Pedro)

A expressão “*poder de fogo*” é utilizada por Pedro para caracterizar o gosto do homem pelo sexo, dando a entender que “*homem que é homem mesmo*” tem este poder, que “*não nega fogo*”. A imagem do homem como um sujeito sempre excitado, obcecado por sexo, para Irene Meler (2000) psicanalista argentina, está associada ao domínio. Foucault (1988), em seu livro História da Sexualidade, volume 1, associa esta imagem à relação entre penetração sexual e dominação social, tão importantes e almejadas pelos homens, como marcas da masculinidade (tradicional e hegemônica, presente no discurso de Pedro). O custo subjetivo de ser socializado para dominar, segundo Meler (2000), é uma “penosa dependência narcísica” de uma imagem masculina ideal que muitos homens crêem que devem alcançar.

A educação e os ensinamentos vividos com seus próprios pais, principalmente aspectos relacionados ao trabalho e à responsabilidade, são enfatizados por Pedro, pai de Marco, como referências na educação de seu filho. Busca transmitir estes valores, tidos como importantes aprendizados vividos com seu próprio pai. O uso da palavra “*berço*” no trecho a seguir indica que alguns aprendizados são *bens de família* e devem ser aprendidos desde muito cedo. É neste contexto familiar que diversos valores de paternidade e masculinidade são construídos e identificados como características fixas, que indicam o *sangue* da família, nas palavras de Pedro.

Aí é desta relação, da nossa criação, né? A educação que nós já tivemos de berço com meu pai e minha mãe eu tento passar para os meus filhos. Trabalhar, trabalhar e estudar que eles vão alcançar os objetivos deles. (...) eu cobro muito do... Eu cobro muito assim dos meus filhos de estudar, trabalhar pra não ir para o outro lado e isso foi bom pra nós, esta cobrança do meu pai e da minha mãe pra todos nós, os meus irmãos e especialmente a mim ... E a gente se pensar assim no futuro... Pensar algo na vida, né? E eu sempre faço isso com meus filhos, a vida que eu tive (...) Eu sempre digo que

eles nasceram em berço de ouro então eles têm que realmente preservar isso, porque nós tivemos uma vida difícil, então nós tivemos que trabalhar para todo mundo ajudar em casa ... né? Construir uma casinha para minha mãe, reformar e tal, então cada um sempre ajudou no dia a dia, então eu falo isso para o meu filho, nada vem de graça, é tudo através do sacrifício, tem que correr atrás. (Pedro)

Comparando as entrevistas de Marco, Pedro e Tânia foi possível notar que os discursos destes sujeitos, como mencionei no início, estão alinhados quanto à importância do referencial familiar, da família de origem, e isto reflete no pensar paternidade e masculinidade. A família de origem parece ser uma referência repleta de exemplos a serem seguidos e outros a serem evitados, por terem sido por vezes traumáticos e dolorosos.

A construção da masculinidade acontece nas esferas de socialização masculina e familiar, ela é vista em contraste com feminilidades, às quais a homossexualidade é associada, e referida à potência sexual, à virilidade e ao provimento da subsistência da família. O pai é uma referência do que é ser homem, ocorrendo identificação com ele em diversos aspectos e busca de diferenciação em outros.

Quanto à criação dos filhos, assim como é exposto por Scott, Athias, & Longhi (2005), os informantes falam de uma relação idealizada com os filhos, onde se vêem como pais participativos, abertos, embora isto pareça não ocorrer efetivamente, considerando a contradição entre os discursos dos diferentes membros da família. Além disso, como afirmam estes mesmos autores, nota-se que em muitos casos, assumir ou não o filho ainda depende intensamente do comportamento da mãe da criança, como se verifica na relação que Marco tem com seu filho. Neste contexto, posso concluir que o momento pode ser caracterizado como de reavaliação dos valores patriarcais, apesar de estes ainda permearem o cotidiano destes informantes, aspecto que se confirma se pensarmos na reprodução de discursos em desacordo com suas vivências pessoais e familiares, conforme seus relatos permitem também interpretar.

5.2 Edson e seus pais – das palavras autorizadas às entrelinhas do silêncio

O material colhido durante as entrevistas com o jovem Edson e seus pais é permeado de silêncios. As entrevistas foram extremamente breves e os comentários dos sujeitos pesquisados sobre paternidade, sobre suas relações, restringiram-se a adjetivos como *boa, muito boa, união e nota 10*, conforme já foi ressaltado.

Edson, em sua entrevista, relatava que “*não sabia o que era para dizer*” ou respondia brevemente o que eu perguntava. Sobre o tema paternidade, enfatizou a questão da responsabilidade e do sustento do filho, lembrando da necessidade de se ter um emprego:

E. Ser pai... é muita responsabilidade, né? Não tem como ser pai ainda.
A. Então, pra ti, o que você entende hoje do que é ser pai é que tem que ter muita responsabilidade?
A. E o que mais?
E. Tem que ter um emprego fixo pra ti sustentar teu filho, tudo, não tem como ser...
A. E como você descreveria teu pai?
E. Meu pai? Meu pai é... (pausa) ter responsabilidade na vida, arrumar um serviço.
A. Não, mas o teu pai, como ele é?
E. meu pai? Meu pai... é gente boa, não tem...(risos) Assim... legal tudo, não tem nada, de falar assim. (Edson)

De alguma maneira, seja por seu pai, ou pela situação da entrevista, Edson demonstrava um silenciamento, falava pouco de como era sua relação em casa, problematizando ou questionando minimamente. Pareceu-me jamais haver questionado a relação pai/filho ou talvez entendesse que assim era e que nada poderia mudar.

A. E como é a tua relação com ele?
E. Legal
A. Legal também...
E. É...
 (...)
E. como é ser homem...
E. (silêncio) não vem não vem o que é pra falar.
A. E o que você entende como masculino?
E. Pô, masculino? Também.... (Edson)

“*Não vem, o que é pra falar*”, mas o que era para falar? O que ele teria que dizer? Por que não vem? Penso no que representaria para Edson a masculinidade. Seria algo óbvio? Algo não pensado? Depois de algum silêncio e de uma breve interferência de seu irmão menor, o entrevistado, assim como os informantes da família anterior (Marco e Pedro), associou o questionamento sobre masculinidade à homossexualidade “*meu pai, nunca teve nada assim de perguntar se.. como é que se diz... se eu fosse mandar para outro lado assim, travesti assim né, nunca teve essa...*”(Edson). Seria masculinidade, para Edson, aquilo que não é homossexualidade? Seria a masculinidade pensada somente neste limiar? De acordo com Kimmel (1997), conhecemos o que significa ser um homem em nossa cultura, na medida em

que centramos nossa definição em oposição a um conjunto de outros, sejam estes outros minorias raciais, sexuais, ou ainda, principalmente, as mulheres. Esta parece ser a maneira como Edson e também Marco e Pedro significam masculinidade.

Nos limites do não dito, pensando não dizer, Edson disse. Quanto a isso, reporto-me a Orlandi (1995), quando afirma que “O homem está condenado a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo faz algum sentido (qualquer que ele seja)” (p. 31 e 32). Na dificuldade do dizer ou do não dito, Edson me possibilita escutar possíveis sentidos atribuídos aos temas pesquisados. Em minha interpretação, percebo Edson dizendo em seu discurso que a masculinidade aí está, sem ser pensada, basta ser homem em termos biológicos, basta não ter dúvidas disso, basta não questionar, não ser feminino, não ter ou deixar dúvidas. No terreno de possibilidade de discursos, escuto também Edson dizer que homem não questiona e não reflete sobre ser homem, não compartilha dúvidas e anseios.

E que relação haveria entre este ser homem e o ser pai? Em ambos os casos Edson tem pouco a dizer. Tanto a paternidade quanto a masculinidade parecem óbvias, dadas por si só, inquestionáveis. Nada podia ser dito sobre a relação com seu pai, nada mudou com o passar do tempo, sua autoridade não era questionada, pelo menos não na frente dele, já que ele estava por perto durante a entrevista.

A. Nem sobre paternidade, o tipo que um pai hoje é...

E. Não, não mudou nada.

A. É igual como era antes?

E. É igual como era antes.

A. Como que é isso, como ele é?

E. Ele é... amigável né... Ele sempre fica junto de nós, dando o que quer e tudo né? É legal...(Edson)

O pai é “amigável”, nas palavras de Edson, “sempre fica junto de nós, dando...”. O que importa aqui é que ele esteja presente fisicamente, que os ajude financeiramente. Mas e o que diz seu pai sobre esta relação?

A. E como é a tua relação com seus filhos?

P. Meus filhos a gente... Às vezes... É como ela falou assim, eu dou um dinheiro pra eles, ele não pedem pra mim.

M. Querido, a tua relação com seus filhos como é em casa, é isso que ele quer saber! (diz sua esposa, levantando a voz..) como é que tu trata teus filhos em casa...

P. É 10.

M. É isso aí, tava dizendo pra ele, não disse.

P. Desde a hora agora, tá levando meu filho meu carro pra casa.

M. O teu comportamento, se és agressivo com seus filhos, é isso que ele quer saber.

P. Não, não...

M. Tens que falar como é que é...

P. Até o meu do meio ali, vai levar o carro pra casa agora.

M. O teu regulamento, como é em casa, com teus três filhos, se tu és agressivo, se tu és ruim, se tu maltratas, é isso que ele quer saber... É isso.

P. Não, não, não.

M. Eu acabei de dizer pra ele agora, como é nossa relação em casa.

P. Eu sou ignorante. Nosso bloco aqui é bem evoluído. (Paulo e Marta)

Mescladas as declarações com interferências seguidas da esposa Marta, que tentava direcionar o que o marido deveria dizer e, assim demonstrar que sua família vivia em harmonia, Paulo então afirma ser “10” a relação com seus filhos. Mas refletindo sobre o início deste trecho da entrevista, quando ele começa falando do dinheiro, dizendo que seus filhos não pedem dinheiro a ele, poder-se-ia afirmar que existe aqui uma queixa de perda de poder, de destronamento neste contexto familiar, mantido, até então sob o controle financeiro, da garantia de sustento pelo dinheiro. Ser pai para Paulo, assim como ficou evidenciado na fala de Edson, está sustentado na capacidade de prover, de garantir a subsistência da mulher e dos filhos, o que, por si só, envolveria uma grande responsabilidade. Um fato merece realce: Paulo tenta esclarecer que seus filhos já não lhe pedem dinheiro diretamente, momento em que, interrompido por sua esposa, cala, na medida em que ela tenta direcionar a entrevista e enquadrar o que o marido deve e pode dizer.

Esta família me passou a sensação de que nem tudo podia ser dito e que nada podia ser questionado. Neste grupo, quem aparentemente dominava era o pai, militar, de pouca conversa e chefe da família. Não foi por acaso que este pai supervisionou todas as entrevistas e não deixou que estas fossem feitas longe de seus olhares e domínio. Qualquer comentário sobre relações de gênero e/ou questionamento da autoridade deste pai eram limitados, inadmitidos, não podendo ser mencionados, pelo menos não naquele momento. No entanto, este poder que “deveria” estar centrado na mão do pai exemplar (representante da manutenção de um poder patriarcal, militar, chefe de família) parecia mesmo estar com a mãe. Foi ela, Marta, quem o desautorizou, impedindo-o de reclamar quanto a fazer a entrevista em separado e me levou para dentro do rancho para fazer a entrevista com o filho. Foi esta mãe que durante todo o tempo tentou passar a imagem de uma família perfeita e unida e tentou direcionar o

que eu perguntava ao seu marido e o que seu marido deveria responder³¹. E era à Marta que os filhos recorriam e pediam dinheiro quando precisavam:

P.. Ela diz assim é difícil você pedir o dinheiro pro pai e pra mãe, pede mais pra ela e não pede pra mim e diz assim “o pai, me dá um dinheiro lá pra mim... comprar um refri, não tem?” Ah e daí pede pra mãe e a mãe vai lá e coça a bolsa dela e acha. Então a geração de hoje das crianças.. é....

M. (paralelamente) De antigamente para agora....

P. É meio coisa.. porque hoje a convivência de vida ... e isso aí faz parte também de ...dizer assim salário... assim meu filho pega 10 reais aqui, vai lá fazer teu lanche. Vai lá faz teu lanche e traz o troco e diz assim e vai lá traz o teu troco e não tem um retorno e se diz assim... (Paulo)

O que Paulo pode estar tentando dizer nestes trechos se refere a uma perda de espaço, de poder de homem e de pai em sua casa, com relação a seus filhos, poder este que seria sustentado pelo dinheiro. Paulo generaliza este declínio de poder, transporta-o para a nova geração, para tratar a relação do dinheiro com os filhos e evidenciar esta mudança. Ou seja, para ele a figura paterna perdeu poder frente à família e atribui isto à possibilidade de a mulher de hoje poder trabalhar, ter meios próprios de subsistência, ganhar seu dinheiro, tornando-se independente e autônoma. No caso de Marta, sua esposa, esta tinha uma pensão da Aeronáutica provinda de seu pai, o que lhe possibilitava certa independência financeira do marido.

Questiono, que relação guarda esta perda de poder patriarcal e a construção da masculinidade de Paulo? A partir desta perda, que ameaça Paulo, como fica sua reputação como homem e pai? Segundo Kimmell (1997), a masculinidade de um homem precisa de aprovação “homossocial”, ou seja, riscos precisam ser assumidos, a cada passo a masculinidade precisa ser provada, atos heróicos precisam ser executados, tudo para que os outros homens admitam a virilidade do sujeito. Este poder, que Paulo deixa perceber em sua fala estar perdendo em casa, permanece vivo em seu trabalho, no mundo público e principalmente entre outros homens nos momentos de socialização masculina, garantido a “permanência” de sua masculinidade, em suas funções de homem que comanda outros homens. Abaixo, um trecho da entrevista de Paulo e Marta:

A. Então.. e o que é ser homem pra ti

P. Ser homem como assim dentro de casa?

³¹ Caberia aqui sinalizar uma reflexão sobre o micropoder, em termos foucaultianos, desta esposa e mãe, levantado por algumas feministas como Heleieth I. B. Saffioti (1992), para uma análise mais aprofundada do poder feminino presente nesta família. Para esta autora, o conceito de poder em Foucault (1988 [1976]) permite uma melhor análise das relações de poder entre homens e mulheres, tanto em nível macro quanto micro. Saffioti aponta que o poder da mulher se inscreve principalmente no plano micro.

A. *Envolve mais responsabilidade?*

M. *No teu serviço, no teu trabalho, explica pra ele o teu militarismo. (direciona sua esposa)*

P. *Dentro do trabalho e dentro de casa eu acho que muda várias coisas. Dentro do trabalho é responsabilidade, eu como superior, sou graduado e tenho uma responsabilidade, eu tenho que cobrar dos meus subordinados e dentro de casa a gente mantém uma aparência que não tá fechando. Quer dizer assim.. ou desmancho ou não desmancho... Mas dentro da minha hierarquia militar eu comprometo.*

A. *Compromete com...*

P. *Com rigor. Assim oh... Se eu tô dizendo assim... este papel não sai daqui, o papel não sai dali!*

M. *Em casa se dizer que ele sai ele sai. Não é verdade?*

A. *Como?*

M. *Se em dizer que ele sai, ele sai... (risos de esposa..)*

P. *Mas dentro do meu trabalho não sai, por isso que eu tô fechando 27 anos de serviço e não saí daquele trabalho ali. (Paulo e Marta)*

Paulo diz, neste trecho, que é militar apenas no trabalho e não em casa e demonstra seu descontentamento com isto, explicitando as diferenças de poder implicadas nesta dinâmica. Em casa e no plano familiar haveria um maior domínio de sua mulher, “*que não está fechando*”, diferente do que ocorre em seu trabalho, onde ele “*desmancha ou não, onde compromete*”, espaço simbólico em que domina e tem seus subordinados. Este trecho demonstra também o humor com o qual Marta trata esta questão. Cláudia Fonseca (1992) em um ensaio intitulado “Honra, humor e relações de gênero: um estudo de caso,” discute esta questão do humor nas relações de gênero, a partir de uma etnografia realizada por ela, com sujeitos de camadas populares, em Porto Alegre. Segundo a antropóloga “pela palavra feminina, os homens são sujeitos a sanções simbólicas de importância proporcional” (FONSECA, 1992, p. 319). Através de fofocas, piadas e acusações que, para a autora, são domínios femininos por excelência, as mulheres podem manipular a imagem pública dos homens. Este humor, presente no discurso de Marta, pode servir também, em consonância com o estudo de Fonseca, para denunciar a hipocrisia de uma cultura burguesa, pondo em relevo outros valores e virtudes de camadas populares. Fonseca finaliza seu ensaio com o seguinte trecho, que se aplica bem ao humor demonstrado por Marta nesta pesquisa:

As famílias “populares” definem-se justamente pelo estilo jocoso de tratar os assuntos mais prementes da vida social. E é essa jocosidade que, pela cumpriciedade táctica da risada coletiva, age sub-repticiamente para transformar os diversos assuntos e as diversas regras (sejam elas oriundas dos grupos dominantes, dos “bons proletários” ou dos homens) numa expressão própria aos grupos populares (FONSECA, 1992, p. 330).

Paulo, em outro trecho de sua entrevista, deixa entrever que não teve pai, sua mãe era

cozinheira, tendo sustentado todos os filhos. Ele pouco falou de sua família de origem. Marta, sua esposa, foi quem se referiu à mãe de Paulo, contando que era cozinheira e criou os filhos com seu trabalho.

A. Eu queria saber um pouquinho como era a relação com teu pai, tua relação com teu pai.

P. Meu pai... Não tive pai.

A. Não teve pai?

P. Não. Não tive pai, eu tive mãe, pai não.

A. Então era tudo com tua mãe?

P. Não com minha mãe não....

M. Com ela tudo nota 10 também. Criou eles era cozinheira e é isso aí.

P. Sou um baita de um cozinheiro também, não tenho convivência, mas...

M. É ela é cozinheira e é isso aí. (Marta)

O pouco que disse nos faz pensar na ênfase que ele dá ao sustento da família, ao militarismo, como grandes marcas no exercício da paternidade. Talvez tenha sido no meio militar que Paulo encontrou seu principal modelo de paternidade e masculinidade.

Na minha interpretação, Paulo parece viver um conflito com relação ao exercício de sua masculinidade. No trabalho consegue se impor, através das regras, do seu “militarismo”, nas palavras de sua esposa, mantendo um poder diretivo sobre seus “*subordinados*”. No entanto, em casa isto não tem acontecido. A expressão “*dentro de casa a gente mantém uma aparência que não tá fechando*” parece denotar sua insatisfação, seu descontentamento por não manter o mesmo poder que sustenta no trabalho, o que poderia implicar diretamente em enfraquecimento, fragilização de sua masculinidade. Fora de sua casa ele é um homem rígido, apontado por membros da comunidade como homem de pouco diálogo, mas em casa tudo parece ser diferente. Paul Higate & John Hopton (2005) lembram que existe uma ligação histórica entre o militarismo e a masculinidade. A virilidade, a competitividade, o sexismo, a celebração da agressividade, o controle emocional e a dominação de outros são aspectos de uma masculinidade hegemônica, intensamente estimulados no meio militar. Segundo Kimmel (1997) o que define uma virilidade hegemônica é um homem em poder, com poder e um homem de poder. As definições de virilidade em nossa cultura, segundo o autor, perpetuam o poder que alguns homens têm sobre outros e principalmente sobre as mulheres. Em consequência, toda esta ideologia de masculinidade e militarismo pode influenciar também na forma como Paulo acredita que deve ser um pai.

Em minha interpretação, nos trechos analisados do discurso de Paulo, este expressa sua insatisfação no exercício de paternidade, onde ele parece acreditar que “deveria” ter mais poder ou domínio sobre seus filhos (ou seriam “*subordinados*”?). A “*responsabilidade*”, as

“regras” e o “rigor” são enfatizados por Paulo em seu trabalho e como pai. Indo mais além, entrecruzando paternidade, militarismo e masculinidade, interpretei suas falas sobre o exercício de paternidade, dentro deste contexto, como representativas da difícil conciliação entre suas posições de sujeito na família e no trabalho. Paulo, formado nestas ideologias militares, não encontra espaço para o cuidado, expressões de afeto e carinho, amizade e diálogo com os filhos. Todavia, como pai, ao adotar a qualidade de superior, responsável, com poder sobre os demais, não pode deixar faltar nada para sua “tropa”.

Certamente sem falar muito, sobre um suposto silêncio do filho, sobre uma imagem de família nota 10, enfatizada pela esposa de Paulo, e nas entrelinhas das regras e do militarismo do pai, esta família expressou seu entendimento sobre masculinidade, como ela era construída naquele contexto e como era vista a paternidade no grupo familiar. Quanto a este suposto silêncio, Orlandi expõe que:

...o silêncio é garantia do movimento dos sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. O silêncio não é pois, em nossa perspectiva, o “tudo” da linguagem. Nem o ideal do lugar “outro”, como não é tampouco o abismo dos sentidos. Ele é, sim, a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa (ORLANDI, 1995, p. 23).

Entre o silêncio, a idealização de família “unida” e “muito boa” e o militarismo, diversos mandatos de masculinidade estavam presentes, direcionando os sentidos dados a paternidade e organizando o meio familiar destes sujeitos. Em meio à autorização ou desautorização de discursos, foi possível perceber a mudez de uma posição de sujeito pai e homem fundamentado em características de uma masculinidade hegemônica, e de um poder paternal patriarcal ao mesmo tempo que este existia como um ideal, no discursos dos homens desta família. O dinheiro apareceu como um importante significador, definindo posições e o poder feminino. Pensado em termos foucaultianos, o poder feminino, circulando no nível macro e micro (SAFFIOTI, 1992), destacou-se nos discursos apresentados, autorizando falas, produzindo sentidos, evidenciando uma participação inquestionável da mulher na definição dos sentidos atribuídos a paternidade masculinidade pelos sujeitos desta família.

5.3 Oswaldo e sua Família

A visita à família de Oswaldo trouxe, em alguns momentos, a lembrança de minha família. Todos festeiros, falando alto, demonstravam sua simplicidade e hospitalidade. Neste encontro, procurei me desprender de qualquer roteiro sobre o que eu deveria perguntar a estes informantes, depois de algumas tentativas de pouco sucesso. Sentia-me fazendo perguntas abstratas, ao questionar o que era ser homem ou mulher. A questão da masculinidade parecia algo tão distante e impensado naquele grupo, que não havia uma pergunta a fazer e muito menos uma resposta a ser dada. Penso que na visita a esta família consegui estar mais próximo de um modelo etnográfico de pesquisa. Procurei entrar no cotidiano daquele grupo e, a partir disto, entender os sentidos atribuídos por eles aos temas que eu estava pesquisando. Tudo no momento da visita era festa e eu, muito bem recebido, ora era um visitante psicólogo, amigo de Oswaldo, ora era um repórter observador.

Observei que os afazeres domésticos ficavam a cargo principalmente das mulheres. Por um momento, dona Clotilde (mãe de Oswaldo) revelou que quando trabalhava fora, Oswaldo a ajudava, na louça e no cuidado com os irmãos. O dia de socialização era sempre o domingo, com almoço em família, muita cerveja e pagode, aproximando também os vizinhos. Todos pareciam gostar muito do convívio em família e agradeciam por trilharem o caminho do bem, longe das drogas, os filhos empregados e ajudando os pais.

Nesta visita foram entrevistados o pai de Oswaldo (Bartolomeu), a mãe (Clotilde) e o filho mais novo (Norberto), como já relatei anteriormente. Neste dia dei maior ênfase ao conhecimento da família de Oswaldo, observando detidamente sua interação e relacionamento. Assim, optei por entrevistar Oswaldo em um segundo momento. A entrevista ocorreu em seu apartamento, na semana subsequente.

5.3 .1 “Como é difícil falar do meu pai” (Oswaldo)

Oswaldo, durante a entrevista, após comentar sobre sua família e sobre minha visita à casa de seus pais, começou a falar sobre seu pai. Relatou sua dificuldade de discorrer sobre ele, comentando que seu pai era alcoolista e havia abandonado o trabalho completamente. Segundo Oswaldo, tanto seu pai como sua mãe, à época da entrevista, eram sustentados pelos filhos.

Os quatro, bancando, desde remédios a roupa, eu acho assim, que era uma coisa que porra já que ele tem uma mulher ele pelo menos podia levar uma blusa, não por mim pra ela que é mulher dele, né, até então antes dela ficar doente ela trabalhava, eu acho que ele como marido ele devia, não assumir o papel de pai, mas pelo menos o papel de marido, que eu não preciso dele hoje, como eu precisei do meu pai até os sete anos de idade, dos sete em diante eu nunca mais precisei dele nem pra uma bala. (Oswaldo)

Este trecho, selecionado de sua entrevista, demonstra sua insatisfação quanto ao fato de seu pai não ter nenhuma iniciativa para sustentar pelo menos sua própria esposa, afirmando não precisar dele hoje, como já precisou outrora. Quando perguntei sobre a relação de Oswaldo com seu pai, ele respondeu:

É assim o pai não era assim aquela pessoa carinhosa, o pai assim é uma pessoa seca, sabe, mas assim ele não te condena, é um pai assim... (Oswaldo)

(...)

O. Até os sete meu pai pra mim era um super homem, era, era super homem, era o meu melhor amigo, aí depois a vida vai te dando tanta porrada que tu vai vendo que não é por aí.

A. Aí passa a ser o quê?

O. Teu pai é uma pessoa que tu tem ali pra chamar de pai, só pra dizer assim eu tenho um pai, é um cara que tu gosta, é um cara que tu foi apaixonado, é um cara que tu ama, mas, é um pai, é um pai, não é um, é aquele cara que tu chama de pai, não é aquele cara assim que te deu um colo de pai, que te deu aquele carinho, um beijo de pai, isso não rola mais. (Oswaldo)

Quanto a este trecho da fala de Oswaldo, entendo que, apesar de seu pai atualmente ser uma pessoa “seca”, quando o informante era pequeno ele era diferente, mais carinhoso. Quanto a este aspecto, é interessante pensar sobre a dificuldade de alguns homens (e digo isso observando meus próprios familiares e também famílias com as quais convivo) em expressar afeto e carinho para seus filhos homens crescidos, a despeito de uma espontânea expressão de afeto e carinho direcionados e eles quando ainda pequenos.

Segundo estudos de Olavarría (2001) nos últimos vinte anos ocorreu uma mudança radical no cenário da paternidade. A forma tradicional de ser pai, representada por aquele que trabalha, sustenta e é chefe do lar, foi submetida à prova. Os homens passaram a questionar os sentidos dados à paternidade, suas relações e práticas. De acordo com o autor, demandas da economia e novas realidades sociais, confrontam a paternidade patriarcal (ligada ao prover e ao distanciamento afetivo), seus referentes e os recursos disponíveis para os homens em seu

exercício. Portanto, muitos homens de gerações mais recentes, como Oswaldo, passam a questionar mais seus pais, requerendo maior afetividade e reprovando uma relação pai-filho distanciada, ou um pai “*seco*”, como exposto no discurso de Oswaldo. Nas palavras de Olavarría:

Para los varones más jóvenes un padre debe ser muy expresivo en sus sentimientos, no ocultándolo a los hijos, debe ser cariñoso, cercano afectivamente, activo en la participación de las actividades de los hijos. Esta actitud debe ser, de alguna manera, comprendidos por el niño; éste debe darse cuenta de las acciones y esfuerzos del padre por establecer lazos de cercanía e intimidad. (...) La intensidad de esta forma de relacionarse con los hijos va disminuyendo a medida que el padre es mayor, en cambio se acrecientan en los menores, que lo incorporan conscientemente al mundo familiar y social³² (OLAVARRÍA, 2001, p. 49).

Apesar de existir na atualidade uma maior presença de um discurso sobre a importância da afetividade do pai, de sua participação nos cuidados da casa e dos filhos, de seu carinho, para alguns homens existe uma grande dificuldade de incorporar estas atribuições, encarando-as de maneira defensiva, por contrastarem com mandatos tradicionais de masculinidade. Isto foi observado no comportamento de Norberto, irmão caçula de Oswaldo:

O enteado do Norberto estava em um canto do terreno, chateado por terem chamado a atenção dele por algo que ele estava fazendo. A amiga de Oswaldo fala pra Norberto ir lá, já que ele era o padrasto e mostrar afeto. Então Norberto mostra o punho fechado como que para bater em alguém com um soco e diz aqui o “olha o afeto aqui oh.” Em seguida brincam com o que seria o afeto e direcionam para mim dizendo “conversa com o psicólogo ali”. (trecho do diário de campo da visita à família de Oswaldo)

Esta reserva defensiva de Norberto (o que não significa que ele não seja afetivo em algum momento com os filhos e enteados) pode estar diretamente relacionada a determinados mandatos de masculinidade, os quais incitam os homens a serem pouco afetivos e mais racionais, considerando o cuidado e o afeto como características femininas. Como já foi mencionado anteriormente, o medo de se verem como afeminados domina as definições culturais de virilidade dos homens (KIMMEL, 1997). Complementando, Michael Kaufman

³² “Para os homens mais jovens um pai deve ser muito expressivo em seus sentimentos, não ocultá-los a seus filhos, deve ser carinhoso, próximo afetivamente, ativo na participação das atividades dos filhos. Esta atitude deve ser, de alguma maneira, compreendida pela criança; este deve dar-se conta das ações e esforços do pai para estabelecer laços de aproximação e intimidade. (...) A intensidade desta forma de relacionar-se com os filhos vai diminuindo na medida em que o pai é mais velho e, ao contrário, aumentando nos mais novos, que o incorporam conscientemente ao mundo familiar e social” (OLAVARRÍA, 2001, p. 49, tradução minha).

(1997) lembra em seus estudos que os homens suprimem emoções, abortam o prazer de cuidar dos outros, embotam a receptividade, empatia e a compaixão, tudo em nome de um mito, exclusivamente para serem vistos como homens, como masculinos, já que a sensibilidade e as demonstrações de afeto e companheirismo são consideradas incompatíveis com a masculinidade.

As figuras do “pai herói”, “super homem” e “melhor amigo” também passam a ser mais questionados nos últimos anos. O estudo de Sandra Unbehaum (2000) sobre a experiência masculina de paternidade nos anos 90, já relatado anteriormente, também aponta para esta questão. Em sua pesquisa, a autora ressalta que o pai-herói da infância, o pai forte e que tudo sabe, toda esta imagem de pai se desfaz na medida em que o filho se torna adulto. Esta imagem transforma-se na de um homem com qualidades e defeitos, de um homem que também é frágil, de forma que os próprios limites de um pai são reconhecidos. Segundo esta autora “na infância e na adolescência há um certo olhar sobre a figura paterna, diferente daquele da maturidade, quando filho e pai se aproximam, se identificam” (UNBEHAUM, 2000, p. 127). Apesar da pesquisa de Sandra Unbehaum ser com homens de camadas médias, vê-se que vários aspectos salientados por ela se aplicam sob certa medida a homens de camadas populares, como pode ser percebido no discurso de Oswaldo, no trecho apresentado anteriormente.

Se pensarmos a partir da psicanálise, este pai, este super homem, como enfatizado por Oswaldo, está relacionado à imagem do pai freudiano da horda primitiva, fálico e potente, tão importante na estruturação psíquica de um sujeito, principalmente na infância. No entanto, este “Grande Pai”, nas últimas décadas, tem perdido seu poder, seu espaço, seu nome. Segundo Hurstel (1999, p.22), “vivemos um período de transição histórica no qual o exercício da função paterna se fragiliza – ou, para utilizar uma expressão cara a Pierre Legendre (1989), fragiliza-se o ‘ofício do pai’”

Todas estas indagações e questionamentos sobre paternidade no discurso de Oswaldo, não estiveram presentes nas falas de seu irmão Norberto, o filho mais novo que foi pai na adolescência. Norberto, como já mencionei, foi pai pela primeira vez aos 14 anos e depois aos 16 anos. Já foi casado três vezes. Naquele momento não tinha contato com os filhos.

A... a tua mãe estava me contando que você já é pai também né, há quanto tempo?

N. Que eu sou pai?... hum.. uns nove...

A. Como foi isso pra ti? Você participa da criação dos seus filhos?

N. Participava, é... pagava pensão, só que ela não deixava eu ver os filhos daí eu parei de pagar a pensão.

A. *Daí hoje você não tem mais muito contato... e como teu pai era contigo?*
 N.. *Sangue bom, o pai sempre... apoiou.. numa boa....(Norberto)*
 (...)
 N. *Paternidade... é tudo que um homem quer né cara, um filho... eu gostei, passei pela experiência, né? Fiquei pouco tempo né?*
 A. *E como você acredita que o pai pode participar da criação deste filho? Como que deve ser?*
 N. *É legal cara. A gente pode participar... Levando o filho pra passear, fazendo de tudo um pouco. (ele chama e conversa com outras pessoas ao mesmo tempo em que responde minhas perguntas...) (Norberto)*

A paternidade aparece no discurso de Norberto principalmente relacionada ao pagamento da pensão. Parece ter vivido pouco esta experiência, não tendo dado muita importância ao assunto quando lhe foi perguntado na entrevista. O informante fala pouco, rapidamente e de forma genérica, sobre como o pai pode participar da criação dos filhos: “*levando o filho pra passear, fazendo de tudo um pouco*”. No que se refere ao prover o sustento dos filhos, posso aqui arriscar a fazer uma associação entre a paternidade de Norberto e a de seu próprio pai. Ambos não se responsabilizam pelo sustento dos filhos. O prover, apesar de surgir como uma característica relevante da paternidade, não se mostra como uma necessidade, uma obrigação. Outros aspectos como carinho, educação e estar presente na criação dos filhos não surgem como importantes características, ou necessárias ao exercício da paternidade, no discurso de Norberto e Bartolomeu. Talvez também não sejam facilitadas, dado que em muitos casos estes aspectos são atribuídos ao feminino, diminuindo o campo de possibilidades de expressão destas características para estes homens.

Em outro ângulo de análise, este trecho do discurso de Norberto provoca uma reflexão sobre o que Lacan (1984[1938]) denomina de declínio da função paterna, sobre o enfraquecimento do poder familiar e da autoridade do pai no seio da família, concomitante à desvalorização da imagem social do pai, nas sociedades ocidentais atuais, capitalistas e consumistas. Os discursos sobre paternidade, tanto de Norberto quanto de Bartolomeu exemplificam a vivência deste período de transição histórica caracterizada pela fragilização da função paterna.

Na entrevista com Bartolomeu, pai de Oswaldo e Norberto, o declínio da função paterna, da autoridade do pai, também surge em seu discurso quando este fala sobre sua família de origem, revelando que foi criado praticamente somente por sua mãe e pouco relatando sobre seu pai. Ele foi encaminhado para um abrigo de menores, pelas dificuldades financeiras de sua família e por seus pais terem se separado:

.... pelo seguinte, na época a minha mãe teve muita dificuldade em criar-nos, trabalhava de lavadeira, o meu pai se separou da minha mãe tal e daí teve muitos anos fora, daí depois... com a graça de Deus na época do ... a minha mãe tinha muita dificuldade pra me criar... arrumou uma vaga com... na época o governador, o Jorge Lacerda, arrumou uma vaga, fui criado.. pra me colocar num abrigo de menores, não é esta vagabundagem que tem hoje aí, a gente chegava ali pra estudar e aprender uma profissão. (...)... então... dali eu saí, fui pro exército e tal... (Bartolomeu)

A história de Bartolomeu demonstra que em praticamente três gerações desta família, o pai não foi o suporte financeiro da família e nem, arrisco aqui a dizer, um símbolo de autoridade. As mães desta família tiveram que trabalhar e, sem o apoio direto do pai, dar conta da criação dos filhos. O pai de Bartolomeu se separou e foi embora. Bartolomeu esteve presente em sua família, mas Oswaldo reclama que ele não trabalha, sendo sustentado pelos filhos e que é pouco carinhoso. Norberto, o filho caçula de Bartolomeu, deixou de pagar pensão aos seus filhos e não os vê mais. É possível notar como alguns aspectos da relação pai-filho se repetem entre as gerações.

Norberto ressalta que a paternidade é como um grande feito de um homem, nas palavras dele *“tudo que um homem quer”* e afirma ter gostado de passar pela experiência. O discurso de Norberto me possibilita interpretar que a paternidade significou para ele uma afirmação de sua masculinidade, principalmente pelo fato de ter sido pai pela primeira vez aos 14 anos, ou seja, em plena adolescência. Desta forma, a paternidade teria servido para ele, naquele momento, para confirmar sua virilidade, nesta posição de sujeito ela teria importância. Interessante que Norberto diz que passou pela experiência de ser pai e não que está passando, ou seja já acabou, como ele mesmo afirma *“fiquei pouco tempo né”*, visto que não vê mais os filhos e nem paga pensão. É como se Norberto não fosse mais pai, ou fosse um “pai falso”, fazendo uma analogia ao termo *“pai de verdade”* de seu irmão Oswaldo.

Oswaldo, ao ver-se como um futuro pai, afirma querer ser um *“pai de verdade”*. O que seria um *“pai de verdade”*? Poder-se-ia dizer que Oswaldo estaria se referindo a uma paternidade diferente daquela exercida, ou não exercida, por seu irmão mais novo (Norberto) e por seu próprio pai:

...o caçula, que tem filho, ele na verdade ele é um pai ausente, dá impressão que ele só botou os filhos no mundo e logo em seguida ele se separou, então daí a menina foi embora, pegou as crianças e se mandou, acho que se ele quisesse ser um pai de verdade ele pelo menos que ia atrás com pensão, mas acho que ele não está nem aí com a hora do Brasil. (Oswaldo)
(...)

A. *E como que tu achas que vai ser quando tu tiveres o teu, um filho, se*

tiveres, se quiser ter, como seria? Seria como ele, seria diferente?

O. Ah, eu seria um pai de verdade.

A. E o que seria um pai de verdade?

O. Ah, um pai de verdade é um pai maravilhoso, eu acho que não é instinto... Leva pro colégio, não? Eu acho assim, isso é um pai de verdade, aí depois tu vê teu filho assim e bota na cabecinha dele que tu é o super herói dele, que eu tive com meu pai quando eu era pequeno, protege que nada de mal vai acontecer, eu acho que pai é isso.

A. E isso também envolve mais afeto?

O. Claro, com certeza só que assim depois a gente cresce e vê que não é por aí.

A. Mas se não é por aí é por onde?

O. É tudo imaginação.

A. É tudo imaginação?

O. É, e quando a gente é criança é beleza, mas depois que cresce...É óbvio que a gente não quer perder, tá aí é um caco, dá trabalho, mas é meu, mas ele é meu, meu pai, ele tá aqui sinto uma falta fudida, apesar dele ser um zero à esquerda né? Mas é meu pai. (Oswaldo)

Um “pai de verdade”, “um pai maravilhoso” que não é “instinto”, ou em outras palavras, que não é nato, pré-determinado. Oswaldo pode estar querendo dizer aqui, a partir do que pude analisar em seu discurso, que a paternidade pode ser aprendida. De acordo com Olavarría (2001), os aprendizados sobre paternidade são oriundos de nossas vivências, lembranças e imagens que temos de nossos pais. Vivências estas muitas vezes contraditórias, que criam conflitos e tensões. Estas são incorporadas em nossa subjetividade, seja para imitá-las, em caso de admiração, seja para fazer exatamente o contrário, em caso de rejeição. Oswaldo quer ser um pai “maravilhoso”, carinhoso e protetor, um pai que ele gostaria de ter tido. Um pai que não é “instinto”, ou seja, estas características não seriam herdadas e sim construídas nesta relação. No final do trecho selecionado de sua entrevista, o informante se questiona se este ideal de pai não é “tudo imaginação” e que na medida que crescemos esta idéia é desfeita e a imagem do pai idealizada, rui, é destronada.

Este trecho de Oswaldo remete também à diferenciação feita por Lacan (e apontada no início desta dissertação) entre pai real, simbólico e imaginário. Em seu discurso, este informante talvez esteja se referindo ao pai imaginário, aquele que intervém no complexo de Édipo e é fantasiado pela criança, e que não corresponde necessariamente a um pai real e nem necessariamente ao pai biológico (ou seja, muito longe de qualquer “instinto”).

Apesar de reprovar algumas atitudes de seu pai, Oswaldo se identifica com ele, ou seja, ele não deixa de ser uma referência para a construção de sua subjetividade:

Eu tenho a personalidade do meu pai, eu também sou mais fechado, meu pai também é tímido, eu sou mais parecido com ele, ele mudou, de repente só

mudará o dia que eu tiver um filho, porque eu e meu pai a gente é grosso quando quer, a gente é simpático quando quer, só que a diferença é que ele não gosta de trabalhar e eu gosto.(Oswaldo)

...ele é uma pessoa grossa, apesar de eu também ser uma pessoa grossa, eu sou grosso quando eu quero, o pai não, o pai é grosso 24 horas por dia, ele também assim, ele também já tem um lado sensível, a gente já nota, mas assim na parte de perdas.(Oswaldo)

5.3.2 “Eu sou homem, né cara!” (Norberto)

Quanto ao tema masculinidade, Oswaldo enfatiza, em um trecho de sua entrevista, a importância de um homem saber se impor, tanto no meio familiar como fora dele, além disso, aponta como um outro importante aspecto, a capacidade de um homem de construir uma família: *“Ah, eu acho que ser homem é ser aquele cara que sabe se impor dentro de casa ou fora de casa, que construiu uma família legal assim, eu tenho que ser pai e construir uma família pra mim saber como que é...”* (Oswaldo)

A maneira que Oswaldo compreende o que seria um homem, neste trecho de sua entrevista, pode estar diretamente relacionada à sua relação com seu pai, o qual se apresenta como uma importante referência, seja em termos positivos, seja em negativos. Percebe-se no discurso do informante a presença de um importante mandato de masculinidade, já apontado nos discursos de Edson e seus familiares: ter sucesso na construção, criação e sustento de uma família, dos filhos. Este aspecto surge como uma tarefa, um passo necessário para se tornar um grande homem, ou um homem bem sucedido.

Já seu irmão mais novo, Norberto, durante a entrevista estranhou o aporte ao tema masculinidade e pensou bastante quanto ao que responder. Retornou para mim a pergunta, dizendo que eu sabia, que pensava o mesmo que eu achava, já que eu também era um homem. Dizia que os homens tinham vantagens sobre as mulheres, e que era assim mesmo que tinha que ser.

N. Masculinidade? O que que eu penso? ...

A. Não tem certo nem errado...

N. Então... O que eu vou dizer pra você... (pausa)

A. Então o que é ser homem pra você?

N. Ser homem? Pô... eu sou homem, né cara!

A. Então, conta aí pra mim!

N. Como é pra ti ser homem?

A. Bom eu estou te perguntando (risos) eu sei como é... (risos)
 N. Bom, como é que eu vou te responder, pô, eu sou homem, pô!(Norberto)

A estranheza de Norberto quanto à pergunta sobre a masculinidade merece ser analisada. A masculinidade pra ele é inquestionável, a partir de que tem certeza de ser homem. Ser homem para ele assume uma conotação natural, pré-determinada. Não surge nenhum questionamento sobre esta posição ou condição. Norberto se vê homem naquilo que se faz órgão, pelo biológico, e isto lhe basta. Isto me faz lembrar do homem como sendo alguém sem gênero. Foram as mulheres que levantaram a necessidade de se discutir as relações de gênero, em consequência das reivindicações dos movimentos feministas. Anteriormente (e para muitos ainda), costumava-se tratar os homens como se eles não tivessem gênero. Segundo Oliveira (1998), por muito tempo os homens não estiveram capacitados a enxergar como o gênero afetava suas vidas, vendo-se como seres humanos universais e generalizáveis. Neste sentido, não havia nenhum questionamento sobre sua condição de homem, já que estes sempre estiveram envolvidos de privilégios perante os outros grupos, significativamente considerados minoritários.

5.3.3 “Simplesmente é so isso que eu tenho a dizer” – o dito e não dito nas entrelinhas

...eu boto a mão pro céu, por nenhum deles ter caído neste mundo da droga.. e o que eu posso dizer é que... Eles me ajudam, eu sou desempregado. A minha esposa é doente e tal, então a única coisa que eu posso dizer é isso. (Bartolomeu)

“A *única coisa que eu posso dizer é isso...*” Frases como esta foram intensamente repetidas na entrevista de Bartolomeu. Elas nos dizem o quanto, no entendimento do informante, este não podia reclamar de seus filhos, afinal estava desempregado, eram os filhos que sustentavam financeiramente seu lar, eram muito bons para ele. Além disso, não cumpria com os mandatos tradicionais de masculinidade onde o pai seria o chefe da casa, o provedor, o orientador e educador. Adotava, por prevenção e técnica de auto-preservação, o aceitar para ser aceito. Talvez se reconheça interiormente como fracassado e, para valer-se dos benefícios trazidos pelos filhos, permite-se aceitar incondicionalmente o lugar de dependente.

...simplesmente é só isso que eu tenho a dizer. Pra dizer bem verdade eu sou músico mas... (barulho) A música hoje em dia é só som mecânico, então eu praticamente parei. Às vezes eu toco aí, tenho uma bandinha de velho aí, só pra tomar umas cachaças... É o que eu tenho pra dizer é só isso mesmo, porque não tenho mais nada a dizer. (Bartolomeu)

No entendimento de Bartolomeu, por estar desempregado, ser analfabeto, não ter uma profissão de destaque (já que entende que ser músico tem sido difícil devido ao som mecânico e outras dificuldades desta profissão) ele pouco teria a dizer. O discurso deste informante pode indicar implicitamente que para ser homem e pai, para se ter alguma coisa a dizer sobre isso, é importante ter mais sucesso do que ele tem na vida, ou seja, ser instruído, ser profissionalmente bem sucedido, agir mais. Como ele não contempla estas características, ou seja, não participa de um modelo tradicional de paternidade e nem de um modelo hegemônico de masculinidade, ele não teria “nada a dizer”. A partir de seu discurso, é possível refletir sobre como outras características que o dignificariam como pai são silenciadas, já que ele não cumpre com estes mandatos hegemônicos.

A. E como que foi criar quatro filhos homens?

B. Bem verdade, com muito sacrifício mais, graças a Deus consegui criar eles. (...)

A. E que responsabilidade você acredita ter como um pai, o que é ser pai hoje? É diferente do que era antes?

B. Não... porque o seguinte, porque pra mim a maior felicidade do mundo, é eu ser pai e ter uns filhos muito obedientes, que eu, com a graça de Deus, aos trancos e barrancos, dei estudo pra eles, e...eles me ajudam, com a graça de Deus, só tem um que está desempregado (...) Eu não tenho mais condição de trabalhar, estou com 60 anos de idade.

(...)

B. Nós estamos vivendo nossas vidas, com nossas dificuldades, às vezes de se alimentar, eu e minha esposa, mas tem meus filhos que com a graça de Deus me ajudam e a mais eu não tenho mais nada a dizer. Desculpa a minha franqueza, mas tudo que eu disse é isso daí. (Bartolomeu)

De acordo com o discurso de Bartolomeu, o pai deve dar estudo aos filhos, direcioná-los a um emprego, torná-los independentes. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, Bartolomeu conseguiu encaminhar seus filhos e agora são eles que o ajudam, que sustentam a ele e à sua esposa. A maioria deles tem emprego e mais instrução do que ele. Isto o realiza como pai e esvazia seu discurso - “não tenho mais nada a dizer” e pede desculpas pela franqueza. Por que Bartolomeu precisaria pedir desculpas? Por que ele insiste em diversos momentos que não tem mais nada a dizer? Isto pode estar diretamente relacionado a como o informante se percebe como homem e pai. De acordo com os psicólogos mexicanos Carlos D.

Carrillo Trujillo & Jorge A. Revilla Fajardo (2006), muito do que é associado com a masculinidade gira em torno da capacidade do homem de poder e controle. Portanto, Bartolomeu, longe de cumprir minimamente estes requisitos que constituem a masculinidade tradicional, acredita não merecer ser ouvido.

A dissertação de Marcia Longhi (2001) intitulada “Ser Homem, Pobre e Pai” é de grande auxílio para o entendimento dos sentidos dados por Bartolomeu à paternidade e a masculinidade. Esta autora inicia seu estudo a partir do que ela chama de tripé “família, pobreza e masculinidade” e realiza uma etnografia com jovens homens e seus respectivos pais moradores da favela do Bode, em Recife. Neste estudo, a autora comenta que, devido às condições desiguais de distribuição de renda no Brasil, o homem pobre é condenado a não cumprir com o provimento de sua família, fazendo com que ele se sinta em risco em relação a sua masculinidade. Longhi observou em sua pesquisa que alguns de seus informantes se sentiam humilhados por não serem provedores de suas famílias. Na impossibilidade de corresponder ao que esperam deles, muitos se afastam do espaço doméstico.

Segundo esta autora, em camadas populares a pobreza e o trabalho definem o homem. O trabalho é a possibilidade de provimento e um veículo de transmissão da masculinidade. É através dele que se é ensinado o que é ser homem. Segundo os informantes da pesquisa de Longhi, é ensinando o que se sabe que se ensina a ser um homem. Portanto, na concepção de Bartolomeu, o que ele pode ensinar se não trabalha? O que pode dizer sobre o ser homem e ser pai? Então, em minha interpretação, Bartolomeu se questiona quanto a estas questões e a partir disso afirma que, na medida em que tem pouco estudo “*Qualquer coisinha que me perguntar eu sei retribuir a pergunta*”. Afirma não ser ignorante, ou seja, acredita poder alguma coisa ensinar, embora venha a se contradizer em seu discurso, quando se desvaloriza, pensando ter pouco a dizer para mim, em sua entrevista. Em meio a contradições, ditos e não ditos, Bartolomeu deixa transparecer sua concepção de paternidade e masculinidade, que parece estar de acordo com o estudo de Longhi (2001). Abaixo, um trecho da entrevista de Bartolomeu:

Bom , eu estudei até... Ah... Eu saí da aula em 1960, faz quarenta e seis anos, dali pra cá não estudei mais nada, não dei mais nada pro estudo, na carteira eu sou analfabeto. Qualquer coisinha que me perguntar eu sei retribuir a pergunta, porque eu não sei falar, idioma é só o português mesmo, porque nós brasileiros nem nós falamos a nossa língua certa, porque nossa língua é o guarani. Nao sei se você sabe disso, você é mais estudado do que eu. Nós brasileiros, nossa língua é o guarani... Então quer dizer.. Eu não sei Por.. sou analfabeto, ...não intelectual e ignorante. É só o que eu tenho a dizer meu amigo. (Bartolomeu)

Deste trecho da entrevista com Bartolomeu pude extrair que valores nortearam sua relação em família. Íntegro, mas acomodado, pautou sua vida no respeito e gratidão. Mal sucedido, centrou seus esforços na educação dos filhos, talvez para evitar que sentissem a desvalia que sente por si mesmo naquilo que não corresponde ao modelo de homem, de pai. Impotente, perde a auto-estima e se recolhe humilhado, esquecido de tudo o que representa nesta relação.

Em termos psicanalíticos, Glacy Q. de Roure, Jaqueline M. Coelho & Juliana C. de Resende (2001), pesquisadoras que se fundamentam na psicanálise lacaniana, auxiliam-nos na reflexão sobre a situação de Bartolomeu. Para estas autoras, tem ocorrido, nos últimos anos, um deslocamento da posição de pai, “que deixa de comparecer como o ‘grande Outro’, ou seja, como sustentador de uma ordem simbólica, e passa a comparecer apenas como puro semelhante, ‘pequeno outro’, ou seja, em sua pequena e insignificante pessoa” (ROURE, COELHO & RESENDE, 2001, p. 206). Este aspecto, segundo as autoras, provoca uma redefinição na configuração dos vínculos dentro de uma família, afetando a credibilidade do saber que o pai transmite.

Muito destas mudanças apontadas pelas autoras, relacionam-se a uma superação do *ter* em detrimento do ser. Neste sentido, diante de situações de pobreza, o sujeito é destituído do poder simbólico, por não ter bens, não proporcionar riquezas, sendo desvalorizado socialmente, comprometendo também sua própria auto-percepção como pai. Com a exacerbação deste aspecto, tão estimulado pela sociedade consumista, outros aspectos importantes da paternidade, relacionados ao ser, como educação, caráter, dignidade, bravura, entre outros, são diminuídos, passando a ser pouco valorizados, perdendo em importância e atingindo também os mandatos de masculinidade.

Quanto ao fato de ter apenas filhos homens, Bartolomeu lamenta, diz que Deus não deu a ele a graça de ter uma filha mulher, que isso teria sido bom para sua esposa, para ajudá-la na casa. Comenta ter um bom relacionamento com sua companheira. Relata que já “aprontou” muito por aí, que já ficou com outras (mais um mandato de masculinidade), mas nunca deixou de voltar pra casa, para sua esposa. Diz que bebia muito, que teve problemas sérios de saúde e que, por isso, hoje bebe mais moderadamente. Abaixo, um dos trechos de sua entrevista:

...e é bem verdade que depois de casado eu já fiz diversas travessuras, é amiga e tal, mas eu nunca deixei de dormir uma noite com minha mulher,

só em noite de carnaval, que chegava de manhã no outro dia, tava tocando. No outro dia, já chegava pensando no serviço e nem dormia direito em casa... mas graças a Deus nós estamos aí, a única coisa que eu tenho a dizer.(Oswaldo)

As “amigas” e as “travessuras” podem ser consideradas, no discurso de Bartolomeu, como reforço de uma masculinidade para ele fragilizada. Indicam sua atividade sexual, o gosto por mulheres (o “*não negar fogo*”, nas palavras do informante Pedro, pai de Marco), características consideradas importantes para a afirmação de sua virilidade. Bartolomeu, todavia, enfatizou que nunca deixou “*de dormir uma noite*” com sua mulher, deixando clara sua dependência afetiva, moral e financeira da esposa, que tinha trabalho mais regular e que sustentava a família, segundo o relato de Oswaldo .

Com relação ao espaço que a mulher tem conquistado nos últimos anos, Bartolomeu aponta o quanto os homens têm perdido espaço e poder diante das mulheres, seja na questão do trabalho, seja na questão de direitos. “*A mulher tem direito a tudo*”, diz o informante. Interessante este questionamento. E o homem, já não podia tudo antes? Não pode mais? Como este crescimento de poder da mulher afeta os homens?

(...) em materia de trabalho tem mais, (...) porque pros homens é..., é mulher isso, é mulher aquilo, é deputada, é senadora, é... Hoje, tem mulher tirando serviço de um homem e até mais inteligente e.. (...) porque a mulher tem direito em tudo. Se eu dou um tapa na minha mulher ela pode dar parte, eu vou pra delegacia, memo eu não fazendo nada, podem dar parte de mim na delegacia da mulher e eu vou pra cadeia e ela fica aí. Então a mulher hoje em dia... Andam mais avantajada do que os homens.(Bartolomeu)

A mulher é “*até mais inteligente*”. Esta expressão pode estar indicando uma concepção de Bartolomeu de que o homem é superior à mulher, é mais poderoso e inteligente. O uso da palavra “*até*” demonstra a surpresa do informante de as mulheres estarem ocupando cargos de poder, cargos para pessoas instruídas e inteligentes e estarem desempenhando bem estas funções que eram “destinadas” a homens, dado sua suposta superioridade e maior inteligência. Nas palavras de Bartolomeu “*Hoje, tem mulher tirando serviço de um homem*”- este trecho, em minha interpretação, demonstra o incômodo do informante pelas mulheres conseguirem boas posições de emprego, ao contrário de muitos homens, lembrando que ele está desempregado. Mas toca também em outras questões, já que na sua própria família, fora a mulher que garantia o sustento dos filhos e até do marido. Dele, que não conheceu o pai e que dependera da mãe, até ser colocado por ela num abrigo para crianças. Suas relações com as mulheres e o poder que possuem, pelo menos no ambiente doméstico, não devem ter sido

fáceis. Imagine-se agora, quando as mulheres passam a ter domínio em funções do mundo público. Até pouco tempo, não se pensava que as mulheres podiam chegar a estas posições, visto que eram consideradas inferiores, devendo estar à “sombra” dos homens, cuidando destes, dos lares e de seus filhos, apenas.

É possível notar a partir do material selecionado para a análise discursiva das entrevistas de Oswaldo e seus familiares que, ao mesmo tempo em que são preservados alguns aspectos referentes a uma masculinidade tradicional, outros são rechaçados, apresentando-se novos aspectos que caracterizam um pai e um homem. Quanto à paternidade, apesar de existir um discurso de Oswaldo reivindicando uma maior afetividade de seu pai, o que predomina na história de paternidade desta família é um maior distanciamento afetivo do filho, influenciado por questões de masculinidade. O prover, durante várias gerações na família de Oswaldo não constituiu fator relevante para a caracterização de pai, sendo a mãe a grande responsável pela criação dos filhos e ajudando também no seu sustento. É possível perceber como características que significam a paternidade e a masculinidade se entrecruzam nas vivências destes homens na relação pai-filho, subjetivando-os como homens e pais e definindo os sentidos dados a estes temas por estes sujeitos.

5.4 Leonardo e Tarcísio – mudanças, referências, acertos e erros, os desafios de ser homem e de ser pai

L. Olha, a minha família de uns tempos para cá mudou muito, né?

A. O que que mudou?

L. Eu tenho vinte e sete anos hoje, mas principalmente mudanças com o meu pai, né, meu pai que mudou mais. Quando eu tinha oito anos por aí, nove anos ele era bem mais, bem mais assim, mais carrasco digamos, tanto comigo com as minhas irmãs, tudo, minhas irmãs sofreram bem mais, elas são mais velhas um pouco, né, mas depois com o passar do tempo ele foi melhorando. (Leonardo)

Uma significativa mudança cultural na imagem da paternidade e nas características de masculinidade provocaram uma revitalização do exercício da paternidade, o discurso de Leonardo apresentado acima, ilustra bem isto. Aspectos tradicionalmente considerados masculinos que significavam a paternidade e definiam as atitudes de um pai tornaram-se questionáveis, abrindo espaço para uma gama de outras características até então consideradas femininas, as quais passaram a fazer parte da imagem do que deveria ser um pai. A figura paterna tradicional, inspirada no modelo patriarcal, de um pai autoritário, demasiadamente poderoso e temido, perdeu espaço para a imagem de um pai afetivo, carinhoso e presente,

como aponta Tarcísio no trecho apresentado abaixo. Esta passou a ser uma realidade possível em muitos lares, nas últimas décadas (no entanto, não ainda na maioria).

A. E a paternidade, tu também achas que tem mudado nas últimas gerações?

T. Tem, tem sim.

A. Em que aspecto?

T. No mesmo aspecto que a gente começou a conversar. Tipo, antigamente o pai educava o filho na base do tapão, da porrada.

A. E hoje?

*T. Às vezes acontece ainda isso, mais é mais raro isso aí, é mais o diálogo, a conversa, mais o carinho, mais o jeitinho, não sei se é bom ou ruim.
(Tarcísio)*

Nos discursos de Leonardo e de Tarcísio sobre seu pai, é possível perceber este momento de mudanças, na medida em que apresentam um pai que fora outrora muito autoritário e violento, mas que atualmente se permitia ser pai de outra maneira. Muita coisa mudou nesta família, mas o pai continuou sendo uma figura de destaque na construção da subjetividade destes meninos, agora crescidos, os quais trazem consigo seu pai como uma importante referência que os ajudou a definir caminhos e atitudes na vida que têm hoje.

Um “*herói*” e uma referência de honestidade. Este pai é para Tarcísio um modelo a ser seguido, apesar de diversos erros cometidos com seus outros filhos e de problemas familiares que surgiram em tempos anteriores. É importante ressaltar aqui que Tarcísio é o filho mais novo, não tendo passado pela mesma criação que seus outros irmãos, ou seja, seu pai já começava a relativizar seus atos de violência e procurara criar seu último filho de forma diferente, com menos surras, com menos interdições.

A. E qual o significado do teu pai pra ti na tua vida?

T. Hoje, meu herói!

A. Por quê?

T. Porque ele é e foi tudo o que eu sempre quis ser, mas não consegui ser, honesto, justo, certo.

T. Meu pai é meu herói e meu ídolo. (Tarcísio)

Definindo a maneira de ser destes dois jovens ou como gostariam de ser enquanto pais, suas vivências na família de origem surgem em seus discursos como de grande relevância e este aspecto aparece também quando falam da relação de seu pai com o avô. Para Tarcísio, o pai é colocado como um modelo ideal de homem, aquele que tentava mostrar o caminho certo, orientar, mesmo que este resistisse a segui-lo. Assim como na pesquisa de Longhi (2001), é possível perceber um modelo de masculinidade onde o pai se reafirma

enquanto “homem de bem” e o filho, seguindo-o, afasta-se do “caminho errado”. Leonardo teria seguido este caminho, e Tarcísio não, segundo suas entrevistas.

T. Aí eu não sei, penso eu criar meus filhos, os meus filhos, como meu pai tentou me criar.

A. Como que ele tentou? Descreve.

T. Da maneira mais correta possível, mais amorosa possível, mais correta possível, tipo tentar só ensinar as coisas certas, não deixar que o mundo ensine as coisas erradas como eu aprendi.

A. Tu achas que seria melhor?

T. Claro, lógico que ensinava as coisas erradas também, mas, apesar dele ensinar não deixar passar, também, não deixar quebrar a cara pra aprender. (Tarcísio)

Apesar de Tarcísio admirar seu pai, seu irmão questiona a educação que teve, devido à violência e ao autoritarismo. Esta era a forma que este pai aprendera de criar seus filhos, a forma como fora criado. Dentre os relatos e mitos familiares, Tarcísio declara que seu avô era conhecido como muito violento. Leonardo comenta o quanto seu avô havia sido violento com seu pai, tentando justificar a criação que teve.

T. Eu conheci meu avô, tipo muito pouco, mas dizem que meu avô era muito violento, talvez graças a essa violência meu pai é o homem que é, meu pai foi o homem que foi, entendeu?

A. Teu pai contava sobre o teu avô? O que que ele contava?

T. Ah, ele contava da maneira que meu avô criou ele.

A. E como que foi isso?

T. Tipo, um erro uma surra, um erro uma surra, dois erros três surras, quatro erros oito surras, entendeu? Talvez e eu imagino que talvez por isso, que meu pai é o homem correto que ele é hoje, ou foi, e agora pra mim talvez por isso que eu caí pelo lado errado no mundo, eu imagino que sim. (Tarcísio)

A. E como que ele é hoje com vocês?

L. Ah, hoje ele é outra pessoa, hoje é uma maravilha, ele se arrepende muito das coisas que ele fez, de todas as coisas ruins que ele fez, ele foi uma pessoa bem, bem carrasca por que o pai dele também foi assim com ele, ele conta muito a passagem que ele teve com o pai dele que o pai dele bateu nele com a vara e enquanto tinha a vara e depois que a vara acabou o pai dele começou a dar socos nele deixando meu pai desmaiado no chão, então uma coisa leva a outra, ele foi criado dessa maneira então ele achou que tinha que fazer a mesma coisa. (Leonardo)

A violência esteve presente em diferentes gerações desta família, sendo significada de variadas maneiras. Leonardo, que foi educado com o uso de atos violentos, questiona este tipo de criação. Já Tarcísio, filho caçula que não foi criado desta forma, acredita que deveria ter sido mais repreendido, “*ter apanhado mais*”, que isto o teria deixado menos rebelde, mais

próximo do modelo de homem que o pai representa para ele. Na família de Leonardo e Tarcísio, em minha interpretação, houve uma transmissão da masculinidade através da violência.

A identificação de Tarcísio com a violência é um recurso de identificação masculina. Ele não se vê interdito pelo pai contra a mundo feminino e para se livrar disso identifica-se com a violência para se fazer homem. Expressões de agito e agressividade seriam expressões corporais como formas de se rebelar do domínio materno e do mundo feminino, frente a angústia de castração e temor de ver-se engolido pela mãe. O pai de Leonardo aprendeu a ser homem através da educação violenta de seu pai e com Leonardo aconteceu o mesmo, já com Tarcísio tudo foi diferente. Esta mudança fez com que Tarcísio não se identificasse com seu pai e sim com a violência, com a rebeldia, para tornar-se homem. A partir disso admira seu pai, mas não consegue ser como ele. A ele não foi “passado o bastão” (ser educado através da violência), foi quando ele se tornou o próprio “bastão”(ser rebelde, cometer atos de violência dentro e fora de casa).

Nas últimas décadas, as conseqüências negativas de uma educação autoritária e violenta foram bastante questionadas, embora a violência ainda se apresente como um marcador de masculinidade para muitos homens, ou mais especificamente de virilidade, segundo Kimmel (1997), quando mostram sua valentia e a usam para intimidar adversários, para resolver situações difíceis e nos momentos de conflito. Para Longhi (2001), o homem de camadas populares vê a força física como um elemento de afirmação de masculinidade. Neste sentido derrotar o outro seria uma maneira de mostrar que se é forte e viril e suficientemente “macho” para proteger uma família. No entanto, este aspecto também o torna temido e condenado no espaço doméstico.

Os psicólogos mexicanos Trujillo & Fajardo (2006) afirmam que o modelo visto como ideal para o homem traz como característica o poder sobre mulheres e diante do mundo, como possuir objetos, mandar em outros homens, etc. Porém, para um homem de camadas populares, este poder diante do mundo é restringido, contribuindo também para os índices altos de violência doméstica, segundo os autores. Sobre estes aspectos, seguem abaixo alguns trechos da entrevista com Leonardo:

L. É, a minha família em relação ao tratamento que eu tinha quando eu era criança e morava em casa com o meu pai é bem diferente, né, meu pai não tinha muita paciência com a gente, ele era mais, qualquer coisinha ele já partia para ignorância, né, então a gente tinha, além do respeito, primeiro do respeito a gente tinha um medo, a gente temia nosso pai, antes de respeitar. Eu já procuro não ser assim, né procuro ser um pouquinho

diferente, sempre tentando fazer o correto mas não com tanta violência, como se fazia antes.

(...)

A. E como foi isso para você, essa maneira dele ser, esse tratamento contigo?

L. Olha por incrível que pareça pra mim não deu muito, não teve nenhum trauma, pra mim não, mas pra outras pessoas já, pra minha irmã que sofreu mais do que eu, ela já ficou um pouco traumatizada, o filho dela ela nem encosta a mão nele porque já começa a lembrar das coisas que acontecia com ela, né.

A. Tu acha que o principal problema era ele bater?

L. É o principal problema era esse.

A. E tu acredita que ele mudou?

L. Mudou. (Leonardo)

(...)

L. Por que assim ó, que nem eu te falei meu pai foi mudando, eu quando era criança ainda peguei uma fase ruim do meu pai, só que hoje a gente pergunta será que foi ruim ou será que foi boa pra mim, eu não sei, eu não reclamo disso, apanhei às vezes mais do que devia mas merecia apanhar, poderia ser menos, mas merecia, o meu irmão não, meu irmão por ser o caçula, o mais novo, meu pai já achou que, por ele tá mudando, achou que poderia ser diferente a criação dele, e foi, eu acho que foi um grande equívoco, meu irmão é completamente diferente de todos os outros filhos, as coisas que ele fez, é uma coisa assim que sinceramente, a gente... é a mesma coisa que uma bomba cair aqui no meio da nossa sala, aqui agora e a gente tá conversando, é um absurdo, completamente um absurdo. (Leonardo)

Temido, antes mesmo de ser respeitado. Poderoso e autoritário. Esta é a imagem que Leonardo apresenta em seu discurso sobre o pai que, segundo o informante, mudou muito. Relata que não teve grandes traumas como suas irmãs, será que por ele ser homem e ter que ser forte, ter que saber enfrentar estas adversidades? Montesinos (2002) aponta para a importância de considerar as consequências da reprodução cultural de um pai fielmente orientado pelos traços tradicionais de masculinidade, que reforçam a autoridade do homem, sendo esta moral e econômica. Segundo o autor, os jovens adultos nos últimos anos possuem dois grandes referenciais de masculinidade, a saber: um ligado ao estereótipo do passado, onde o autoritarismo representava a característica essencial do homem e também da paternidade, e o outro ligado a um estereótipo que reflete uma transformação cultural e suas novas tendências, o que o autor chama de uma nova identidade masculina (MONTESINOS, 2002).

A afetividade e a emoção surgem no discurso de Leonardo como características da nova fase de seu pai. A dificuldade anterior de expressar afeto e carinho é enfatizada por Leonardo quando lembra que seu pai nunca o pegou no colo. Descreve o quanto ficou impactado a primeira vez que seu pai foi capaz de pedir desculpas a ele.

Trujillo & Fajardo (2006) ressaltam o quanto muitos homens não se sentem próximos de seus pais ao mesmo tempo que os vêem como um deus, inacessível, não afetuoso e intransigente. Além disso, pouco recordam de ter sido beijados, mimados ou sequer abraçados, ao passo que lembram bem de terem sido castigados. Assim, incubiria ao grupo de iguais a tarefa de desfeminizá-los e torná-los homens, afastando-os do exercício do cuidado, do carinho e expressão de afetos, tidos como características femininas.

Para Kaufman (1997), adquirir a masculinidade hegemônica e também a maioria das subordinadas é um processo onde os homens suprimem emoções, o prazer de cuidar do outro, a empatia e a compaixão entre outros aspectos, que são experimentados, para muitos homens, como sendo incompatíveis com o poder masculino. Abaixo, um trecho da entrevista de Leonardo:

A. Você está me dizendo já que a maneira como você é pai hoje é diferente de como teu pai foi, se tu puderes me falar um pouquinho mais dessa relação, de como que era tua relação com o teu pai e qual é a diferença de como você é hoje.

L. Olha a relação minha com o meu pai, pra te ser bem sincero, o meu pai nunca me pegou no colo.

A. Você é o mais velho dos meninos?

L. Dos homens sim.

A. Nunca?

L. Nunca me pegou no colo. Nunca. Então eu, quando aconteceu que a minha mãe decidiu se separar dele, eu até achei bom, por que até então... olha, eu fui aprender a gostar do meu pai depois dos 15 anos por aí, por que até então, assim, se o meu pai não mudasse, acho que a nossa família iria ser um fracasso total.

A. Depois ele ficou mais afetivo?

L. Ficou, ficou bem mais afetivo.

A. Como é que ele demonstrava essa afetividade?

*L. É ele, para uma pessoa que sempre foi um carrasco de repente mudar não precisa, a pessoa não precisa te pegar no colo, a pessoa não precisa estar te beijando toda hora, simplesmente o fato, uma coisa que me marcou muito e até hoje eu lembro foi uma vez que eu tava trabalhando junto com ele, ajudando ele e ele deixou uma ferramenta cair na minha mão e me machucou, foi a primeira vez que o meu pai pediu desculpas pra mim.
(Leonardo)*

Segundo Leonardo, seu pai, ao reconhecer seus erros do passado, seus problemas com álcool e na iminência de perder sua família, transformou-se em um novo homem, sendo capaz de expressar suas emoções, seus sentimentos. Fica implícito aqui o poder desta mãe e esposa, na família, que de certa maneira teve fundamental importância e participação na mudança de atitudes de seu marido, o pai de Leonardo e Tarcísio, redefinindo o exercício da paternidade

do mesmo e suas atitudes como homem. Considerando o gênero como relacional, faz-se importante ressaltar a influência desta mulher na mudança do marido.

Outro aspecto que devo destacar é o problema do álcool, da bebida nestes contextos (esteve presente também na família de Oswaldo), trazendo diversas conseqüências para a vida familiar dos jovens entrevistados. A bebida é frequentemente utilizada nos momentos de socialização masculina, sendo socialmente mais permitida e autorizada para os homens do que para as mulheres.

Fernando Zarco Hernández (2006), psicólogo mexicano, em seu estudo sobre a construção de discursos que configuram noções de masculinidade, em contexto de grupos de ajuda mútua contra o alcoolismo (Al-Anon³³) realizado na cidade de Morelia, no México, afirma que para um homem o consumo de álcool é visto como algo normal e parte importante da amizade masculina, podendo este beber muito e embriagar-se. O consumo de álcool torna-se assim uma característica da masculinidade hegemônica e tradicional de muitas sociedades.

Nestes grupos de auto-ajuda os participantes são majoritariamente homens. Na medida que eles se sentem não correspondendo a mandatos tradicionais de masculinidade, abusam do álcool, vindo na sequência, em muitos casos, a violência doméstica e diversos outros problemas familiares, como foi relatado por Leonardo, referindo-se ao seu pai, quando afirma que sua família estava desmoronando com os problemas de seu pai, violento e alcoolista. Muitos daqueles que conseguem parar com o consumo de álcool, como foi o caso do pai de Leonardo e Tarcísio e como acontece nos grupos de ajuda-mútua, re-significam sua participação intrafamiliar e mandatos tradicionais de masculinidade, relativizando o atos de autoritarismo e expressando suas emoções. Abaixo o trecho da entrevista de Leonardo:

Hoje sim, hoje ele se arrepende de tudo o que ele fez, tanto pra gente quanto pra ela, principalmente pra ela, hoje ele tá bem diferente, hoje o meu pai, por qualquer coisa ele se emociona, pessoa muito emotiva, por qualquer coisinha ele tá emocionado, mudou bastante, diria cem por cento do que ele era, boa parte disso foi ela, a bebida que ele parou, né?. (Leonardo)

Uma das características mais admiradas, tanto por Leonardo como por Tarcísio em seu pai, é a honestidade. Leonardo a enfatiza como uma das características que herdou de seu pai, dentre outras, como falta de paciência. Embora Leonardo se identifique com valores e traços de seu pai, relata que sua maior referência de vida, por sua força e garra, foi sua mãe.

³³ Equivalente aos grupos de Alcoolicos Anônimos no Brasil, AA.

L. Meu pai é uma pessoa que... é muito honesto, honestidade para o meu pai é elogiável, ele é muito honesto mesmo, então graças a Deus essa parte eu também puxei a ele, né, então ele sempre procurou ensinar assim, ser assim.

A. Como?

L. Muito honesto, nunca pegar nada que não é da gente, nada, nada.

A. E o que mais você acredita que puxou do seu pai?

L. O que eu puxei do meu pai, olha, ser um pouco nervoso.

A. Nervoso?

L. Um pouco nervoso comigo, e também não ter muita paciência com as coisas, entende, se tá fazendo alguma coisa que não dá muito certo, se é alguma coisa que tem que fazer com paciência, já não tenho muita paciência. E essas coisas, honestidade, palavra, o meu pai fala alguma coisa, se ele te pede alguma coisa, um dinheiro ou alguma coisa emprestada e ele tá te devendo alguma coisa e ele fala que tal dia ele vai te pagar, tal dia ele vai te pagar, acho que é isso aí, a gente sendo honesto, tendo palavra o resto é consequência, né?

A. E como foi assim, tu foi crescendo, conhecendo a vida como que era ser homem no mundo de hoje, ele participou disso ou nada, tu te espelhaste nele de alguma forma?

L. Bastante, na minha mãe, a minha mãe é uma guerreira, a minha mãe olha, melhor... Tanto ela como ele, mas ela é uma pessoa que, que batalhou muito para que ele mudasse, se não fosse o apoio da minha mãe ele não tinha mudado...(...) (Leonardo)

Leonardo deixa evidente, neste trecho de seu discurso, a força de sua mãe no meio familiar, impulsionando a mudança do seu pai. Esta mãe, forte, com a qual Leonardo se identifica, destaca-se aqui (assim como na família de Edson), mostrando-se como fundamental no processo de mudanças dos sentidos atribuídos à paternidade e à masculinidade. A força desta mãe não causa estranhamento se pensarmos em termos freudianos, visto que a mãe é o primeiro objeto de amor da criança, que ao nascer está numa relação fusional com ela. A mãe que inicialmente é vista pela criança como onipotente, forte e poderosa e é quem significa para ela o pai - o pai simbólico.

De acordo com Hurstel (1999), o pai, no complexo de Édipo, é aquele ao qual a mãe se refere para a criança, passando a ocupar a terceira posição no triângulo edipiano. Como foi ressaltado no início desta dissertação, o pai que intervém no complexo de Édipo é o pai fantasiado pela criança, ou seja, o pai imaginário, sendo que o pai simbólico é significado pelo discurso da mãe. Em consequência, a mãe é figura central na construção da paternidade.

De certa maneira, poder-se-ia dizer, portanto, que a masculinidade destes homens, os filhos cujos relatos foram aqui analisados, e também as maneiras como agem e significam os modos de serem pais eles próprios, dependeu também e em grande parte, da relação com sua mãe, da força que ela teve nesta relação, dos sentidos que ela atribuiu a estes temas e das maneiras como estes sentidos constituíram os filhos, nos processos de identificações parentais.

5.4.1 Sobre masculinidades – características e atitudes de homens nos discursos de Leonardo e Tarcísio

A masculinidade está do lado da ação, da atitude, segundo Tarcísio. Em seu discurso ele diz que ser homem “*é agir*”, é “*tomar atitude*”. Juntamente com esta ação vem a valentia, a impulsividade e, em alguns momentos, a violência. O discurso de Tarcísio pode ser ligado ao que dizem Trujillo & Fajardo (2006), quando afirmam que o modelo idealizado de um jovem homem é ser agressivo, abusivo, hábil com esportes, descuidado com os estudos, entre outras características. Para estes autores, muitos homens se vêem obrigados a seguir este modelo que estimula a violência e a competitividade entre os homens, como forma de afirmar a masculinidade.

Outra ênfase dada por Tarcísio para definir masculinidade é a anatomia das diferenças sexuais. Em suas palavras “*Masculinidade, isso é meu órgão sexual*”. Ou seja, a anatomia é colocada aqui como um importante definidor de masculinidade. Basta ter um pênis para ser um homem, é simples, é algo fixo, dado, não seria então uma condição, como para a mulher. A partir deste trecho do discurso de Tarcísio, é possível desenvolver reflexões fundadas na psicanálise lacaniana. O principal significante do falo³⁴, embora este não se restrinja a ele, é o órgão sexual masculino, o pênis. O falo é associado ao masculino, simbolizando força, potência. Tomando por base esta interpretação, Tarcísio associa sua masculinidade quase que exclusiva e simplesmente ao fato de ter o órgão genital masculino, sendo o grande significador de sua masculinidade, e poder-se-ia dizer, não somente em termos biológicos, do sexo masculino, mas também como este significante de força, plenitude e poder.

Outro aspecto importante a ser discutido, pois aparece no discurso de ambos os informantes desta família, são as mudanças nas atitudes e características masculinas para a geração de Leonardo e Tarcísio, em comparação com as gerações anteriores. Leonardo relata mudanças nas divisões de trabalho doméstico com a esposa, diferenciando seus comportamentos em comparação com os de seu pai. Tarcísio traz como uma nova característica do homem a vaidade (relatando que se depila e faz sobrancelhas) e comenta “*O homem a cada minuto que passa, a cada minuto que passa ele é mais feminino, mais compreensivo, menos brigão*”. Verifica-se que ideologias de camadas médias e altas, como a figura do metrosssexual³⁵, de um homem consumista, vaidoso, frequentador de centros de

³⁴ De acordo com Laplanche e Pontalis (2001) o uso do termo *falo*, em psicanálise “sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo “pênis” é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica” (p. 166).

³⁵ O termo metrosssexual começou a ser utilizado no final dos anos 90. Foi usado pela primeira vez pelo jornalista britânico Mark Simpson, popularizando-se na mídia europeia e americana em 2002. Surgiu a partir da junção das palavras

estética, grifes caras de shoppings e sempre cuidadosamente bem vestido (figura esta que se popularizou na mídia nacional, e que surgiu principalmente em grandes centros urbanos como Nova York, Paris e Londres) começam a se difundir entre camadas populares, como Tarcísio o demonstra. Estas ideologias, intensamente divulgadas em revistas de circulação nacional passam a fazer parte do cotidiano de alguns homens de camadas populares, redefinindo atitudes ligadas aos homens, os quais começam a se preocupar mais com a beleza, expressando sua vaidade (esta que até pouco tempo era uma característica diferenciadora da masculinidade, por ser considerada eminentemente feminina). Desta maneira, vaidade, valentia, rebeldia, ou valores tradicionais e novos, misturam-se como características definidoras de masculinidade em Tarcísio. Abaixo o trecho de sua entrevista:

T. Sou vaidoso pra caramba, faço sobrancelhas, me depilo, enfim, vaidoso pra caramba, acho que todo mundo tem seu lado feminino.
A. Então dessas características, tem a vaidade, tem mais alguma?
T. Carinhoso não, porque todo homem que ama é carinhoso, acho que é só isso mesmo, só sou vaidoso demais. (Tarcísio)

Leonardo apresenta, em seu discurso, as mudanças na maneira de ser homem nos últimos anos, sinalizando a divisão mais igualitária de tarefas no meio doméstico e a desaprovação de seu pai quanto à esta divisão. Segundo Kimmel (1997) o pai é o primeiro homem que avalia o desempenho masculino de um menino. É o primeiro homem para o qual se busca comprovar a masculinidade. Em seu discurso, Leonardo aponta que ser homem não se sustenta apenas pelo discurso (“*dizer que você é homem, que você é...*”), demonstrando o quanto a masculinidade não é algo palpável e concreto, precisando ser comprovada de diferentes maneiras (PANIAGUA, 2000). Comprovação iniciada pelo pai e, em seguida a ele, continua-se a “*ter que*”, nas palavras de Leonardo, comprovar a masculinidade de diferentes formas, para diferentes outras figuras masculinas, tais como amigos, companheiros de trabalho, chefes, etc (KIMMEL, 1997).

Mas Leonardo desafia mandatos tradicionais de masculinidade e diz ser participativo nas atividades domésticas, ser companheiro, evidenciando outras posições possíveis de subjetivação de um homem, de um pai, outras maneiras de participar e se relacionar no ambiente doméstico, familiar e parental. Abaixo o trecho:

metropolitano e heterossexual, tornando-se uma gíria urbana para homens preocupados com aparência, bem sucedidos e excessivamente consumistas. Independe da orientação sexual do sujeito e representa um homem vaidoso, narcisista, que rompe com códigos tradicionais de masculinidade. (Fonte: WIKIPEDIA. Enciclopédia on line. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Metrossexual> e http://veja.abril.com.br/especiais/homem_2004/p_022.html. Acesso em: 29 de dezembro 2006).

L: Ser homem hoje, olha ser homem hoje, hoje mudou bastante.

A: Por quê?

L: Eu mudei muito hoje, tipo...

A: O que tu acha que mudou?

L: Por que assim, quando a minha esposa teve a minha primeira menina, minha filha, eu mudei passei a fazer tudo dentro de casa, lavar roupa, lavar casa, tudo, meu pai olhava pra mim e falava assim: Olha, eu não fazia isso aí jamais, isso é coisa de mulher. Entende, então eu acho que ser homem não é você apenas ser homem, dizer que você é homem, que você é, mas... a mulher tem que fazer tudo dentro de casa, acho que não pode separar tudo isso, homem hoje em dia tem que ser companheiro principalmente né, tem que... (Leonardo)

Diferente de seu irmão que sempre buscou fazer tudo corretamente, de acordo com o que seu pai ensinava, Tarcísio mostrou-se um rapaz aventureiro, impulsivo, teimoso e livre. Em nosso encontro ele enfatizava a importância de aproveitar a vida, de desfrutá-la. Relata suas aventuras por diferentes cidades e empregos, sua relação com as mulheres e fala sobre sua rebeldia. O discurso de Tarcísio relaciona, como apontou Paniagua (2000), liberdade e masculinidade. Segundo este autor, “la condición masculina va íntimamente ligada con la noción de libertad. La libertad es el fundamento de su capacidad de experimentar, conocer y auto-construirse”³⁶(PANIAGUA, 2000, p. 208). De acordo com ele, esta relação entre liberdade e masculinidade pode ser aprendida pelo menino desde pequeno, com seu próprio pai e com outras figuras masculinas.

Tarcísio diz que tem muitas atitudes de garoto, de “moleque”. Quando pergunto sobre atitudes de um homem, ele responde enfatizando atitudes de honestidade e respeito com o que é do outro, valores admirados no seu pai por ambos os filhos. Em termos psicanalíticos, poder-se-ia dizer que o discurso de Tarcísio remete a um menino que não se tornou homem pela identificação fálica com seu pai. Este que não usou sua lei com o filho mais novo, não o proibiu, não apresentou a mesma interdição. A partir disso, este garoto não se identificou com o pai poderoso e agressor. Ele tornou-se um rebelde contra a lei do pai e contra a falta da lei dele, buscando mundo a fora aventuras, liberdade, sem limites. A masculinidade está aqui, para ele, na ação, no agir, no sentido de ter atitude, de não ser passivo diante do mundo. No entanto, esta maneira de ver o masculino não o preenche, suas atitudes são vistas por ele mesmo como de um menino, briguento, impulsivo, que resiste à lei do pai e que busca ser homem de outras maneiras, através de outras identificações. Busca o falo por outras vias. E o

³⁶ “...a condição masculina está íntimamente ligada à noção de liberdade. A liberdade é o fundamento de sua capacidade de experimentar, conhecer e autoconstruir-se” (PANIAGUA, 2000, p. 208, tradução minha).

homem, o homem feito está na ordem da honestidade, da atitude correta e justa. Estas são características de seu pai, seu modelo, seu herói, seu ideal, mas que ele não consegue igualar. Sendo assim, parte em busca deste falo, da masculinidade, dos sentidos para seu mundo, sua existência.

T. Eu acho que sim cara, eu acho que é a maneira de ser, a maneira de agir, as vezes não, às vezes eu faço umas coisinhas de piá, de moleque, tipo eu sou briguento pra caralho cara.

A. Isso é de piá?

T. Pra que, tu vai andar aqui na rua, tu vai brigar com alguém tu vai cortar tua mão, tu vai machucar o cara, tu vai estar fazendo uma ceninha ridícula, eu era bem mais violento, agora não sou tanto né, mas mesmo assim eu sou, isso eu acho do tipo infantil. (Tarcísio)

A. Que atitudes são de homem?

T. Sei lá, tipo se alguém passa aqui e perde uma carteira ali, daí você vai ali e olha a carteira e bah, cheia de dinheiro, e pra ti acabou o dinheiro e daí pegou a carteira, e não, qual é você vai podia ficar ali a noite toda, mas não, ali ó chega aqui e achei... entendeu, e não só isso, isso é só um...

A. Tá, mas espera um pouquinho, que outras atitudes tu acredita que são de um homem?

T. Não errar, ou tentar não, a assumir as conseqüências com seu relativo erro. (Tarcísio)

Leonardo, em seu discurso, relata sobre a dificuldade de seu pai em se relacionar com Tarcísio. Este se esquivava de seu pai, com medo de ser repreendido, por sua rebeldia. Leonardo comenta que seu irmão era muito agressivo com seus pais e que todos sofriam muito com as rebeldias de seu irmão e pela forma como ele se comportava com os pais. Enfatiza como tudo foi diferente com seu irmão se comparado com outros filhos, dando a entender que faltou limite na criação do irmão.

A. Então tu acha que ele tinha uma boa relação com o teu pai, teu pai procura ser mais próximo?

L. Meu pai tinha uma boa relação com ele, mas ele, que nem eu te falei, eu não gostava muito de ver ele conversando com meu pai, por que ele era muito ignorante com meu pai, coisas que ele falava com meu pai, na minha época eu nem sonhava em falar pro meu pai, nem sonhava, se eu falava um negócio daqueles pro meu pai me dava um soco na cara.

A. E ele não fazia isso?

L. Não, que nem eu te falei o meu pai e a minha mãe imaginaram criar ele de uma maneira diferente, achando que essa seria a maneira certa, e a gente viu que não é, não foi a maneira certa, então meu irmão aprontou muito, foi pego com arma, né, reagiu e pra polícia, por sorte a polícia não atirou nele, mas tá preso, não tá preso aqui, tá preso em Caçador. (Leonardo)

Tarcísio dá sua versão da relação com o seu pai:

A. E hoje a tua relação com o teu pai, é legal?

T. Agora é boa.

A. E o que que é uma relação boa com ele hoje.

T. Afeição carinho.

(...)

T. Talvez não tinha mais carinho, não tivesse mais compreensão, mais atenção porque eu não deixava.

(...)

T. Lógico, como é que eu vou chegar perto de você se você não deixa...

A. E ele tentava chegar perto?

T. Talvez sim.

A. E tu sabe porque que tu não deixava?

T. Com medo de que ele chegasse perto de mim e fosse conversar comigo e falasse: “Meu filho não faz mais isso, isso é errado, meu filho faça isso, siga esse caminho, esse que tu tá indo ele não tá dando certo”, e eu queria continuar fazendo, eu queria continuar fazendo as coisas do meu jeito, da minha maneira, entendeu? Meu irmão, ele não comprava um chinelo se não perguntar: “Ah, pai, o que o senhor acha de eu comprar um chinelo?” A minha irmã: “O pai eu queria comprar um tênis novo o que o senhor acha?” Eu não, eu queria, eu queria comprar eu ia lá e comprava, pronto mais ou menos isso, entendeu. (Tarcísio)

Os discursos dos irmãos sobre masculinidade e paternidade enfatizam o período de transformações na diferenciação de características e atitudes masculinas e no exercício da paternidade. Em alguns momentos, os informantes apresentam dificuldades de absorver e transitar por novos mandatos, como é o caso da expressão de carinhos e afetos de pai para filho. Algo difícil para Tarcísio e novo e bem recebido por Leonardo (refiro-me a atitudes de afeto de seu pai nos últimos anos com eles), que acaba de ser pai de um menino.

O pai destes garotos, ao reconhecer seus erros, seus atos de violência, ganha admiração. Seu caráter e honestidade são reconhecidos por ambos os filhos como algo a ser seguido e louvado. Ser homem para estes garotos é ser honesto, é ter atitude. O homem autoritário e violento perde aos poucos força nesta família, sendo admitida a existência de uma feminilização (digo isto inspirado no discurso de Tarcísio), que autoriza os homens da família a serem mais compreensíveis, menos violentos, mais vaidosos, com mais cuidados com a saúde e também, no caso de Leonardo, dividindo tarefas domésticas. Para Trujillo & Fajardo (2006), o momento atual caracteriza-se pelo surgimento de um movimento que define as bases de um modelo ideal, relativiza-o e amplia os limites de expressão de masculinidade, de maneira a integrar diversos conteúdos que até então eram significados como femininos.

A paternidade passa a ser valorizada também pela expressão de afeto e cuidado, em oposição à autoridade superior e temida de outrora. O pai continua sendo uma figura

importante para ensinar e dar limites aos filhos, mas de uma forma mais branda. Este mesmo pai se mantém como um importante modelo de homem, de masculinidade, influenciando na construção da subjetividade dos garotos.

Mas porque a paternidade e as atitudes dadas como masculinas mudaram nesta família? Como foi a mudança deste pai? E como esta mudança chegou aos filhos, de que maneira estes se subjetivaram como homens e pais? A mãe teve aqui fundamental participação, em minha interpretação, demonstrando uma força transformadora nesta família. Ela surge no discurso de Leonardo como uma mulher forte e guerreira, como alguém que lutou para manter a família e transformar seu marido, ao mesmo tempo em que criava seus filhos e filhas, ensinando-lhes o melhor caminho para suas vidas.

Desta maneira, esta mãe teve grande participação na definição das posições de pai e de homens nos sujeitos desta família, redefinindo, redesenhando o pai e o homem ideal, transformando valores hegemônicos que eram prejudiciais à sua família, em outros que traziam mais harmonia e maior união. Sendo o gênero relacional, aqui o poder feminino destacou-se, assim como foi percebido na família de Edson, na definição de novas possibilidades discursivas de masculinidades e do exercício de paternidade destes homens.

Considerações Finais

A ruptura de um modelo ideal e tradicional de ser pai e homem e o fortalecimento de outras formas de expressão de paternidade e masculinidade marcam as histórias dos sujeitos estudados, apresentadas em seus discursos, nesta pesquisa. Se um modelo tradicional caracterizado como aquele que corresponde aos ideais de uma cultura patriarcal, onde os homens têm uma posição de domínio sobre as mulheres e seus filhos, persiste e se re-significa em alguns dos discursos analisados, já não é tão forte, embora ainda se faça muito presente. Este modelo tradicional que representa o poder, a riqueza, a força, a autoridade, o domínio e a virilidade, sendo um ideal a ser seguido, esteve presente de forma notável nos discursos do pai de Marco (Pedro), no pai de Edson (Paulo), estando presente também em diferentes proporções nos discursos dos informantes Edson, Norberto e Bartolomeu.

No meio da complexidade dos processos identificatórios, e da constatação de uma história de rupturas e transformações, a paternidade é reinventada, dividida e multiplicada. A família ganha outro espaço, sua função social e simbólica sofre um processo de esvaziamento (ROURE, COELHO & RESENDE, 2001). Outras configurações de família ganham maior destaque e espaço, surgem novas formas de subjetivação, novos referenciais. Ainda assim, esta instituição continua sendo um importante espaço de diálogo e convívio de diferentes gerações e de distintas concepções de mundo. Os avós apresentam-se como figuras importantes neste diálogo intergeracional, tendo surgido nos discursos de Marco e de Tarcísio e Leonardo.

Como já foi referido no início deste estudo, de acordo com Paniagua (2000) os avós são aqueles responsáveis pela manutenção das tradições e dos mitos familiares, trazendo consigo mandatos tradicionais de masculinidade e feminilidade. No caso de Marco, seus avós foram os responsáveis pela sua criação participando, conseqüentemente, de forma ativa na construção de suas concepções de paternidade e masculinidade. Já no caso de Leonardo e Tarcísio, seu avô surgiu em seus discursos como uma referência de autoritarismo e educação violenta, que modelou o tratamento de seu pai na relação com os filhos. Este modelo de paternidade só não foi exercido pelo pai com o mais novo (Tarcísio). Foi possível notar nesta família como o autoritarismo e a violência, colocados como características de masculinidade, passaram de geração a geração, trazendo conseqüências diversas para estes sujeitos e definindo o exercício da paternidade e a construção de masculinidades e feminilidades.

Os discursos sobre paternidade e masculinidade apresentados nesta dissertação

apontam para um momento de mudanças, onde o antigo e o novo convivem e disputam espaço. Tomando por base o entendimento de que o que significa no discurso são as posições discursivas influenciadas por ideologias e pelo contexto socio-histórico (ORLANDI, 1999), as posições de pai e de homem dos sujeitos desta pesquisa encontram-se e desencontram-se na construção de suas subjetividades, ampliando a arena de possibilidades de exercícios de masculinidade e paternidade como também, em alguns casos, impedindo movimentos de mudanças. O modelo tradicional de ser homem reinventa-se e mescla-se com características de um homem dito mais moderno para alguns dos informantes (Tarcísio, Leonardo, Marco).

Neste campo de possibilidades, de novas subjetivações, a questão do poder das mulheres na família ficou evidenciada, marcando a influência das mães até na alteração dos modos de ser homem e pai em alguns casos. Afirmo isto pensando inclusive nas heranças culturais e nas relações geracionais. Marco foi criado pelos avós e mora até hoje com sua avó. Na família do informante Edson, seu pai (Paulo) havia sido criado apenas pela mãe e no atual contexto familiar, era a esposa (mãe de Edson) que tinha a palavra nas decisões cotidianas, portanto o poder feminino era muito presente, já desde a geração anterior. Na família de Oswaldo não era diferente, seu pai também fora criado inicialmente apenas pela mãe, antes de ter sido deixado em um abrigo de menores. Em seu atual contexto familiar, sua esposa (mãe de Oswaldo) tinha sido quem sustentara o lar, já que tivera oportunidades de trabalhos mais estáveis que ele. Após o derrame que limitou seus afazeres, dona Clotilde parou de trabalhar, passando a ser, juntamente com o marido Bartolomeu, sustentada por seus filhos. E, finalmente, na família de Tarcísio e Leonardo, a mãe teve participação fundamental na mudança do pai, proporcionando a estabilidade da família que estava prestes a ruir com os atos violentos do marido e em consequência de seu alcoolismo. A mãe aparece nos discursos destes jovens como uma grande guerreira, à qual Leonardo se identifica e a quem admira.

O poder da mulher era, portanto, forte e presente nestes contextos familiares, perpassando as gerações. Forte e onipresente assim como a mãe teorizada por Freud, na psicanálise. Esta mãe que, tanto para o menino quanto para a menina, é o primeiro objeto de amor, intensa e exclusivamente amada nos primeiros anos de vida. Ela é o representante do Outro para a criança, é objeto de identificação, sendo vista como fálica e poderosa. É através do discurso da mãe que o pai é simbolizado e surge como terceiro, na relação edipiana. Portanto, já desde Freud, tanto para o menino quanto para a menina, é destacada a importância da relação com a mãe na organização do psiquismo e na construção da subjetividade da criança.

Apesar desta dissertação não ser sobre mulheres, como em todos os estudos de

gênero, o outro da relação se presentifica na pesquisa empírica. Considerando que gênero é um conceito relacional, o que significa dizer que masculinidades e feminilidades só se constroem nas relações contrastivas homens/mulheres (como experiências empíricas, simbólicas ou imaginárias), era inevitável que as mulheres surgissem também como sujeitos, na construção dos sentidos de masculinidade e paternidade para os homens entrevistados.

A relação entre os ideais tradicionais de masculinidade e do pai como uma figura patriarcal, surgiu nos discursos de vários sujeitos desta pesquisa, porém de uma forma menos valorizada entre os mais jovens. Esta relação aparece como relevante e importante característica nos pais das gerações anteriores. Apesar de um ideal de masculinidade tradicional ainda persistir, novas expressões de ser masculino vêm aos poucos ganhando espaço. O exercício da paternidade perde características de autoritarismo e poder exacerbado, dando lugar a outras maneiras de ser pai, que incluem maior expressão de afeto e participação nos cuidados com os filhos. Todas essas formas de ser pai e homem coexistem no cotidiano destes sujeitos, caracterizando um momento de transformações e novos posicionamentos. Apesar disso, muitas mudanças ainda permanecem no plano das idéias e do discurso, conforme observado na família de Marco e apontado em outras pesquisas.

O velho e o moderno convivem em algumas famílias, onde aspectos agora indesejáveis são suprimidos e outros permanecem fortes, ocorrendo uma mescla de ideais antigos e novos. Figueira (1986) chegou a esta conclusão já na década de 80, em estudo com famílias de camadas médias. Ressaltou que, perto de um grupo ou de alguém que se mostra como moderno, existe sempre alguém que desempenha a função de “encarnar tudo o que não se quer (mais) ser/ter” (FIGUEIRA, 1986, p. 29). Este autor questionou, na época em que seu estudo foi realizado, se realmente havia uma nova família brasileira. Segundo ele, o processo de modernização da família brasileira inseria-se, então, na “ideologia do igualitarismo”, apresentando-se mais no plano do ideal do que no do real. Concluiu que a família modernizada mostrava-se hesitante e ambígua, considerando que o processo de modernização se dava de formas múltiplas e complexas, não lineares.

No jogo discursivo de ser homem e ser pai dos sujeitos desta dissertação, modelos ideais tradicionais ora eram relativizados, ora lutavam por garantir espaço, resistindo ao novo. Seria este um momento de reinvenção de ser homem e de ser pai? Para Hurstel (1999), a paternidade contemporânea encontra-se em momento de ruptura, mudança, evolução, mutação. Progressivo ou não, lento ou rápido, este processo caracteriza a paternidade e sua transmissão de valores e modos de agir, de pais para filhos. Usando o raciocínio de Hurstel, é possível tecer conclusões similares quanto à masculinidade.

E aonde vamos chegar? O pai perde importância? Ele ganha, certamente, nova roupagem. Talvez o objetivo seja chegar à desconstrução de modelos hegemônicos, exercitando um maior equilíbrio de poder nas relações e respeito à diversidade, nos diferentes campos possíveis de ser homem e pai nesta sociedade. Nesta dissertação, a psicanálise foi uma das ferramentas utilizadas para a discussão destas questões.

É inevitável destacar a queda da função paterna, da autoridade do pai e o enfraquecimento do poder familiar. De acordo com a psicanalista Marcela C. de Castro Decourt (2004), em seu doutoramento em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem ocorrido na contemporaneidade uma terceirização da função paterna, o estado moderno gerou um declínio nos ideais na cultura, causando uma mudança na função de pai. Sua legitimidade, segundo a autora, deixa de ser sustentada por figuras que o representam socialmente, como deus ou o rei. Ele passa a ser definido a partir de suas tarefas e atribuições. Sua condição soberana declina, portanto, perdendo a autoridade tão presente outrora. Assim, o sujeito na contemporaneidade estaria desprovido de um pai que fosse o responsável por sustentar a função fálica. Decourt (2004, p. 40) ressalta ainda que, de Freud a Lacan, “assistimos a um movimento de (des)construção da função paterna, movimento este que acompanha o declínio dos ideais no âmbito da cultura”.

A função paterna perde progressivamente seu poder. A onipotência social e familiar do pai de gerações anteriores, começa a ceder espaço para a multiplicidade da função paterna. (e a psicanálise é fundamental para o entendimento deste processo). Homens renunciam aos poucos à idéia de serem necessariamente os “chefes de família”, tornando-se cada vez mais distintos de seus próprios pais. Um modelo ideal de ser pai e também de ser homem rude, é relativizado. Tradições, valores e obrigações já não mais garantem um lugar para um pai.

Um dos efeitos do declínio da imagem social da função paterna, de acordo com o psicanalista Oscar Zack (2006) em seu texto sobre a virilidade e os Nomes-do-pai, seria esta resistência, ou até rejeição de muitos homens, em assumir a responsabilidade de parceiros estáveis, de serem pais, ou do sustento da família. Este declínio, segundo o autor, “arrasta em sua queda a virilidade” e produz “uma desordem na tradição que marcava o laço entre os sexos” (ZACK, 2006, p.184). Este autor discute e aponta a idéia de que um declínio na virilidade dos homens contemporâneos tem relação direta com o declínio do pai.

Estes aspectos podem ser referidos na análise dos discursos de alguns sujeitos entrevistados, principalmente o do informante Oswaldo, quanto à relação de seu pai com o sustento da família e nos relatos dele e do irmão ao caracterizarem Bartolomeu como pai, idealizando suas próprias experiências de paternidade (como experiência ou como aspiração).

Esta relação entre virilidade/masculinidade e declínio da função paterna traz em seus efeitos novas formas de subjetivação, de relações intrafamiliares, definindo outras possibilidades de posicionamento dos sujeitos frente à paternidade e à masculinidade, conforme os discursos dos informantes desta pesquisa.

No final dos parágrafos conclusivos para esta dissertação e pensando no ponto de vista educativo e político, faz-se importante assinalar que tanto masculinidade quanto feminilidade são efeitos de uma aprendizagem cultural, de uma construção social, apresentando-se de diferentes formas em diferentes grupos. Considerando que nem todos os homens ou mulheres são iguais, a expressão de muitos caminhos possíveis para as posições de sujeito masculinos e femininos tem ganho maior visibilidade, caminhos estes distanciados de preceitos de uma sociedade patriarcal impositiva.

É importante enfatizar que masculinidades e feminilidades não existem de maneira absoluta, visto que são elaborações simbólicas, sociais e históricas. Indo além de características biofisiológicas, as diferenças entre homens e mulheres não são categorias fechadas e nem sequer naturais, sendo resultado de uma complexa construção social. Os autores referenciados foram de grande auxílio para esta discussão, ao afirmarem que não existe uma única masculinidade ou uma única experiência de ser homem. Uma variedade de posições e relações sociais estão em jogo, construindo maneiras distintas de experienciar masculinidades e paternidades, marcadas por diferenças étnicas, de condições sociais e econômicas, crenças, valores religiosos, entre outras.

Desta forma, esta pesquisa procurou aprofundar discussões da área de gênero e família, buscando promover equidade de gênero, diversidade e cidadania. Lembrando que esta não é uma tarefa fácil, visto que rompe com um padrão tradicional há anos cuidadosamente instituído, Trujillo & Fajardo (2006) ressaltam a importância de mostrar outras maneiras de se entender tanto masculinidades e feminilidades (e eu acrescentaria aqui, em consequência, o exercício da paternidade), desligadas das afirmações de virilidade ou submissão, permitindo diferentes exercícios de paternidade e maternidade.

Mudanças estão em processo, novas gerações trazem outros olhares para as relações de gênero e para a paternidade, buscando se distanciar de modelos preestabelecidos. Junto ao que persiste do passado, do tradicional, possibilidades de novas significações socio-culturais de masculinidade e paternidade têm se tornado uma característica desta época, momento propício para transição e experimentação de outras posições de sujeito, de outras combinações de posicionamento e de discursos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. *Cadernos de Gênero e Tecnologia/Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná*. Curitiba: CEFET-PR, n.1, p. 9-17, fev/ mar/ abr. 2005.

ALBANO, S., LEVIT, A. & GARDNER, H. *Glosario de Términos Lacanianos*. 1.ed. Buenos Aires: Quadrata, 2005.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de Si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico/95*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ARILHA, Margareth. *Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1999.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Lílian Adeodato. *Reflexões sobre o Pai – Um Estudo sobre a Construção da Paternidade na História de Vida e no Desenvolvimento do Sujeito*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CONNELL, Robert. W. Psychoanalysis on Masculinity. In: KAUFMAN, M.; BROD H. (Org). *Theorizing Masculinities*. Thousand Oaks, California/US: SAGE Publications, 1994, p. 11-38.

CONNELL, Robert. W. *Masculinities*. Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, Robert. W. Políticas de masculinidade. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v.20 n.2, p.185-206, jul./dez.1995.

CONNELL, Robert. W. La organización social de la masculinidad. In: VALDÉS, Tereza y OLAVARRÍA, José (Org.) *Masculinidad/es*. Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 31-48.

CONNELL, Robert. W. *The Men and the Boys*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

DECOURT, Marcela Cruz de Castro. *Para Além do Pai Está o Homem: A Função Paterna de Freud a Lacan*. Dissertação (Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

DECOURT, Marcela Cruz de Castro. *Psicanálise e Família. A Terceirização da Função Paterna na Contemporaneidade*. Tese de Doutorado (Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DELGADO, Osvaldo. Père-version. “Tauglich”. In: *Scilicet dos Nomes-do-Pai*. Textos preparatórios para o Congresso de Roma da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), 2006.

DOR, Joel. *O pai e sua função na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

FAUR, Eleonor. Masculinidades y famílias. In: A. DONINI. *Sexualidad y familia: crisis y desafíos frente al siglo XXI*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2005, p.115-139.

FIGUEIRA, Sérvulo A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (Org). *Uma nova Família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986, p. 11-30.

FINK, Bruce. *O sujeito Lacaniano. Entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1998.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, nº 10, p. 58-78, jan/fev/mar/abr., 1999.

FONSECA, Claudia. Honra, humor e relações de gênero: um estudo de caso. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Org). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 310-333.

FOUCAULT, M. A história da sexualidade I: a vontade de saber. 1ª ed.1976. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FULLER, Norma. (Org.). Significados y prácticas de paternidad entre varones urbanos del Perú. In: *Paternidades en América Latina*. Lima/Peru: Pontificia Universidad Católica Del Perú, 2000, p. 35-89.

FULLER, Norma. *Identities masculinas*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1997.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: CTC Ed., 1989.

GOLDENBERG, Mirian. O macho em crise: Um tema de debate dentro e fora da academia. In: *Os novos desejos: das academias às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 15- 39.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HEILBORN, Maria Luiza; CARRARA, Sergio. *Em cena, os homens...* Revista Estudos Feministas, Rio Janeiro: v. 6, n° 2, p. 370-374, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando Zarco. *Construcción Psicosocial de Masculinidades en Grupos de Ayuda Mutua*. 2006. 130f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Psicologia). Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, Morelia Mich., México, 2006.

HIGATE, Paul; HOPSON, John. War, Militarism, and Masculinities. In: KIMMEL, M. S.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. *Handbook of Studies on Men & Masculinities*. Thousand Oaks, California, US: Sage Publications, 2005, p. 432-447.

HURSTEL, Françoise. *As novas fronteiras da paternidade*. Campinas: Papius, 1999.

INSTITUTO PAPAI. *Homens nos Serviços Públicos de Saúde - Rompendo barreiras culturais, institucionais e individuais Recife, Florianópolis e São Paulo*. Projeto de pesquisa. Recife, 2004. 17 p.

KAUFMAN, Michael. Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: VALDÉS, Tereza y OLAVARRÍA, José (Org.) *Masculinidad/es*. Santiago: FLACSO/ISIS Internacional, Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 31-48.

KEIJZER, Benno de. Paternidades y transición de género. In: FULLER, Norma. *Paternidades*

en America Latina. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Peru, 2000. p. 215-240.

KIMMEL, Michael S. Homofobia, temor, vergüenza y silencio em la identidad masculina. In: VALDÉS, T.; OLAVARRÍA, J. (Org.). *Masculinidades*. Santiago: Isis Internacional; FLACSO Chile, 1997, p. 49-62.

LACAN, Jacques. *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo - ensaio de análise de uma função em psicologia*. 1ª ed.1938. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1984.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 5. As Formações do Inconsciente 1957-1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais ainda*. 2ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LAGO, Mara Coelho de Souza. *Modos de Vida e Identidade. Sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1996.

LAMB, Michael E. Fathers and Child Development: An Introductory Overview and Guide. In: LAMB, Michael E. (Org). *The Role of the Father in Child Development*. 3ªed. New York: John Wiley & Sons Inc., 1996, p 1-18.

LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEITE, Nina. *Psicanálise e análise do discurso. O acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

LEWIS, Charlie & O'BRIEN, Margaret. *Reassessing Fatherhood. New Observations on Fathers and the Modern Family*. London: Sage Publications, 1987.

LYRA, Jorge. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. U.; MEDRADO, B. (Org.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECCOS, Editora 34, 1998, p.185-214.

LYRA, Jorge & MEDRADO, Benedito. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: SCHOR, N., MOTA, M. do S. F.T

& BRANCO, V.C (Orgs.). *Cadernos juventude, sexualidade e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999, p. 230-248.

LYRA, Jorge & MEDRADO, Benedito. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v.8, n.1, p.145-158, 2000.

LONGHI, Márcia. *Ser homem, pobre e pai*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2001.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). *Mannheim*. Col.Grandes Cientistas Sociais-25, São Paulo, Ática, 1982, p. 67-95.

MELER, Irene. La sexualidad masculina. Un estudio psicoanalítico de género. In: MELER, Irene & BURIN, Mabel (Org). *Varones. Género y subjetividad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2000, p. 149-198.

MONTESINOS, Rafael. *Las Rutas de la Masculinidad. Ensayos sobre el cambio cultural y el mundo moderno*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002.

NASCIMENTO, Pedro F. G. '*Ser homem ou nada*': *Diversidade de experiências e estratégias de atualização do modelo hegemônico da masculinidade em Camaragibe/PE*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1999.

NASIO, Juan David. *Lições sobre os 7 conceitos Cruciais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

OLAVARRÍA, José. Ser padre en Santiago de Chile. In: FULLER Norma. *Paternidades en America Latina*. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Peru, 2000, p. 129-173.

OLAVARRÍA, José *Y todos querían ser (buenos) padres. Varones de Santiago de Chile en conflicto*. Santiago: FLACSO, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de Oliveira. Discursos sobre masculinidade. *Revista de Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

ORLANDI, Eni. P. *As formas do silêncio. No movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

ORLANDI, Eni. P. Dispositivos da Interpretação. In: *Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 79-98.

ORLANDI, Eni. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PANIAGUA, Humberto Abarca. Discontinuidades en el modelo hegemónico de masculinidad. In: GOGNA, Mónica (Org.). *Feminidades y Masculinidades. Estudios sobre salud reproductiva y sexualidad en Argentina, Chile y Colombia*. Buenos Aires/Argentina: CEDES, 2000. p. 193-244.

ROMANELLI, Geraldo. A Entrevista Antropológica: Troca e Alteridade. In: ROMANELLI, G. et al. (Orgs.) *Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa*. Riberão Preto: Legis Summa, 1998. p. 119-133.

ROUDINESCO, Elisabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ROURE, Glacy Queirós de; COELHO, Jaqueline Moreira; RESENDE, Juliana Cherobino de. Família contemporânea: entre o passado e o futuro. In: RIZZINI, Irene; SOUSA, Sônia M. Gomes (Org). *Desenhos de Família. Criando os filhos: A família goianiense e os elos parentais*, Goiânia: Cãnone Editorial, 2001, p. 193-216.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org) *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.183-215.

SCHEJTMAN, Fabían. Sexuação. Sexuação e Nome-do-pai: o para além do Édipo...hoje. In: *Scilicet dos Nomes-do-Pai*. Textos preparatórios para o Congresso de Roma da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), 2006, p. 160-161.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 131-137.

SCOTT, R. Parry; ATHIAS, Renato Monteiro; LONGHI, Márcia Reis. Como nossos Pais? Homens e gerações em três contextos diferentes em Pernambuco. In: ADORNO, R. C. F.; ALVARENGA, A. T.; VASCONCELOS, M. P. C. (Org). *Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos*. São Paulo: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 121-145.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TONELI, Maria Juracy, ADRIÃO, Karla Galvão, BEIRAS, Adriano & TAGLIAMENTO, Grazielle. Paternidad y Juventud: Investigando el Universo de Estratos Populares en el Sur de Brasil. *La Ventana Revista de Estudios de Género*, Guadalajara/México, v. 3, n. 23, p. 213-236, 2006a.

TONELI, Maria Juracy, BEIRAS, Adriano, LODETTI, Alex Simon, LUCCA, Danieli de, GOMES, Marcela de Andrade & ARAÚJO, Suzana Almeida. Cambios y Permanencias: Investigando la Paternidad en contextos de baja renta. *Revista Interamericana de Psicología/ Interamerican Journal of Psychology*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 303-312, 2006b.

TRINDADE, Zeidi. A. *As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese de Doutorado (Psicologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

TRUJILLO, Carlos D. Carillo & FAJARDO, Jorge A Revilla. Masculinidad entre padres (madre y padre) e hijos. *La Ventana Revista de Estudios de Género*, Guadalajara/México, v. 3, n. 23, p. 95-126, 2006.

UNBEHAUM, Sandra G. *Experiência Masculina da Paternidade nos Anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Núcleo de Pesquisas Margens. Modos de Vida, Família e Relações de Gênero. *Violência Sexual e Saúde Mental: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência sexual*. Projeto de Pesquisa. Florianópolis, 2006. 12 p.

VIGOYA, Mara. V. Paternidades y masculinidades en el contexto colombiano contemporáneo, perspectivas teóricas y analíticas. In: FULLER, Norma. *Paternidades en America Latina*. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Peru, 2000, p. 91-127.

ZACK, Oscar. Virilidade. Calças de flanela. In: *Scilicet dos Nomes-do-Pai*. Textos preparatórios para o Congresso de Roma da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), 2006.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N. et al. (Orgs.) *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em psicologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.

APÊNDICE A - Roteiros para entrevistas

Roteiro sócio-demográfico:

Nome:

Idade:

Grau de escolaridade:

Religião:

Naturalidade:

Profissão:

Renda:

Roteiro de entrevista com o filho:

Fale-me um pouco sobre sua família...

Conte-me sobre sua família de origem...

Para você, o que é “ser pai”? Poderia me falar sobre isso? Como você descrevia seu pai?

Fala-me sobre sua relação com seu pai...

O que é ser homem pra você?

O que você entende como masculino/masculinidade? Que características tidas socialmente como masculinas você acredita ter? E femininas?

Que participação tem seu pai neste entendimento? Que características masculinas que você tem hoje você atribui a seu pai?

Você acredita que a maneira de você ser pai será (ou é) diferente de como seu pai foi (ou é) com você?

Que relação você estabelece entre o seu entendimento do que é masculinidade e sua relação com seu pai?

Você acredita que os sentidos dados à masculinidade na atualidade são diferentes da época de seu pai?

E com relação à paternidade?

Se tiver filho: fale-me sobre sua relação com seu filho...

Roteiro de entrevista com o pai:

Fale-me um pouco sobre sua família...

Conte-me sobre sua família de origem...

O que é ser pai pra você? (aspectos sobre a dinâmica familiar, relacionamentos, semelhanças e diferenças com a sua família atual).

Fala-me sobre sua relação com seu pai...

O que é ser homem pra você?

O que você entende como masculino/masculinidade? Que características tidas socialmente como masculinas você acredita ter? E femininas?

Que participação tem seu pai neste entendimento? Que características masculinas você tem hoje e atribui a seu pai?

Você acredita que a maneira de você ser pai hoje é diferente de como seu pai foi (ou é) com você?

Fale-me sobre sua relação com seu filho...

Que relação você estabelece entre o seu entendimento do que é masculinidade e sua relação com seu pai? E com relação ao seu filho?

Você acredita que suas percepções do que é masculino e feminino são diferentes daquelas de seu filho?

Você acredita que os sentidos dados à masculinidade na atualidade são diferentes da época de seu pai? E com relação à geração de seu filho? E com relação à paternidade?

Roteiro de entrevista com a mãe:

Fale-me um pouco sobre sua família ...

Conte-me sobre sua família de origem (aspectos sobre a dinâmica familiar, relacionamentos, semelhanças e diferenças com a sua família atual).

Fale-me sobre a relação de seu filho com seu companheiro...

Fale-me sobre sua relação com seu filho...

O que é ser homem e o que é ser mulher para você?

Você acredita que suas percepções do que é masculino e feminino são diferentes daquelas de seu filho?

Você acredita que os sentidos dados à masculinidade na atualidade são diferentes da sua geração? E com relação à paternidade?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Adriano Beiras e estou desenvolvendo a pesquisa “**A Negociação de Sentidos Sobre Masculinidades e Paternidades em Contextos Populares de Florianópolis**”. Para tanto, serão realizadas entrevistas gravadas com você e seus familiares (pai/mãe/filho). Pedirei que você me conte algumas coisas de sua vida pessoal e peço a sua permissão para usar um gravador para registrar a sua fala. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelo telefone (48) 3721-8215 - Núcleo de Pesquisa *Margens* - Modos de Vida, Família e Relações de Gênero, do Departamento de Psicologia da UFSC. Se você estiver de acordo em participar, posso garantir que as informações fornecidas serão confidenciais e só serão utilizadas neste trabalho.

Assinaturas:

Pesquisador principal _____

Orientadora do pesquisador responsável _____

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa “A Negociação de Sentidos Sobre Masculinidades e Paternidades em Contextos Populares de Florianópolis” e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

(local e data)

Assinatura: _____

RG: _____